

# militia

ANO V  
JULHO/AGOSTO

N.º 29  
— 1952



1387/19-24  
Imo, Sr.  
Ten. Cel. RUBENS TEIXEIRA BRANCO  
S. T. M. da F. Publica  
AFITAL - JULHO

# SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Fachada do atual Quartel General da Força Pública.

EDITORIAL ..... 5

## DIVERSOS

Higiene mental — Mário Yahn.....	6
Princípio da autoridade — cel. Niso Montezuma .....	12
Coisas da Força Pública — cel. Anchieta Torres .....	14
Diretrizes Montezuma — ten. cel. Alves Mata .....	20
Nós e o F.B.I. — 1.º ten. Miguel M. Sendin .....	22
Roteiro de um chefe — major Darcy Fontenelle de Castro .....	26
O direito militar nos programas jurídicos de nossas universidades — J. F. de Barros Santiago .....	32
O Problema n.º 1 de São Paulo — ten. Monte Serrat Filho .....	36
A Escrava do Dever — cel. Peres Barbosa .....	41
Valor Pessoal (determinação e desenvolvimento) — cap. Rodolpho Assumpção .....	44
Fugas de Presos — ten. Evandro F. Martins .....	52
O Supremo Tribunal defende o Cinema Brasileiro — Ortiz Monteiro ..	54
Secção de Reembolsáveis — cap. Francisco V. Fonseca .....	56
O guarani teórico .....	113

## NOTICIÁRIO

Centro de Estudos Médicos .....	65
Entrevista do comando do 8.º B.C. ....	65
O salto nas trevas — cap. Bento de Barros Ferraz .....	76
A epopéia do "Jahu" — ten. Hildebrando Chagas .....	84
Comemoração do XX aniversário da Revolução Constitucionalista .....	86
Visitantes ilustres .....	88
A Cruz Azul festejou seu 27.º aniversário .....	90
Páscoa dos Militares .....	92
Ecos dos acontecimentos da Ilha Anchieta .....	94
Postos de Salvação .....	97
Novos carros para o C.B. ....	98
Reunião Artístico-Cultural .....	100
Visita da co-irmã Goiana .....	101
Despedida do cap. Delídio .....	102

## NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Ceará .....	103
Minas Gerais .....	103
Sergipe .....	104
Rio Grande do Sul .....	105
Rio de Janeiro .....	106

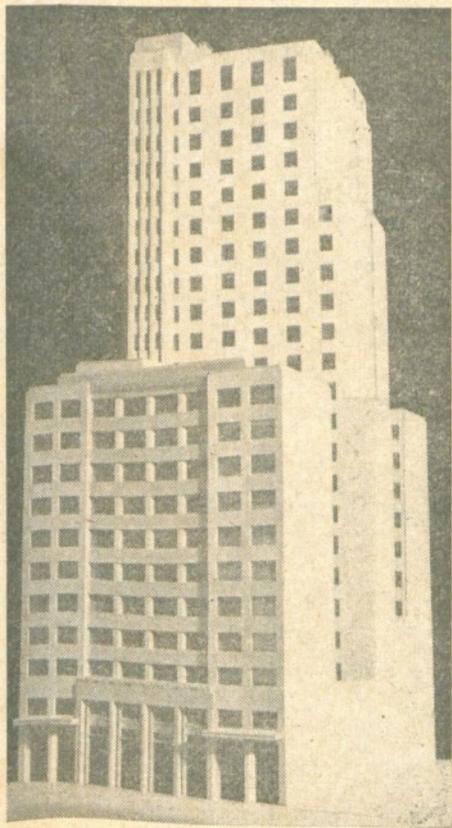
## EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Os campeões também caem .....	107
Tiro ao alvo .....	108
Campeão o S.T.M. ....	110

## RECREAÇÃO

Secção de Édipo .....	111
-----------------------	-----

# COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS



Fachada do edifício — sede, em São Paulo

Secção especializada em fornecimentos às Repartições Públicas, a cargo dos srs.

CIRILO ELOY PESSOA DE  
BARROS

- e -

WALTER DO AMARAL

— :: —

TELEFONES:    { 33-5129  
Rede Interna    { 33-5120  
                  { 33-6644

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 700-722

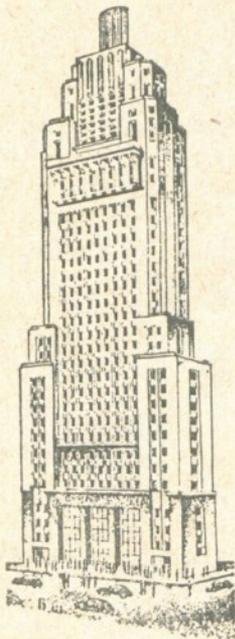
CAIXA POSTAL, 192

END. TELEGR. "TECIDOS"

SÃO PAULO

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

**SERVIÇO BANCÁRIO**

**RÁPIDO**

**EFICIENTE**

**SEGURO.**

O nosso

**DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,**

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

**RECEBER DEPÓSITOS**

ou

**PAGAR CHEQUES**

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO**

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: -BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

# Editorial

*Escoaram-se vinte anos a contar do épico movimento constitucionalista que, eclodindo em São Paulo, constituia a bandeira da aspiração nacional.*

*Dia a dia, na perspectiva histórica, mais se avulta aquêlê marco.*

*Desanuviado dos interesses e paixões que o tempo corrói e apaga recorta-se no horizonte do passado, com linhas cada vez mais distintas, qual granítico monumento.*

*É um monobloco, símbolo inconfundível da vontade inabalável e coesa de brasileiros que, acima do direito da Fôrça, colocaram a fôrça do Direito.*

*Constitue nas páginas contemporâneas da nossa história a mais palpitante afirmação de civismo. Foi a concretização do ideal no real.*

*Se a Revolução Constitucionalista se circunscreve no tempo, os ideais que a impulsionaram são intemporais.*

*Aquela nasceu, viveu e findou-se no mundo físico; êstes permanecem vivazes na plano espiritual.*

*Os fatos se conservam no cofre da história; os ideais se guardam ciosamente no coração do Brasil.*

*Aquêles já se situam no pretérito; estes permanecem e permanecerão no presente e no futuro.*

*Alimentam a chama purificadora onde se crestam a tirania e as ambições pessoais.*

*São uma luz votiva, iluminando perenemente a Liberdade e a Justiça.*

*São a expressão lídima dos sentimentos nacionais.*

*São corporificados, sobretudo, no holocausto dos que, perecendo no campo da luta, optaram pelos princípios da consciência, seguros de que só com a Liberdade, o Direito e a Justiça se poderia manter o lema :*

**"PRO BRASILIA FIANTE EXIMIA".**

# HIGIENE MENTAL

Primeiro de uma série de dois artigos

O dr. Mário Yahn é dos psiquiatras mais conceituados desta capital. Personalidade que se impõe pelo equilíbrio de suas grandes qualidades, vasta cultura científica, estudioso, professor inato, tem sido um dos motores do progresso psiquiátrico no Hospital do Juqueri, onde sucedeu ao grande psiquiatra Fausto Gerner na direção do 5.º Pavilhão Feminino. Nome conhecido e respeitado nos meios psiquiátricos mundiais, por seus numerosos trabalhos científicos, por si próprio ou em colaboração, especialmente um sobre lobotomia.

Não satisfeito com seus conhecimentos psiquiátricos e neurológicos (foi assistente da cátedra de Neurologia da Escola Paulista de Medicina), enveredou seus esforços pela psicanálise e higiene mental. Fruto desta sua nova orientação foi a recente série de quatro conferências com que honrou o Centro de Estudos Médicos da Força Pública. Não é esta aliás, a primeira vez em que o dr. Yahn presta serviços à Força Pública, tendo colaborado ativamente com seus conselhos e orientação em um trabalho publicado na «Revista da Cruz Azul», em 1942, sobre a organização de um Serviço de Seleção Mental.

Fruto desta sua boa vontade para com a Corporação é a autorização para publicação do presente trabalho, capítulo de um livro a sair a lume próximamente.

ORESTES BARINI  
Major médico da F.P.

## GENERALIDADES

**D**A mesma forma que há uma higiene geral ou especializada em diversos setores, também há uma higiene mental, cuja história é muito mais curta do que a da higiene médica propriamente dita.

A Higiene Mental reúne os conhecimentos e os conceitos que contribuem

para uma vida psíquica mais saudável. Ela visa dois objetivos principais: a) a profilaxia da loucura e de outras perturbações psíquicas ou psicológicas menos graves; b) o estabelecimento de regras e conceitos graças aos quais se pode conseguir que, psicologicamente, o indivíduo leve uma vida mais equilibrada e normal. Dos dois aspectos, o mais importante é o segundo porque, atingido o objetivo por êle proposto, é pouco provável o aparecimento das psicoses, pelo menos de certos tipos de psicoses, que dependem mais de fatores psicológicos que de fatores orgânicos.

Veremos, quando cuidarmos da profilaxia da loucura, o que o estudo direto das moléstias mentais nos permite concluir a respeito desta questão, que compreende uma análise mais detida de fatores biológicos, tais como a hereditariedade, as moléstias gerais que comprometem o psiquismo, as infecções, intoxicações etc.

Por êsse motivo, reservaremos a expressão "Higiene Mental" para as cogitações relativas ao segundo grupo, empregando, para o primeiro, o termo profilaxia da loucura. No entanto, não é possível separar, de maneira incisiva, uma cousa da outra posto que, os fatores biológicos e patogênicos estão sempre associados a fatores de ordem psicológica.

Somos obrigados a dizer que a higiene mental teve suas origens na observação desse fenômeno tão singular, que é a loucura. Sômente depois que se compreendeu alguma cousa a seu respeito, começaram realmente os progressos no sentido da higiene psíquica. Assim como, em remotos tempos, já se sabia que sezões apareciam nos indivíduos residentes nas zonas dos paúis,

onde reinavam os miasmas, sem que houvesse o menor conhecimento da existência do plásmódio e do papel vector do mosquito, também a loucura foi apontada como dependendo de castigos mandados pelos deuses irados, de preocupações exageradas, de abusos do álcool, de moléstias gerais sem que, no entanto, pudessem ser estabelecidos elos intermediários relacionando causas supostas com conseqüências mórbidas evidentes. Os progressos no sentido da Higiene Geral precederam, sem dúvida os da Higiene Mental por motivos facilmente compreensíveis. No fim do século passado e no começo do atual, a medicina se enriqueceu com descobertas de alta importância (microbiologia, bacteriologia, anatomopatologia, biologia clínica), de caráter concreto, objetivo, em que o material de estudo era visível, palpável e sujeito a discussão ampla, sem influências pessoais arraigadas. Muito diversas eram as condições para uma melhor penetração no domínio do psiquismo.

Neste caso, o próprio psiquismo é objeto de discussão e observação, e sabemos muito bem que o psiquismo não tem a passividade dos objetos de estudo das ciências experimentais.

É verdade que a psicologia experimental já se fazia como, ainda hoje, se faz, mas apenas os setores mais superficiais da alma humana eram estudados. Trabalhos sôbre o poder da memória, sôbre a atenção e sôbre as demais faculdades intellectuais foram numerosos, mas não penetravam no dinamismo da vida psíquica. Ficavam, apenas, em detalhes que eram apreciados isoladamente. Depois, sôbre a relação entre os resultados parciais tiravam conclusões globais. Foi isso que fêz a psicologia associacionista, trazendo importantes

contribuições para o conhecimento das partes do psiquismo, mas permanecendo completamente fechada a uma penetração mais profunda e mais geral dos problemas humanos.

O psiquismo somente chegou a ser objeto de estudo verdadeiramente expressivo nos fins do século passado, graças à psicanálise, cujo descobrimento se deve a Freud, que a introduziu na prática.

Já o darwinismo havia dado um violento golpe no narcisismo humano, quando declarou que o "homo sapiens" descende de espécies inferiores. Pouco mais tarde, a Psicanálise fere, de maneira muito mais violenta, esse narcisismo, declarando que o homem não é tão livre e responsável como se presumia, mas que sua atividade, tanto física, como psíquica e social, era regida maiormente por instâncias psíquicas inconscientes e que as razões usadas para justificar sua conduta estavam longe de serem as verdadeiras. Ainda mais, as instâncias inconscientes eram desprovidas de toda a moral racional, tão valorizada em todas as épocas da história da humanidade, embora revestindo, em cada momento, características particulares a cada época. Assim, apreciando apenas o que sucedeu na civilização ocidental, podemos mencionar que a fidelidade e a lealdade eram as virtudes éticas mais importantes quando prevaleciam os regimens monárquicos, a honra foi muito enaltecida quando a burguezia atingiu o apogeu de sua evolução e as virtudes cívicas foram as mais cultivadas quando surgiu a implantação progressiva dos regimens democráticos, especialmente os republicanos. Vemos, sucessivamente, como, de uma instância para outra, a moral predominante estava, a princípio, fixada sobre a pessoa

concreta, que era depositária do poder. Depois passou para uma classe dominante, que também tem um aspecto concreto mas menos do que a personalidade objetiva do rei imperador. Finalmente, caiu a predominância numa concepção mais abstrata que é o domínio das instituições, tais como a legislação, os códigos, os padrões de cultura, as tradições etc. É claro que, a partir do primeiro estágio para o último, a abstração progressiva favorece a dissolução, porque é tendência humana acreditar mais no concreto do que no abstrato, principalmente para efeito de necessidades práticas. Vê-se aqui um paralelo entre o que dissemos há pouco, a respeito da evolução da ciência médica, que se solidificou pelo conhecimento do mundo biológico e material para, somente mais tarde, deixar caminho para a penetração na medicina psicológica, mais abstrata e mais difícil de ser apreciada, sentida.

Se as várias épocas se caracterizam por aspectos particulares, também na vida humana, desde o princípio, há fases que têm caracteres próprios. É o que acontece com o recém-nascido, com a criança em idade pré-escolar e escolar, com o púbere e com o jovem, com o homem maduro e com o velho e o senil. Há uma psicologia especializada nesse setor. É a psicologia evolutiva. Não basta ver as diferenças físicas que o indivíduo vai apresentando desde que nasce até a velhice. É necessário apreciar as diferenças psicológicas e os processos de passagem de um estágio para o outro sucessivo. Há necessidade de um certo traquejo para poder, imparcialmente, fazer esta apreciação. O adulto normal tem a tendência de se tomar como padrão para avaliar o que se passa com os seus semelhantes e jamais és-

se padrão poderá servir para uma criança. Por mais que se esforce, sua visão é, quase sempre, incompleta. A criança tem uma vida própria, que nada tem em comum com a vida do adulto. Ela tem interesses freqüentemente contrários aos dos adultos e que êste, raramente, se permite tolerar. Por seu turno, a criança só admite existência para aquilo que lhe interessa. O resto não chega a penetrar na integração da sua vida psicológica, por mais importante significado que possa ter para os adultos, em geral, e para os seus próprios pais. O mesmo acontece, mas em menor grau, entre o jovem e o homem maduro, e entre o velho ou o senil.

Cada um destes grupos tem a sua psicologia própria, que deve ser apreciada em conjunto, englobadamente, onde os detalhes não são independentes mas relacionados uns com os outros e com o conjunto, de tal modo, a assumir uma configuração própria, uma forma global que lhe é específica, em suma, uma "gestalt".

Do que acabamos de expor, três são os tipos de psicologia que devemos conhecer para poder trabalhar com o material clínico da Higiene Mental. São êles: a Psicologia Evolutiva, a Psicologia da Gestalt ou da Forma e a Psicanálise.

Mas, ao lado desses conhecimentos, que estudam o indivíduo em si, quer pela penetração das suas camadas psíquicas mais profundas, quer pela compreensão de uma evolução inevitável e quer, igualmente, pelo conhecimento de formas particulares de vida psíquica, não podemos prescindir da idéia de que os seres humanos vivem em sociedade, numa interrelação pessoal e interdependência muito estreitas, resultando disso condições particulares que são do do-

mínio da psicologia interpessoal como da sociologia. Tal interrelação se amplia muito, na época em que vivemos pela fácil comunicação entre os vários países e povos. Do âmbito individual, não só passamos ao social, mas a outro, mais complexo, que é o das diferenças de cultura entre povos e nações.

Numa época incerta quanto ao seu futuro, quando há grandes massas de seres humanos que emigram, levando consigo culturas de tipo diferente daquela do país para a qual se destinam, e quando milhares e milhões de deslocados e de desabrigados buscam um teto, o psicoigienista necessita ter alguns conhecimentos da antropologia cultural. Se não fôsse apenas por êsse motivo, havia um outro, mais importante e mais prático, que se refere às discussões sobre as diferenças ou superioridade de raças.

O aspecto social é ainda importante e toma características especiais quando nos lembramos que a humanidade deve o seu progresso material a grupos de trabalhadores organizados, particularmente nos países de civilização industrial avançada. A interrelação dos elementos desses grupos entre si, e dêles com os seus líderes e com os seus chefes cria problemas, não só materiais, mas psicológicos que são os mais importantes.

Atualmente, a procura dos motivos dos conflitos humanos, especialmente depois das descobertas da Psicanálise, se encaminha para o estudo da vida da criança. O indivíduo tende a repetir, em sociedade, sob aspectos diferentes, os mesmos conflitos havidos na vida infantil, particularmente na idade pré-escolar. Daí a razão de se proporcionar à criança uma vida estruturada num sistema familiar são e desprovido.

ao máximo, dos graves defeitos de visão egocêntrica dos adultos. Esta é uma das principais preocupações da moderna Higiene Mental.

Mas o indivíduo adulto não deve ser apenas um valor físico, mas econômico, social e moral, e por isso a Higiene Mental preocupa-se também com a educação escolar, profissional e social.

Finalmente, já adulto, passa o indivíduo a exercer uma atividade em estruturas sociais mais complicadas como a vida civil, a do trabalho industrial e a da sociedade moderna industrializada.

Com a limitação dos entrecosques consegue-se uma maior harmonia para que a sociedade chegue, de maneira menos turbulenta, aos seus fins. Um bem-estar físico, econômico, psíquico e social

é a base fundamental para uma vida regular e harmônica.

Foi somente em 1946 que a Organização Mundial de Saúde definiu a saúde como "um estado de bem-estar completo, físico, mental e social". Hoje sabemos bem que o conceito de saúde limitado ao bem-estar físico é obsoleto.

A Higiene Mental pode contribuir para esse objetivo, fazendo a profilaxia da loucura, sugerindo os melhores processos e orientações para a educação da criança, acentuando a necessidade de se prepararem os jovens para que representem um valor profissional e social mais firmes, estudando os motivos das tensões interpessoais, ajustando os indivíduos de acordo com as suas aptidões e capacidades, reunindo os mais desajustados para serem tratados em grupos segundo a psicoterapia de grupo. E assim por diante.

# VALE SAUDE



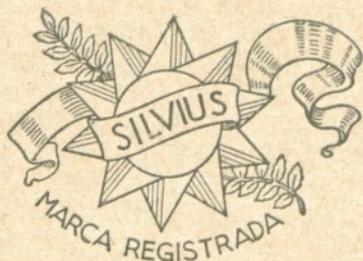
O Vinho Reconstituinte Silva Araujo tem todos os elementos necessarios á perfeita e rapida nutrição do sangue. Os grandes medicos dizem:

## VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAUJO

É o tonico que VALE SAUDE!

# José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 43-28-95 (RÉDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL  
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE  
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

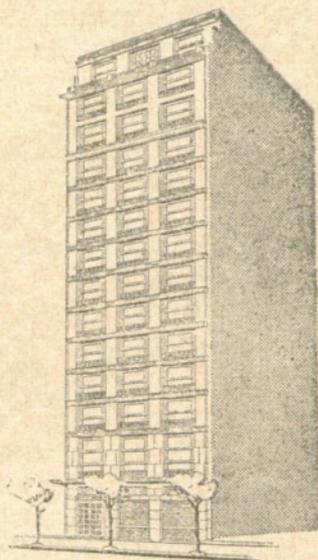
Departamento de vendas  
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

# Princípio da Autoridade

*Cel. Niso Montezuma*

Comandante da P. M. do Distrito Federal

A função da autoridade é — ou deve ser — preservativa da desintegração social.

Ensina a **História** que cada ciclo da civilização que se levanta vai — depois — pelo abastardamento dos verdadeiros princípios morais, solapando, neutralizando ou destruindo a ação dos legítimos valores humanos, até voltar ao aniquilamento, por falta do elemento preservador.

Limitado ao fato histórico dos romanos e bárbaros, o mais conhecido por ser o clássico, sabemos que o **Império Romano** romanizou o mundo, levando aos quatro cantos da terra as suas leis e sua jurisprudência.

Mas quando a **Autoridade** enfraquecida e atrofiada tornou-se inexpressiva e inoperante, tornou-se, também, impotente para conter a avalanche dos invasores bárbaros e o mundo romano desapareceu, soçobrou no tumultuar das bárbaras ondas germanas...

Roma caiu porque lhe faltou a coesão, que não é apenas a força material que liga entre si as diferentes partes de um todo, mas também, e sobretudo, a **Fôrça** espiritual que mantém essas partes em íntima associação, incluindo o sentimento, para que ao todo não falte harmonia nem ligação moral.

Roma caiu porque lhe faltou o elemento preservador, a **Autoridade**

capaz de coibir as dissolventes expansões materialísticas; a **Autoridade** capaz de distribuir justiça e de estimular o desenvolvimento da sadia mentalidade, do **espírito público**, à base do sentimento indispensável à coletividade para resguardar o bem comum.

Se esse bem comum tivesse podido ser compreendido com elevação e despreendimento, e, por conseguinte, com **espírito público**, por certo, de sua concepção haveria de decorrer mentalidade sadia e elevada capaz de suscitar grandes abnegações e profunda comunhão de ideais porque o sentimento teria imposto a união dos seres racionais irmanando-os pelo mesmo pensamento, pela comunhão dos corações no amor aos mesmos bens.

E como era nesse sentimento que haveria de repousar o segredo da força, com êle faltou alma e faltaram forças às **Legiões Romanas** para que pudessem resistir à ação dissolvente, faltaram forças capazes de impedir que elas se desfizessem e passassem pelas caudinas forças, enquanto, em seu palácio, **Augusto**, atônito, em vão clamava pelas legiões que **Varo** levava à destruição!...

E um novo ciclo de civilização se foi erguendo: — a civilização cristã e ocidental.

Os bárbaros se civilizaram, se cristianizaram, sem, entretanto, se esquecerem do valor do sentimento e, por isso, não colocaram a **Autoridade** da nova civilização na força nem, apenas, no **Direito**; mas em Deus.

Assim, a lição da **História** coincide com o que ensina a **Sagrada Escritura**, onde se encontra a transcrição do trecho de epístola de São Paulo aos cristãos de Roma:

«Todo homem esteja, pois, sujeito à autoridade superior, porque não há poder nem autoridade que não venham de Deus; e os que há, foram ordenados por Deus».

Enquanto, nesta hora de generalizadas apreensões certa ação dissolvente se exerce no sentido de envilecer tudo que há de nobre e de superior, no perverso intuito de amaciar resistências, de solapar a **Fôrça**, abrindo brechas em sua **coesão**, com o propósito de enfraquecê-la, comprometê-la e desacreditá-la, para tor-

ná-la inexpressiva e inoperante, procura, enfim, retirar da **Autoridade** a divina providência para colocá-la sobre as bases instáveis da vontade e das fraquezas humanas e, assim, fazê-la degenerar numa soberania artificial e antipática, para melhor expô-la à irreverência do abjeto materialismo.

Torna-se, pois, indispensável pugnar pela formação de uma mentalidade sadia, que tenha por base um verdadeiro culto à compreensão e à estima dos bens que devem ser amados, zelados, respeitados e perseguidos em comum.

E quando todos se mostram preocupados é preciso que nós, soldados, não deixemos dúvidas sobre a noção do **Dever**, como verdadeiro sentido de honesta e sadia atividade e que nos orgulhemos do nosso passado de indefectível fidelidade ao **Princípio da Autoridade**, à ordem, à segurança e à tranqüilidade públicas.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

## FOTO "DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651 — 2.º andar — São Paulo

"Solicito mais cinco dias licença pt. Acabo conhecer um anjo pt." — foi o telegrama enviado por um marinheiro à base para que fôra designado.

E o oficial encarregado respondeu: "Concedidos dois dias mais vg. para descer terra firme pt."

# COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

*Cel. Anchieta Torres*

*Ilustração de Felix*

— I —

## O Comandante, o Prior e... Moisés

**H**OUVE tempo em que não se cuidava, não digo do conforto, mas dos mais cominhos princípios de higiene, ao se construir ou adaptar prédios para servirem de quartel. O bem estar do soldado não importava, desde que fôsem destinados na obra construída ou adaptada um ou mais cômodos para alojamentos, reservas para a guarda do armamento e gabinetes, verdadeiros cubículos, para os comandos. Quanto ao mobiliário o mais rudimentar.

Ainda nos lembramos do quartel da Luz nos começos dêste século. Quartel padrão, abrigando em seu interior três unidades, dispunha, como instalações sanitárias, de uma privada para oficiais, oito ou dez para praças, que precisavam «fazer fila», além de meia dúzia de chuveiros no porão que dá para o quartel do regimento de cavalaria.

E era só.

Quanto ao mobiliário dos alojamentos, tarimbas. Imaginem o que não seriam os quartéis no século passado!

Pelo que nos diz respeito, isto é, pelo quartel do Corpo Policial Permanente, podemos avaliar o que eles seriam. Uma vez organizada a tro-

pa paulista, foi-lhe dado para quartel o pavimento térreo do Convento do Carmo e ali ainda se achava em 1880, quando o comandante do Corpo, reiterando pedidos anteriores no sentido de ser dado à tropa do seu comando quartel digno, qualificou os cômodos ocupados como «bastante impróprios».

E, assim viveram, não digo em simbiose mas em boa harmonia sal-



vo uma ou outra rusga, frades e soldados, durante perto de setenta anos.

Uma das questões surgidas foi em 1844. Comandava o então Corpo de Municipais Permanentes o major João Rodrigues Seixal. Era Prior do convento do Carmo frei Joaquim Antônio Pinto. De passagem devo dizer que o frei não era «pinto»...

Brigaram os dois e o comandante resolveu vingar-se. Pensou, pensou... e sorriu satisfeito. Achara o meio de tirar uma forrazinha do Prior. A parte destinada ao quartel não possuía instalações sanitárias, o que obrigava nossos soldados a procurarem os morros e os matos da vizinhança a fim de satisfazerem suas necessidades corporais. Olhou do lado ocupado pelos frades e descobriu o de que precisava. Oficiou ao Presidente da Província solicitando fôsse requisitado ao Reverendo Padre Mestre Prior do Convento um salão que anteriormente, no tempo da revolução de 42, fôra ocupado pelo Batalhão Provisório, a fim de que, feitas as adaptações necessárias, nelle se localizassem as instalações sanitárias do quartel. Com êsse arranjo os soldados não se veriam obrigados a, durante o dia, saírem à rua para suas precisões corporais e nem teriam pretêsto para, à noite, abandonarem o quartel e ficarem vagando pelas ruas da cidade, o que só prejuizos trazia à disciplina. A resposta não tardou. O Prior abespinhou-se e respondeu dizendo que desejaria ser prestável à sua Pátria e com todo o gôsto cederia o salão solicitado caso fôsse êle de sua pro-

priedade. Tal, porém, não acontecia. Era êle simples administrador e o seu priorado estando prestes a concluir-se, não lhe ficaria bem deixar vexames ao seu sucessor, introduzindo soldados no interior da casa. Além disso o cômodo pedido pelo comandante de forma alguma podia ser dado. O local onde êle desejava fossem feitas as instalações sanitárias ficava junto ao refeitório e nele havia janelas que lhe davam claridade. Não. Não daria o cômodo.

E não deu mesmo.

E a briga, como acabou? De maneira muito simples. O Prior Pinto, terminou o prazo de sua gestão e foi substituído. O comandante Seixal, por sua vez, logo em seguida deixou o comando. Os novos titulares entraram em acôrdo e a harmonia voltou a reinar no interior do velho convento do Carmo.

Enquanto isso os soldados policiais permanentes continuaram a dar suas fugazinhas noturnas e a utilizar os morros e lugares escusos da vizinhança, não levando ao menos a arma aconselhada por Moisés no versículo 13 do capítulo 23, do Deuteronomio... (Desculpe-me o Sendin, se entro em seara alheia).

## — II —

### Foi para o lixo

Possuir automóvel, hoje, é coisa corriqueira. Apesar do preço, que está alto, sempre sobram alguns cruzeiros para a aquisição desse veículo e a prova está no grande número dêles a encher os patios dos quartéis e a entupir as ruas da cidade, causando não poucos ris-

cos à integridade física dos pobres pedestres, de quem se tira tudo, até o espaço para circular nas calçadas e abrigos que minguaram tanto a ponto de desaparecer em alguns lugares. Todo o espaço disponível é destinado ao veículo. Os pedestres que se arranjam como puderem.

Assim não era vinte ou trinta anos atrás, principalmente na Força Pública. Então, comprar um automóvel, embora o preço fôsse pequeno, era coisa muito séria. Exigia malabarismos orçamentários, cálculos os mais estravagantes e operações de crédito que por muito tempo arruinavam a vida do seu feliz possuidor.

Até 1.930 podia-se contar pelos dedos os oficiais que tiveram a sorte de possuir automóvel próprio. E todos êsses tiveram sua história, embora fôssem simples «fords» de bigode ou «chevrolets», daqueles de dois contos de réis.

De momento, lembro-me do «fordéco» do ten. cel. Quirino, quando comandante do 2.º batalhão, em 1.917, o qual se distinguia pela burrice do sargento motorista que o conduzia e que, por uma brincadeira do Teófilo, então sargento, também, decorou metade do Dicionário de Simões da Fonseca. O Teófilo preparava-se para ingressar na escola de oficiais. O motorista desejava também «fazer carreira» e consultou àquele qual o meio mais fácil de chegar a oficial.

— Decore um dicionário qualquer, respondeu o Teófilo brincalhão daquele tempo, (hoje é ele o sisuão que todos conhecemos...).

O homem levou a sério o conselho, e, quando descobriu a troca, já sabia, de cor, metade do dicionário escolhido. Foi, sem querer, um êmulo do conhecido «homem dicionário».

Vem depois, o automóvel do ten. Valença, verdadeiro tarado. Sua especialidade era parar perto da primeira bomba de gasolina que encontrasse, quando seu proprietário, «gentilmente», levava consigo um amigo.

Como o Valença nunca tinha dinheiro, o passageiro comprava alguns litros de gasolina, ou descia e continuava a pé...

O «ford» do Higino era criminoso. Um dia, por vingança, partiu-lhe o antebraço direito, num contragolpe de manícula. Também era tão judiado...

O do Salgado... êsse merece um estudo especial, assim como o do Zé Maria, entrelaçadas que estão suas histórias.

O Zé Maria resolveu adquirir um carro, depois de uma chopada na Cidade München, onde ficou conhecendo um alemão que lhe vendia, por apenas dois contos de réis, um ótimo Ford. Consultando suas finanças, verificou estar a zero. Recorreu a um amigo e obteve, sem juros, a importância precisa, a qual seria paga em vinte prestações de cem mil réis cada uma.

E o carro foi comprado. O Zé-Maria fez várias e agradáveis excursões aos arredores da cidade, não sem muitos contratemplos, até que, por já se achar muito desgastado, o automóvel resolveu não andar mais. Mandar consertar não era possível. Faltava o principal e, seis meses, se tanto, depois de o adquirir, foi êle encostado no depósito do picadeiro fechado do R.C. (Zé Maria pertencia à «nobre arma») e lá ficou.

Algum tempo depois seu proprietário resolveu vendê-lo por qualquer preço e levou um interessado para vê-lo. Aguardava-o, porém, uma desagradável surpresa. O «belo» automóvel estava depenado. Investigando, descobriu a «marosca». O carro do Salgado era igual ao seu e, sempre que precisava de uma ou

outra peça, o motorista, que também era mecânico, solicitava a importância necessária. embolsava-a, ia ao automóvel do Zé Maria e retirava o que precisava. Como o faltoso já havia sido excluído, nada pôde ser feito.

E o automóvel não foi vendido. Em compensação os oficiais do Regimento passaram a ter mais um ótimo obstáculo para seus exercícios de

hipismo. Naquele tempo, estava em moda saltar a cavalo tudo que viesse pela frente, inclusive automóvel...

E o do Zé Maria, arrastado para um canto do picadeiro aberto, ficou ali por muito tempo até que, não prestando nem mais para obstáculo, foi entregue a um caminhão da limpeza pública, que lhe deu o destino conveniente.

### — III —

#### Um bom revólver

O João Rodrigues Bio... Sim. É esse mesmo, o cel. Bio. Acontece, porém que o Bio a que me refiro é o ten. Bio aí por 1925 ou 26, não me lembro bem. Era então o ten. Bio um guapo oficial com 25 anos de menos na idade e menos 30 quilos na carcaça...

Comandava a Secção de Capturas, posto que obteve pelos feitos valorosos, à frente do 3.º B.C. provisório, quando da campanha de 1924. Esse batalhão fôra espontaneamente organizado com as praças de destacamentos perdidos no interior do Estado, durante a luta na Capital.

Eram ótimos elementos aguardando apenas a chegada de um chefe. Chegou o Bio, que também estava no interior e se apossou deles, o que foi um bem para as tropas legais, que tiveram mais um ótimo batalhão acrescido às suas hostes.

Pois bem. O Bio comandava a Secção de Capturas e, dada a natureza dos serviços que desempenhava, vez por outra era presenteado pelos delegados sob cujas ordens servia, com uma ou outra arma. Como não fôsse colecionador, passava o pre-

sente adiante, obsequiando o comarada que se achava mais próximo.

Certa ocasião ofertou uma bonita faca, uma «peixeira», com o cabo e bainha de prata a um colega e, vendo que um outro olhava o mimo com olhos cobiçosos, prometeu-lhe que, na primeira oportunidade, êle também seria aquinhoado.

Prometeu e... esqueceu.

Passados alguns meses encontrou com o colega e lembrou-se da promessa. Avisou-o de que iria mandar-lhe um ótimo revólver S.W. calibre 32, curto, o qual necessita-



va apenas de um ligeiro reparo, assim como de ser niquelado, porque estava um pouco enferrujado. No mais, uma arma muito boa.

De fato, dias depois o tenente recebeu um embrulho cuidadosamen-

te feito acompanhado do seguinte bilhete:

«Prezado fulano

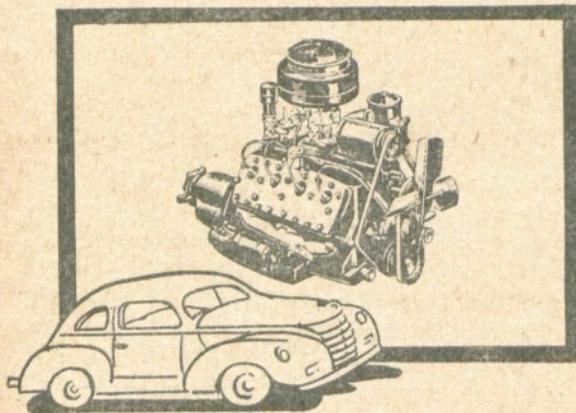
O prometido é devido. Aí vai o seu revólver.

Abraços do

Bio»

O feliz destinatário abriu o embrulho e verificou que, das qualidades enumeradas, a arma enviada possuía uma: era um revólver.

No mais, imprestável. Estava enferrujada a ponto de se lhe não conhecer a marca e o ligeiro conserto consistia apenas em colocar-lhe... um novo tambor.



Recondicionamento de motores \* Retificação de cilindros e virabrequins  
Retificação de válvulas e sédes \* Colocação de camisas \* Enchimento e mandrilagem de bielas e mancais centrais  
Motores Recondicionados para troca \* Pistões, Pinos, Aneis, Camisas, Mancaes, Juntas para qualquer tipo de motor.

# MARIEN S/A

• INDÚSTRIA E COMÉRCIO •

ALAMEDA CLEVELAND, 509 - TEL. 51-4714 - S. PAULO

## VINGANÇA!

Uma jovem professora de escola primária, em Detroit, guiava o seu auto, quando surgiu um inspetor do tráfego que a multou por ter atravessado uma rua contra o sinal vermelho; o inspetor intimou-a a comparecer ao Tribunal do Tráfego daí a uma semana, numa segunda-feira.

Em vez disso, porém, a moça foi logo, diretamente ao juiz.

— “Então a senhora é professora...” — disse este. — “Minha senhora: sua presença neste momento vem de encontro a um desejo que venho alimentando há anos. Há anos, minha senhora, que eu espero por esta oportunidade; ver uma professora primária aqui no Tribunal, diante de mim. Agora, explodiu ele, agora faça o favor de sentar-se àquela mesa ali, e escreva: “Desrespeitei o sinal do tráfego”, quinhentas vezes!

# PRESUNTO COZIDO Seleto

TIPO HAMBURGUÊS

UM PRODUTO  
MATARAZZO



**E DELICIOSO!**

Preparado com uma técnica especial, o Presunto cozido "Seleto", tipo Hamburguês, vem mantendo há anos seu padrão de qualidade perfeita, satisfazendo assim aos mais exigentes paladares!

# Diretrizes Montezuma

Ten. Cel. Alves Mata  
da P. M. de Alagoas

MUITO se tem discutido a respeito das Polícias Militares. Incansáveis batalhadores, unicamente visando a conquista de mais dignidade e amparo para essa classe arrancando-a da indiferença e do desprezo, têm dado o melhor dos seus esforços em vários setores: imprensa, quartéis, sociedade e Câmara dos Deputados... Surge logo à nossa lembrança a figura imprávida e simpática dêste heróico reverendo Arrua Câmara, cujo nome escrevo com profundo respeito.

Ninguém com mais propriedade de linguagem e de conhecimento traçou o seu perfil do que o ilustre colega da Polícia do Distrito Federal, cel. Peres Barbosa, em folheto que anda por aí esquecido. Pelo menos só agora me foi dado o prazer de o ler... Magnífico trabalho!

Mas, senhores, vamos às Polícias Militares. Males diversos as afligem. Não os devo mencionar aqui. São nossos velhos conhecidos. Apenas quero me referir a um dos maiores: a nossa deficiência em consequência da orientação que temos recebido, a respeito de instrução.

Desde o alistamento que a cousa vem, ao meu entender, errada. Nossos recrutas e graduados recebem tanta instrução militar que até parece que os vamos mandar para a Coréia. O resultado é êste: nós temos mais teorias de militarismo do que de policiamento.

A Nação vive despoliciada e dispõe de número suficiente de homens pagos para êsse fim sem poder contar com êes para o pleno cumprimento dos seus deveres. Aventarão: o interior é policiado pelas Polícias Militares. Efetivamente, é. Mas, que sabem êsses homens a respeito do grandioso mister que lhes foi confiado? Muito pouco. Muito menos do que se pode imaginar.

Até mesmo em S. Paulo onde o exmo. sr. general Ciro Resende viu as coisas melhores do que no Distrito Federal, com sua autoridade de Chefe de Polícia carioca, pouca diferença há do resto do Brasil.

Não nos esqueçamos de que existem inovações que devem servir de exemplo às demais co-irmãs, aqui na terra dos bandeirantes. Basta examinar o Batalhão Policial para se ter a satisfação de verificar que S. Paulo lançou um marco memorável na história das Polícias do Brasil, mostrando-lhes o verdadeiro caminho a seguir...

Mas, vejamos como se preparam os recrutas neste Estado. Os homens, mesmo tendo o certificado de reservista, mesmo tendo sido graduado onde quer que seja, passam 6 meses numa instrução militar que me faz lembrar a ve'ha Escola de Sargentos de Infantaria nos saudosos tempos de Araripe e outros...

Êsses homens são julgados aptos e a história continua sempre militarizada.

Todo mal traz um bem, diz o adágio. A última grande guerra despertou nossos dirigentes para o problema das Polícias Militares. A semente está lançada na Capital Federal com as DIRETRIZES estruturadas pelo brilhante espírito do comandante geral daquela Corporação, cel. Niso Montezuma, a quem envio, daqui, os meus aplausos pela elaboração de tão magnífico tra-

balho e os meus agradecimentos pela oferta honrosa de um dos exemplares.

Se os senhores comandantes das Polícias Militares, ao receberem aquelas DIRETRIZES, lhes derem o acatamento que juízo merecerem, é o caso de pedir parabens ao Brasil por ter dado um passo de gigante na formação de seu meio social, pois uma polícia é o reflexo do povo a quem ela garante... Parabens, então, cel. Montezuma!

### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacaréí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguaí

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

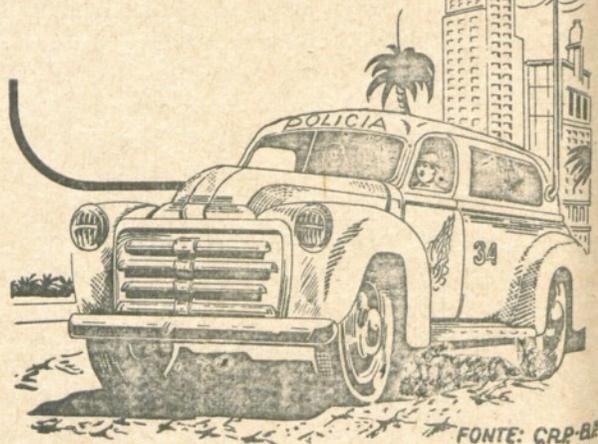
---

Escritório e sede central: ( Diretoria . . . . 9-2658  
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones ( S. Comercial . . 9-2659  
SÃO PAULO ( S. Técnica . . . . 9-2681

O efeito mais valioso da educação talvez seja a faculdade, que adquirimos, de nos obrigar a nós mesmos a fazer uma coisa quando deve ser feita, quer nos agrade quer não; é a primeira lição a aprender; e, por mais cedo que se inicie a educação, é provavelmente a última lição que aprendemos bem.

Thomas Henry Huxl

# NÓS E O FBI



○ NÚMERO 24 desta revista publicou uma tradução a respeito do F.B.I. Essa breve notícia sôbre as afamadas escolas ambulantes evidencia três princípios importantes: Não há economia quando se trata de preparar homens para defender a sociedade. — O suposto contraventor usava um carro luxuoso e os alunos estavam «à toa» no carro policial. A instrução é eminentemente prática — «Nesta espécie de ensaio os livros são usados o menos possível». Não há pressa. — «Como se vê, o tempo gasto na espera não é em vão...» E, finalmente, o mais importante, que resulta desses princípios — «raramente se tem conhecimento de um agente do F.B.I. assassinado por um criminoso».

Lembremos ainda outra verdade exarada no artigo em apêço:

— «Muitas vezes o policial encontra a morte por sua culpa».

Não vamos repetir aqui métodos e processos adotados nas escolas do F.B.I., porquanto muitas

publicações e mesmo o cinema, fazem inúmeras referências a eles. Tampouco pretendemos convencer alguém de que um milhão empregado em instrução policial infuiria muito mais no futuro do Brasil do que com milhões gastos em futebol ou mesmo em material para ser entregue a homens que não o sabem usar.

El nós, que fazemos?

...Não há verba, eis a resposta.

Por que, então, tem havido tanta prodigalidade na realização de manobras militares, que consomem dinheiro, destroem material, aniquilam a saúde e, às vezes, invalidam indivíduos? Felizmente, as tais «guerrinhas» — já fui grande entusiasta delas — têm-se reduzido a meras «revoluçezinhas».

Dizem que a História é a Mestra da vida. Se assim é, aproveitamo-la. Para isso a estudamos. Mas só nos interessa a história remota. Como faria a côrte à sua amada o homem das cavernas? Por que será que os índios da América se

pareceri com os orientais? Ora, a cauda do homem caiu porque elle descobriu um penacho de avestruz, mais eficiente para espantar as moscas.

Mas a história do dia de ontem, da hora que passou, ou do minuto que ainda se escoá não attribua ninguém.

Quantos companheiros temos perdido e, inversamente, quantos criminosos têm sido mortos sem necessidade?

Falamos dos mortos e já que os vivos não querem ensinar instrução policial, vamos recorrer a eles, os verdadeiros donos do mundo.

O inquérito, de cujo relatório extraímos o trecho seguinte, seria desnecessário se não tivéssemos perdido um homem, talvez por falta de instrução e meios adequados à missão.

«A diligência coube aos dois soldados mais folgados na escala: X comandante e portador do mandado, e Y, os quais, devidamente equipados e armados de espadim e revólver, levando aquêlê doze e êste onze cartuchos embalados, partiram a cavallo, às desenove horas e quinze minutos dêsse dia.

Sendo fato público e notório a periculosidade de tal individuo, a diligência ao atingir B, a trinta e cinco quilômetros de E, procurou o único soldado ali destacado a fim de que elle a reforçasse, porém, o mesmo seguira em diligência a local dali distante.

Ainda em B, o soldado X deu conhecimento da sua missão ao segundo suplente do sub-delegado em exercício no distrito, que também

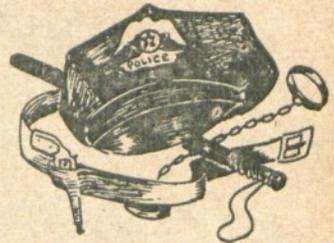
deveria participar da mesma, e que o fêz convidando ainda outras pessoas para assistirem e tomarem parte na caravana policial.

Em chegando ao ponto de destino, ainda na escuridão, occultaram-se todos a uns quinze metros da casa procurada, a cuja porta bateu um civil que acompanhava a caravana, a mando do soldado X e pediu então a H, que velo abri-la, lhe vendesse um pouco de pinga.

O morador, após certa relutância, resolveu atender, para o que saíu da casa, trajando camisa branca e calça escura, conduzindo na mão um tóco de vela acesa e foi abrir uma das duas únicas portas da vendinha, «tabica», situada a uns vinte metros, onde entrou com o freguês.

Tendo H transposto de um salto o balcão, e já quando procurava a pinga na prateleira existente na parede dos fundos, o civil saíu, cruzando na porta com os dois soldados que a'í entraram, empunhando cada qual o seu revólver, ficando Y junto à porta fechada e X correspondendo à porta aberta.

X deu voz de prisão a H, que, estando de costas, voltou surpreso e retrucou que não obedeceria, pôs-se a movimentar de um lado



pára outro, entre o balcão e a prateleira, razão porque X repetiu por duas vezes a ordem, após o que ergueu o braço e fêz um disparo para o alto, atingindo a cobertura de sapé.

Em seguida ao tiro, H sa'tou pelo balcão e atirou-se sôbre o soldado X, simultaneamente com o apagar da vela, caindo os dois ao solo, em meio à escuridão, quando se ouviu novo disparo e a voz de X: «Bandido, você me matou» e vislumbrou-se H fugir precipitadamente e no lance ating'r o subdelegado com um sóco no rosto.

O subdelegado, adentrando a vendinha, riscou um fósforo, o que permitiu a êle e ao soldado Y vissem, no chão, o revólver do soldado X com dois cartuchos deflagrados e junto à porta, caído em decúbito abdominal, o corpo dêste antigo e ze'oso policial, constatando-se um ferimento perfurante por projétil de arma de fogo com entrada no homoplata direito e saída no mamilo esquerdo, por onde sangrava abundantement', verificando-se a morte por hemorrag'a interna e externa, em consequência de serviço profissional».

Criticar os que claudicam é tarefa pouco simpática, embora seja fácil dizer como deveria ter agido quem errou e que, muitas vezes, não podia prever tôdas as circunstâncias desde o momento da decisão. Porisso não pretendemos taxar de incorreta a conduta de quem já pagou com a vida pela imprevidência da nossa máquina policial.

Já d'ssemos que a caravana de captura engendrou belo plano. O

Relatório nos contou quão amargos foram seus frutos — um soldado morto e um criminoso sôlto.

Se o plano fracassou, houve falhas, e são elas que interessam aos responsáveis pelo serviço policial.

Quando estudamos as campanhas de Napoleão, de Alexandre de Rommel ou Mac Arthur é para ficarmos sabêndo em que aceriaram e quais foram suas falhas.

Os enxadristas principiantes, e mesmo muitos campeões, repetem pacientemente, lance a lance, todos os movimentos de muitas partidas clássicas, ao mesmo tempo que criticam as jogadas dos contendores, procurando a razão de ser de cada uma, bem como estudando possíveis variantes mais proveitosas.

Ora, se tantos se beneficiam da experiência alheia — História — por que não estudamos também nossos casos policiais? Quantos relatórios instrutivos poderiam ser «desenterrados» para servir de ensinamento aos nossos homens! Dizem que o erro é humano e perseverar nele, burrice. Se isso é verdade, as organizações devem transmitir os erros e acertos dos que sucessivamente as servem, para facilitar as soluções eficientes e evitar as desastrosas.

Voltemos, porém, ao local da tragédia: homens diligentemente espalhados, cercando a residência do criminoso, dois soldados, um suplente e outras pessoas mais. Um civil se destaca e chama o morador alegando querer comprar pinga. O indivíduo procurado pela Polícia,

com a mais incrível boa fé, levanta-se para servir o freguês ma-  
drugador e, como ainda fôsse es-  
curo, saiu com uma vela acesa pa-  
ra abrir a vendinha. Enquanto o  
negociante procura a garrafa en-  
tram dois soldados, de revólver em  
punho e um dê'es atira para o ar,  
sem a menor justificativa, pois o  
homem estava desarmado. Um tiro  
provoca sempre um momento de  
confusão que deve ser aproveitado  
por alguém... como de fato o foi.

Só depois do segundo tiro quan-  
do já uma vida se perdera é que  
aparece o «segundo suplente do sub-  
delegado», para levar um murro e  
dar passagem ao fugitivo. Quem sa-  
be o que é um subdelegado — mera  
função política, sem remuneração,  
sem responsabilidade profissional,  
pois que nenhuma prova de compe-  
tência se lhe exige — pode fazer  
uma idéia do que venha a ser o  
«segundo suplente» dessa autoridade  
policiaI.

Verifica-se que cinco ou mais  
pessoas cercaram um homem desar-  
mado, o qual conseguiu fugir, dei-  
xando um morto e um ferido a  
sóco.

Seria certo deixar de prender  
o criminoso em campo aberto, com  
a cooperação de todos, para enfren-  
tá-lo dentro de sua casa. em hora  
imprópria e onde, segundo o clás-  
sico português: «o homem é tão  
valente que, depois de morto, são  
necessárias quatro pessoas para car-  
regá-lo»?

Manter o cêrco até o amanhe-  
cer esperando a saída espontânea  
do morador, traria algum inconveni-  
ente?

O uso de um farolete, cujo foco  
seria dirigido ao rosto do delin-  
quente não teria evitado que êle  
atacasse o soldado?

Essas e outras perguntas for-  
muláveis, podem ser respondidas por  
nossos técnicos em instrução poli-  
cial que, assim, prestarão ótimo ser-  
viço às policiaIas.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

**CUSTA MENOS**

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

## Roteiro de um Chefe

*Major Darcy Fontenelle de Castro*

A Polícia Militar do Distrito Federal engalanou-se, a 13 de maio, para comemorar festivamente seu 143.º aniversário.

Criada no início do século XIX, no ano de 1809, pelo Príncipe Regente, com a denominação de Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro, é uma das corporações mais antigas do País e nossa primeira organização policial, regularmente estruturada, sob regime de aquarteamento.

Antes dela, o policiamento era feito pelos corpos do Exército e de Milicianos (estes semelhantes àqueles, mas de caráter regional, como as Polícias Militares) e pelos quadrilheiros, modestos auxiliáres da justiça, compulsados em todo o Brasil para servirem por três anos na jurisdição de sua quadrilha ou quartirão (um quadrilheiro com auxílio de vinte moradores em cada) sem ônus para o governo, nem mesmo quanto ao armamento, pois eram obrigados, como todos os moradores, a possuir lança de 18 e mais palmos ou, pelo menos, meia lança.

Através de inúmeras reestruturações, ditadas pelo evoluir da sociedade, a Polícia Militar cresceu e se projetou na vida da cidade, mantendo e conservando a indefec-

tível constante que a missão lhe impõe: a «Manutenção da Ordem, Segurança e Tranqüillidade Públicas».

Mas tem passado por graves crises, por vicissitudes e necessidades que abalam sobremodo sua eficiência junto ao público a que serve, sobre o qual, e por isso mesmo, incidem os reflexos de seu desajustamento.

Os dados históricos induzem-nos a inferir, entretanto, que a Corporação atravessa, presentemente, uma das fases mais críticas de sua existência, oferecendo ao governo duas alternativas inexoráveis: ou se ajustará à realidade técnica e produtiva de sua missão, ante o preenchimento dos seus claros, remuneração condigna das praças e formação profissional integral, ou cada vez mais se retrairá ao âmbito de seus quartéis, suprindo apenas as necessidades internas e vivendo como que numa situação exclusiva de relicário histórico das lutas que se foram, das vidas que se extinguíram ao incenso da Pátria, de heroísmo em defesa da ordem interna e externa, de glórias anônimas, de expressões de respeito à lei e à autoridade constituída.

Felizmente, a tradicional entidade da Capital da República en-

contra-se sob as lisonjeiras e promissoras auras da primeira alternativa, trazendo consigo aquê'e invejável acervo moral em que se inspira.

Entregue ao comando do dinâmico, inteligente e sincero cel. Niso Montezuma, poderá a Corporação superar as dificuldades e reencontrar-se, ajustada aos processos modernos da missão e elevada no conceito da opinião pública, passando, destarte, a contribuir satisfatoriamente com sua ação preventiva e repressiva em beneficio da sociedade carioca, tão atingida pela corrupção dos costumes, pe'os malefícios da licenciosidade, pelos assaltos à economia popular, pelos furtos e roubos à luz do dia, pelo mais desenfreado desrespeito à lei, finalmente, pelos crimes de toda espécie, inspirados no desequilíbrio econômico, na formação moral deficiente, no provimento desonesto dos cargos públicos, na precariedade da instrução e da educação, no sorrateiro estabelecimento de castas, tudo gerando a má fé, a desconfiança mútua e o desprezo por um dos aspectos mais lúdicos da constituição da sociedade: a coisa e o bem públicos.

Com efeito, em pouco tempo de comando, o cel. Montezuma já se impôs à confiança geral, quer pelas iniciativas que tem tomado em prol do soerguimento da Corporação, quer pela maneira atenciosa e cativante como atende a todos, perscrutando dedicada e solícitamente os problemas coletivos e individuais.

Dentre outras iniciativas de incontestável alcance, sem dúvida, mar-

carão época, nos fastos históricos da Polícia Militar, as «Diretrizes» que acaba de lançar, em bases sólidas e iniludíveis, já pela importância de seu conteúdo, já pela objetividade que consignam.

Dividem-se estas em duas partes, a primeira com três capítulos e a segunda com seis, todos redigidos numa linguagem clara, interessante e precisa, destacando-se uma conceituação inteligente, acessível e irrefutável, tanto mais significativa da cultura e capacidade de seu autor, quando se verifica que sua enunciação parte de um militar do Exército, afastado, até há bem pouco, das lides policiais.

Em linhas gerais, as «Diretrizes» do cel. Montezuma estão consubstanciadas na reflexão segura do raciocínio lógico e na ponderação inelutável da experiência amadurecida. Não temos a pretensão de fazer a crítica do meritório trabalho, mas nos anima o desejo de pelo menos divu'gá-lo em beneficio daqueles que se interessam pelos problemas das Polícias Militares, resumindo, linhas abaixo, os pontos que julgamos essenciais:

## OBJETIVO GERAL DA INSTRUÇÃO — AMBIENTE

### (1.ª Parte — Capítulo I.)

«— FIM — Preparação para a MANUTENÇÃO DA ORDEM, SEGURANÇA E TRANQUILIDADE PÚBLICAS, com base na hierarquia e na disciplina militar, isto é, preparar para o exercício das funções policiais — em todos os graus da hierarquia e nas situações normais e anormais, inclusive na eventualidade de uma guerra — FORMAN-

DO, CONSERVANDO e APRIMORANDO A MENTALIDADE CONVENIENTE, com observância das virtudes militares».

A seguir ressalta o Comando a necessidade de:

— atualização e especialização da técnica policial, consoante o evoluir da sociedade e a afirmação conclusiva, entre outras, de que «Cada aperfeiçoamento, cada época tem sua criminalidade específica»;

— de formar mentalidade sadia à altura da espinhosa e antipática missão policial, capacitando os componentes da Corporação a imporem-se à confiança pública, mediante constante prática de bons exemplos e a aplicação consciente e maneirosa da atividade profissional, quer na ação preventiva, quer na repressiva, quer nas demais.

Depois de destacar, nas côres vivas da expressão, os aspectos do ambiente social, conceitua, com eloquência e firmeza, a diferença de ambiente em que agem a Polícia Militar e o Exército, em tempo de paz ou de guerra, divisando com abso'uta segurança e em função dessa diferença de meio, «o que convém a uma e não serve à outra» corporação no tocante à formação e espontaneidade do homem, à exigência de armamento, às disciplinas básicas de preparação etc.

Cabe à Polícia Militar, na eventualidade de uma guerra, além de suas atribuições normais, a missão de prevenir a ordem e reprimir os mais variados crimes oriundos da situação, na Zona do Interior, devendo assim ser empregada perfeitamente instruída para o quadro e

os embates da guerra moderna, naque'a Zona.

Nada de improvisação, nem do errôneo julgamento de que a Corporação deve ser utilizada em tal eventualidade, nas mesmas condições em que o serão as Unidades do Exército, bastante diferentes pelo armamento, organização e instrução.

## FORMAÇÃO DA MENTALIDADE

### (Capítulo II)

Nêste capítulo, todo ê'e respigado de admiráveis considerações de ordem moral, traça o Comando o rumo da verdadeira mentalidade, da mentalidade conveniente em todos os graus da hierarquia, estigmatizando o comod'smo, a praxe, o «bomocismo», a fuga à responsabilidade e a preocupação do comandante ou chefe de DURAR mais do que REALIZAR, INSTRUIR E EDUCAR, produzindo emulação errada e viciosa nos subordinados.

Minucioso e calculado nas suas observações, resultado de efetivo aprimoramento e tirocínio de longos anos de serviço, examina, animado por vigorosa meditação, as ocorrências psicológicas que sugerem e condicionam o procedimento correto, leal e construtivo, inerente à consciência do dever, pondo à evidência a formação e a mentalidade compatível com o exercício da atividade profissional. E após cada reflexão sôbre a personalidade do policial-militar, fixa o Comando os pontos essenciais que serão objeto da aprendizagem e das observações em determinadas situações de serviço.

## SELEÇÃO

### (Capítulo III)

Aprecia-se, aqui, o valor da seleção profissional, o alcance psicológico, para a sociedade e para o indivíduo, da orientação de trabalho segundo a vocação.

Salienta o Comando os aspectos a serem ponderados na seleção dos candidatos à inclusão, para o necessário teste, não lhe escapando a referência aos meios de investigação, inclusive sobre a vida progressiva daqueles.

As condições de acesso às diversas graduações e postos, estudadas com especial carinho, constituem um dos pontos mais altos das «Diretrizes», sobretudo porque são elas que comunicam a objetividade da qual depende, gradativamente, a elevação do nível intelectual, moral e de eficiência profissional dos oficiais e praças.

Relativamente à integral executabilidade das «Diretrizes», não há negar que inúmeros obstáculos, muitos empecilhos se antepõem, dadas as modificações quase radicais no recrutamento, formação e acesso aos diversos graus hierárquicos mas, uma vez superadas as dificuldades, abrir-se-á campo largo às perspectivas mais promissoras, às realizações mais lisonjeiras.

Finalizando o capítulo, prescreve o autor o regime de funcionamento dos diversos cursos, tecendo interessantes considerações de ordem geral.

## PRINCÍPIOS DIRETORES DA INSTRUÇÃO

### (2.ª Parte — Capítulo I)

Contém o capítulo os princípios norteadores da instrução de modo a

torná-la essencialmente prática e ativa, através de método objetivo, de limitações teóricas, de ação racional e fins prefixados, observando o Comando, entre outros cânones, que o homem deve aprender a fazer e não somente dizer como se faz, materializados, dentro do possível, os assuntos de exclusividade teórica.

Processo dinâmico e auto-ativo, deve a aprendizagem consultar o maior número de sentidos, sem fugir à espontaneidade peculiar à aceitação consciente, condição «Sine qua non» da maior produção dos estímulos internos e externos.

«Mas os conhecimentos só se integram na personalidade, somente se transformam em hábitos, atitudes e idéias, quando fecundados pela VIDA. Daí a necessidade de não apenas CONHECER mas também VIVER aquilo que se aprende. Dê-se caráter vital da aprendizagem decorre a exigência indispensável da instrução ser realizada dentro das condições que reproduzem os quadros da vida policial».

## FORMAÇÃO DO SOLDADO

### (Capítulo II — Título I)

Prescreve a finalidade da preparação física e moral do recruta, a duração e o regime de trabalho preparatório, observações relativas ao estado de espírito do homem recém-incluído e ao seu enquadramento.

Estabelece normas para recepção dos recrutas, de maneira a impressioná-los bem logo de início, com a mutação de ambiente oriunda do ingresso nas fileiras da Corporação, dando-se-lhes a certeza da austeridade da vida militar, mas também

à convicção de que essa austeridade é mais uma questão de postura diante dos deveres, pois em torno de'a giram, inegavelmente, sad'a camaradagem e vantagens de cuidados especiais em relação aos diversos aspectos assistenciais.

Enumera, após, com segurança de minúcias indispensáveis, as disciplinas básicas de preparação do soldado, incluindo, entre estas, as necessárias ao Serviço de Trânsito e as constantes dos 1.º e 2.º anos do Ciclo Básico do Curso de Preparação de Adultos, dependendo seu engajamento de aprovação, em exame, na matéria do 3.º ano desse curso, estabelecido o prazo de três anos, a contar da publicação das «Diretrizes», para que as demais praças, já passadas pela Escola de Recrutas, preencham esse requisito.

De tal exigência, para engajar, só estão isentas as praças que já têm direito a servir independente de engajamento, o que não implica na sua exclusão de matrícula no curso que funciona nos Corpos.

#### **FORMAÇÃO DE CABO, SARGENTO E OFICIAL**

Nos títulos II, III e IV do capítulo acima, mostra o Comando os fins a atingir, a orientação de trabalho e os assuntos pormenorizados na formação do cabo, sargento e oficial, dando a tudo a feição e objetividade características da profissão policial-militar, sentindo-se a justa e formal reação contra o desvirtuamento do ensino originário das imitações e improvisações inconseqüentes.

Essa deliberada decisão, importante sob todos os aspectos, apoia-se na sua inabalável convicção, entre outras, a respeito da formação das praças, de que, enquanto no Exército «a formação do oficial é feita à base de conhecimentos de ciências físicas e matemáticas, aqui deverá ser feita à base de conhecimentos policiais, jurídicos e sociais e muito particulares da História, da Corografia e da Vida do Distrito Federal».

Visão larga e senso altamente equilibrado, o Comando vê tudo, pesa todos os fatores e conduz o pensamento aos mais diversos problemas da questão, como sejam o método de ensinar, o que ensinar, a quem ensinar, quem ensinar e outros, abstraindo-se sobre cada um isoladamente e sobre todos harmônicamente.

Não fôra essa preocupação e esse equilíbrio e poderia passar de relance e perfuntoriamente sobre qualquer dê'es, quando todos são profundos e intimamente ligados.

Assim é que dispensa também inequívoca e especial atenção à escolha do pessoal da Diretoria de Instrução, exigindo professores e instrutores que posam «ser imitados sob todos os aspectos e atitudes: moral, profissional, privado, social e ideológico».

**SE ESSE CRITÉRIO FOR RIGIDAMENTE OBSERVADO, NÃO TEMOS DÚVIDA DE QUE A POLÍCIA MILITAR MARCHARÁ A PASSOS LARGOS PARA UMA**

RESPEITAVEL SITUAÇÃO DE EFICIÊNCIA E DE PRESTÍGIO PÚBLICO, JUSTIFICANDO PLENA E ECONOMICAMENTE SUAS DO- TAÇÕES ORÇAMENTARIAS.

### INSTRUÇÃO NOS CORPOS. ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES — INSTRUÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO

(Títulos V e VI)

Sem prejuízo da atividade profissional dos oficiais e pracas, a instrução continuará aí para todos, efetiva e objetivamente, de forma que cada um desses órgãos possa funcionar bem, ajustados à finalidade.

«Um lugar para cada um e cada um em seu lugar» é a disposição ideal de qualquer organização, assegurada a autoridade e a ação de cada chefe, nos diversos graus hierárquicos.

O aprimoramento moral, intelectual e profissional se exercita pela prática diuturna da atribuição funcional.

«A tropa é o reflexo do chefe», conseqüentemente a tropa garbosa, disciplinada e à altura de sua missão, exige do chefe qualidades especiais da arte de comandar, sobretudo capacidade para ações acertadas e justas, despidas de paixões subalternas.

A descentralização e a efetiva responsabilidade de cada um é um processo de ação construtiva.

(Capítulo III, IV, V e VI)

Com esses capítulos, dá o Co-

mando os retoques finais ao seu trabalho, expondo:

a) no capítulo III, o quadro da preparação prévia para as atividades do ensino, citando e recomendando princípios da pedagogia moderna;

b) no capítulo IV, a ordem de esca'onamento na fiscalização da instrução;

c) no capítulo V, as prescrições sobre recreação, assistência religiosa e social;

d) e no capítulo VI, as «Prescrições Diversas», relativas à execução das «Diretrizes», ao estudo de modificações por que deve passar a Corporação, naquilo que colidir com os novos rumos traçados por aquelas, à distribuição dos recursos orçamentários e da Caixa de Economia e finalmente, relativas à necessidade de estabelecimento de instruções especiais para o Regimento de Cavalaria, Corpo de Serviços Auxiliares e Companhia de Metralhadoras Motorizadas.

Trata-se, com efeito, de um trabalho impressionante, absolutamente seguro das necessidades e deficiências da Polícia Militar, bem como dos fatores que poderão condicionar a superação de todos os óbices.

Se o cel. Montezuma conseguir pôr em execução os planos de suas «Diretrizes», não temos dúvidas — repetimos — de que a Corporação ou qualquer outra que se orientar pelo mesmo trabalho, estará fadada a promissoras realizações, em qualquer dos aspectos da missão policial-militar.

# O Direito Militar nos Programas Jurídicos de Nossas Universidades

*J. F. de Barros Santiago*

Advogado do Departamento Jurídico do Estado e ex-promotor interino da Justiça Militar da Força Pública.

**É** COUSA que não deve magoar ninguém, provocar quaisquer ressentimentos a seguinte afirmativa, que é a conclusão lógica a que chegamos após uma série de observações e de pesquisas: — o estado do Direito Militar tem sido uma das maiores falhas dos programas d'âmbito de nossos cursos jurídico-universitários.

Esse velho «ramo do direito repressivo», como Sylvio Martins Teixeira, teve oportunidade de chamá-lo (Cod. Penal Militar Explicado — Freitas Bastos, edit. — 1946 pág. 39), tem sido, deveras, pouco conhecido dos nossos acadêmicos, para se não dizer o que é mais acertado — que os nossos estudantes de direito deixam as Faculdades e recebem o diploma de bacharel, sem nunca terem ouvido sequer, da boca dos mestres, uma única d'ssertação, sobre o direito de punir aplicável às c'asses armadas.

Quem escreve estas linhas, por exemplo, durante os cinco anos que estudou nas tradicionais «Arcadas»,

jamais, no seu tempo de estudante, ouvira falar qualquer coisa que fôsse referente a êste ramo do saber jurídico.

É esta uma confissão constrangedora, que encerra como que uma deação às nossas autoridades educacionais e universitárias, mas que reflete, nos seus mais vivos lampejos, o sol diáfano da verdade.

Afirmássemos o contrário, e, aí sim, estaríamos fraudando a realidade dos fatos.

Deveras! Os programas dos cursos jurídicos de nossas Universidades, nada ou quase nada dizem sobre o Direito Militar.

Do programa da cadeira de Direito Penal a cargo do professor José Soares de Melo, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, alusivo ao ano letivo de 1951, constatamos, por exemplo, que havia, sobre Direito Militar, apenas êste tópico: — «O Código Penal Militar de 1944». Assim também, do programa de idêntica cadeira, regida

pelo professor Basileu Garcia, na Faculdade Paulista de Direito, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1949), apesar de mais desenvolvido em suas linhas normativas fomos deparar, da mesma forma, relativamente ao Direito Militar, apenas com dois tópicos: — O Cód'go Penal da Armada (ponto VII-2) e o Cód'go Penal Militar de 1944 — (ponto VII-10).

No entanto, para aqueles que, como o autor desta desprezível página, que se pode chamar de um estudo-crítico, tomaram gosto ou se entusiasmaram um dia, pelo assunto, a observação desta lacuna lamentável de nosso ensino jurídico não poderia deixar de provocar, como provocou em nós ao mesmo tempo que uma vertiginosa tristeza, um protesto clamoroso e veemente de reforma.

Precisamos reformar os programas didático-jurídicos de nossas Universidade, neste tocante.

O menosprezo dos mestres a este importante ramo do conhecimento jurídico precisa acabar, pois não é mais possível admitir-se que as futuras gerações universitárias como aconteceu conosco, venham a deixar os bancos acadêmicos, ignorando este gigantesco e importante monumento de doutrina jurídica, que deveriam ficar conhecendo ao menos nas suas linhas históricas e de contorno.

Sob todos os pontos de vista conviria, nos dias atuais, que se propagasse o conhecimento do Direito Penal Militar.

Nosso ponto de vista é até mesmo que viesse ele a constituir,

dentro de nossas Universidades, cadeira **autônoma**.

A importância do seu estudo, cada dia que passa, mais se impõe.

No passado, quando a sua aplicação era mais restrita no espaço e no tempo, ou quando, relativamente ao nosso quadro demográfico ou de população, era pequeno e raro o seu campo de aplicação, poderia, o estudo do Direito Penal Militar, constituir mero capítulo dos programas didático - jurídicos relativos à Ciência Penal Comum.

Hoje, todavia, quando enorme é o seu campo de aplicação, e quando funcionam cotidianamente os seus diversos tribunais especializados, reclamando, com assiduidade, a presença e a colaboração dos advogados, vem sendo até revoltante o descaso das autoridades educacionais e dos mestres na difusão e na propagação do ensino deste notável ramo do saber jurídico.

Conquanto, nas suas linhas gerais, se manifeste o arcabouço doutrinário do Direito Penal Militar muito semelhante ao do Direito Penal Comum há, entretanto, dentro do seu campo de conhecimentos, matéria especializada importantíssima, cujo ensinamento não poderia, jamais, ser relegado a um plano secundário; assim também como inúmeros são os delitos que, pelo seu caráter tipicamente militares, só poderiam ser apreciados convenientemente, dentro de um programa didático também especializado.

E foi certamente, por este motivo, estribado nesta sã razão, que o ilustre professor de Direito, que foi o célebre Conselheiro Filinto Bas-

tos (Filinto Justiniano Ferreira Bastos) outrora Catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito da Bahia, na falta de melhores recursos didáticos, já houvera consagrado, no seu programa de ensino, nada mais nada menos do que quatro lições sobre esta matéria (Direito Militar, em cerca de trinta páginas de sua importantíssima obra «Breves Lições de Direito Penal» (editada por Tancredo Pereira D'Almeida — Tip. Bahiana, de C. Mechiades — 1899), didática e tipograficamente, assim apresentadas:

**Lição Décima-Terceira:** — O Direito Penal Militar e a sua distinção do direito penal comum. A legislação penal entre nós (pág. 169 à 172); **Lição Décima-Quarta** — Aplicação da lei penal militar (pág. 173 a 178); **Lição Décima-Quinta** — Crimes militares e militarmente qualificados. A incuberação; a deser-

ção (pág. 179 a 190). **Lição Décima-Sexta** — Das penas e seus efeitos, especialmente da degradação militar e da pena de morte. Das circunstâncias agravantes e atenuantes peculiares nos crimes militares (pág. 191 a 202).

Não resta dúvida, visão bem mais larga do que a dos nossos atuais professores universitários, no tocante à apreciação do Direito Militar como da sua importância, tinha o mestre antigo.

Conviria, pois, regredissemos didaticamente, se nos fôsse lícito fazer esta advertência, no ensino do Direito Penal Militar.

Pelo menos isto.

E... quanto ao mais, concluíam, se o quiserem diferentemente, aqueles outros que devam e possam tirar conclusões.

A rossa fica aí.

# Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA,  
EXERCÍTO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

Para descobrir os pontos fracos de um homem, basta observar quais os defeitos que êle próprio descobre mais depressa nos outros.

J. C. e W. A. Hare

# Promessa

## o seu próprio baile!

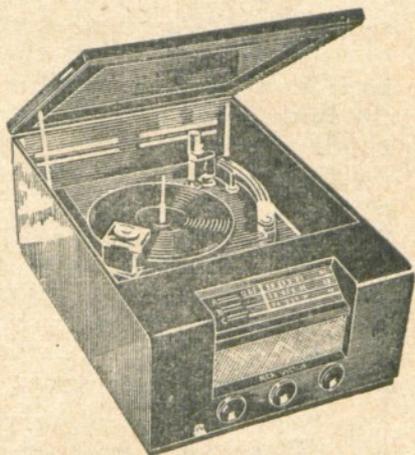
com esta nova fonte de alegria que a



lhe ofereça! Um aparelho simples, prático e elegante, que proporcionará a mais completa satisfação a toda a sua família.

### Características:

3 faixas de ondas, transformador "universal", pick-up automático, móvel de finíssima construção.



Distribuidores exclusivos  
para São Paulo —  
Mato Grosso — Goiás —  
Sul e Triângulo Mineiro.

Procure-o no **REVENDEDOR AUTORIZADO** de sua localidade. Não o encontrando, consulte-nos.

# CASSIO MUNIZ S. A.

Importação e Comércio

Praça da República, 309 — São Paulo



# O Problema n.º 1 de São Paulo

1.º Ten. Monte Serrat F.º

**E**STUDANDO-SE o desenvolvimento do primitivo núcleo de casas ao redor do Colégio São Paulo, vamos constatar que o seu crescimento vertiginoso se operou num período inferior a 90 anos. Essa transformação urbana verificou-se tão rapidamente, que ainda existem, vivas, pessoas conhecedoras do pequeno burgo que era, em 1890, a Capital da Província de São Paulo. Fazemos uma idéia de como se sentiria surpreso um septuagenário que tivesse deixado São Paulo, na mocidade, e retornasse agora ao tumulto, ao borborinho de suas ruas. E pensar-se que a miraculosa transformação operou-se no breve interregno de uma vida humana!

A partir de 1872, quando nossa Capital já havia ultrapassado 300 anos de existência, sua população tem mais do que duplicado em cada período de vinte anos, de uma maneira constante, como nos atestam os dados, fornecidos pelo Departamento de Estatística do Estado.

1872 .....	31.385
1890 .....	64.934
1900 .....	239.820
1920 .....	579.033
1940 .....	1.337.644
1950 .....	2.200.000

Eis aqui, em cifras, a origem dos inúmeros problemas atormentadores da população laboriosa da cidade que, numa corrida desabalada

pela senda do progresso, iniciada em 1872, não dá mostras de arrefecer o ímpeto, tão cêdo.

## Problemas Surgidos

O incomparável crescimento da Capital Bandeirante acarretou uma série de equações — comuns a tôdas as cidades de desenvolvimento rápido, chamadas nos Estados Unidos «Boom town» — para o paulistano e para os responsáveis pelo seu destino. Entre outros vamos alinhar aqui os da escassez: de habitação, de energia elétrica, de transportes, de aparelhos telefônicos; insuficiência da rede de água e esgoto, de pavimentação; o tráfego, cada dia mais difícil.

O problema da falta de moradia está a caminho de resolver-se pela iniciativa particular, coadjuvada pela ação de Institutos e Caixas. Já não é raro encontrar-se a taboleta com o anúncio de «Aluga-se», embora a locação seja a preços elevados. No entanto, o incremento das construções fatalmente forçará a queda do valor locativo ao seu nível justo.

De outro lado já se pôde esperar o término do racionamento da energia elétrica, pois a poderosa Empresa Canadense promete solucionar o caso para dia não distante, em face do empréstimo que lhe foi financiado pelo governo federal.

A pavimentação e a ampliação da rede de águas e esgotos têm sido realizadas numa proporção nunca dantes registrada.

#### Transporte-Tráfego: o grande problema

Se se levar a efeito um inquérito junto à população dos nossos bairros, constataremos que o problema mais premente dos paulistanos menos favorecidos pela fortuna, e que constituem a grande maioria dos habitantes da Metrópole do Trabalho, é o do transporte. Os bairros continuam a alastrar-se a muitos quilômetros da zona central. O centro bancário e comercial amplia-se constantemente, exigindo sempre maior número de empregados que, pelos seus salários, só podem morar em bairros distantes e utilizar-se dos meios populares de transporte.

Só os que possuem recursos próprios de locomoção desconhecem o suplicio a que se submetem homens e mulheres, componentes do gigantesco exército de trabalhadores paulistano que, pela manhã, à hora do almoço, e à tarde, são obrigados a utilizar-se de transportes morosos — pelo tráfego difícil — e superlotados, com um cacho humano de pingentes sujeitos a todo momento a serem varridos do estribo por algum veículo mal guiado ou estacionado.

É com esse quadro doloroso, vivo em nossa retina, que nos abalancamos a focalizar o presente e angustiante problema — Transporte-Tráfego — e nos daremos por muito feliz se esse nosso esforço puder contribuir, ainda que parcialmente, para que o atenuem.

Os dados do último senso demográfico, publicados na imprensa, dão para o maior centro industrial da América do Sul o surpreendente acréscimo populacional de 73%, num espaço de 10 anos. O desenvolvimento da Capital do Café constitue fato singular na história do crescimento das cidades. Como consequência, embora a urbe tivesse contado entre os seus administradores muitos paulistas amantes do torrão natal, dinâmicos e realizadores, encontramos a braços com problemas que escaparam a qualquer previsão anterior.

#### Lição para o futuro

Sirvam as atuais dificuldades de ensinamento para as realizações futuras dos serviços públicos. Aqui os problemas não devem ser solucionados com medidas que atendam apenas às necessidades do momento. Entre nós alguns empreendimentos mostraram-se insuficientes ao fim a que se destinavam, logo após sua conclusão. O Estádio Municipal do Pacaembu, com capacidade para 65 mil espectadores, foi considerado, ao iniciar-se a construção, exageradamente grande para São Paulo; no entanto, por ocasião do último Campeonato Mundial de Futebol foi pequeno para acolher a metade dos aficionados do esporte bretão, que desejavam assistir aos jogos lá realizados. E não se diga que isso aconteceu por se tratar de um torneio internacional, pois foi insuficiente para comportar a assistência do jogo entre os grandes clubes no Campeonato Paulista de Futebol.

Cabe, pois, aos responsáveis pelo bem-estar público — dêsse público que contribue com impostos e

com o trabalho incessante para o engrandecimento de São Paulo e da Pátria — adotar medidas resolutivas, não apenas para as necessidades atuais, mas que possam atender às prováveis dentro de um mínimo de 20 anos, quando a Capital Paulista ultrapassará, de muito, a casa dos 5 milhões de habitantes.

#### Focalizando o problema

Ao tratarmos dos transportes, não podemos deixar de examinar as condições do tráfego, porque a resolução prática do primeiro não está apenas na manutenção de uma grande frota de viaturas, bondes e ônibus, como poderia parecer aos menos avisados. Necessário se faz considerar as condições em que são percorridas as distâncias pelos veículos transportadores. Chegamos, então, naturalmente, ao estudo dos problemas do tráfego e à conclusão de que não se pode resolver o problema dos transportes de uma grande comunidade sem que se cuide do tráfego.

Para se ter uma idéia do aumento de tráfego registrado em São Paulo, transcrevemos alguns dados colhidos a esse respeito no Agrupamento de Policiamento de Trânsito da Força Pública, fornecidos pelo seu atual comandante.

«Em 1925, das 7 às 19 hs., 14.500 veículos deixavam o centro em demanda aos bairros, diariamente. Essa média subiu, em 1939, num espaço de tempo menor, ou seja das 14 às 21 hs., a 28.000 e, em 1948, ainda no período de 14 às 21 hs., a 55.000 veículos.

Não fôssem alargadas as vias de escoamento do tráfego para os

bairros e abertas outras novas, como as avenidas 9 de Julho e Rebouças, estaríamos numa situação de completa balbúrdia num setor que afetaria a vida econômica de São Paulo e do Brasil.

O número de veículos aumentou, nestes dois anos, cerca de 33%, ou seja, passou de 60.000 em 1948 a 110.000 atualmente (\*). É inevitável que o número de veículos continue aumentando com o nosso progresso industrial, e, se hoje o tráfego é penoso e irritante, tornar-se-á impraticável dentro de poucos anos, se medidas de grande alcance não forem tomadas para normalizá-lo. Se, com o número de automóveis que possuímos o tráfego já é um sério problema a criar outro mais importante, o dos transportes, qual não será a situação quando tivermos nas ruas da nossa Capital 200.000 veículos, quantidade proporcional à existente em Nova Iorque, metropole de tráfego satisfatório?...

#### Solução para o problema

##### Transporte-Tráfego

Tem sabor acaciano a frase: «Para os grandes males, grandes remédios». A sentença encerra, no entanto, muita sabedoria. O problema dos transportes não será resolvido sem realizações de vulto visando melhorar o tráfego. Se tais medidas não forem tomadas de modo radical pelas autoridades, chegaremos, estamos certos, a uma situação de calamidade pública. A colocação de sinais luminosos é paliativo. A situação angustiosa, que se agrava dia a dia, só será solucionada com grandes empreendimentos, dignos da fibra

da valerão as medidas de emergência para resolver a situação atual. São Paulo, assim afirmam os dados estatísticos que contam a história do seu desenvolvimento demográfico, em onze anos, estará com 4 milhões de habitantes. O problema Transporte-Tráfego precisa ser atacado imediata e decisivamente, pois o crescimento da capital industrial sulamericana não permite adiamento ou hesitações. Não podemos protelar por mais tempo a utilização do tráfego subterrâneo, o aproveitamento da topografia acidentada do planalto para, sempre que possível, construir-se o cruzamento das vias, em planos diferentes, por meio de túneis e viadutos; o alargamento de determinadas ruas, vias obrigatórias para certos bairros e a abertura de outras, paralelas às já existentes e a interligação dos bairros.

#### **Metropolitano**

O tráfego de superfície já atingiu à sua densidade máxima em São Paulo. O subterrâneo encurtará distâncias e diminuirá o tráfego da superfície. Esta solução não é uma aventura. Outras grandes cidades, como Nova Iorque, Londres, Roma, Paris, Estalingrado e, na América do Sul, a capital da República Argentina, recorreram ao Metropolitano para resolver o problema Transporte-tráfego.

Ao apresentarmos soluções para o problema Transporte-tráfego, não entraremos, como é óbvio, em detalhes de ordem técnica ou econômica, que devem ser resolvidos por departamentos especializados. Apresentamos problemas que existem realmente e soluções que foram adotadas

com sucesso em outras terras. Não é mais possível continuar com as tampas fechadas da arca municipal. Abramo-las para advento da maior capital do continente sul americano ou cruzemos os braços para império da estagnação e do retrocesso.

#### **Sugestões gerais**

##### **Cruzamentos em planos diferentes**

A topografia acidentada do planalto de Piratininga facilita, em inúmeros lugares, o cruzamento em planos diferentes. Em alguns pontos essas vantagens foram aproveitadas e construíram-se viadutos e túneis, mas a verdade é que grande número de cruzamentos está a exigir idêntica medida.

##### **Alargamento das ruas**

Alargamento das ruas que conduzem aos bairros. Abertura de novas vias, paralelas às citadas, com emprêgo de sobre-vias para o tráfego rápido, como as existentes em Manhattan, nos Estados Unidos da América do Norte.

##### **Ligação entre os bairros**

Evita-se, dêsse modo, a passagem obrigatória pelo centro todas as vezes que de um bairro se demanda outro. As vias que conduzem aos bairros deverão ser ligadas por uma avenida circular, construída à distância da parte congestionada do centro.

##### **Inter-ligação rodoviária**

Finalmente, outra ligação que se impõe é entre as estradas na periferia urbana, evitando dessa forma que os transportes, que vêm

de Santos com destino a Campinas, e os de procedência das cidades do Vale do Paraíba ou outras, e vice-versa, passem necessariamente pelo centro.

#### Conclusão

Se providências não forem tomadas, a já notável paralização do trânsito nos pontos de convergência de duas ou mais ruas, tornar-se-á cons-

tante, a ponto de asfixiar o comércio onde mercúrio fêz seu ninho.

O Bandeirismo, iniciado com os ampliadores do território Pátrio, está em meio e tem que se projetar em todos os setores da atividade humana a fim de não se esclerizarem suas vias e artérias que veiculam o sangue tonificante do organismo Nacional.

## BANCO DO BRASIL S/A.

Sede: — Distrito Federal — Rua 1.º de Março n.º 66

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado n.º 112

Endereço Telegráfico: «Satélite» — Fone: 32-5181

Tôdas as operações bancárias — Máxima garantia a seus depositantes

Nova tabela de juros para as contas de depósitos:

Depósitos populares — limite de Cr\$ 100.000,00 — 5%

Depósitos limitados — limite de Cr\$ 200.000,00 — 4%

— limite de Cr\$ 500.000,00 — 3 ½%

Depósitos de aviso prévio

— retirada mediante aviso prévio de 60 dias — 4%

— retirada mediante aviso prévio de 90 dias — 4 ½%

Depósitos a prazo fixo

— por 12 meses — 5%

— por 12 meses, com retirada mensal de renda — 4 ½%.

O BANCO DO BRASIL S.A. tem agências nas principais cidades do País e duas no exterior, para tôdas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

NO ESTADO DE SÃO PAULO, estão em funcionamento, além das Agências Metropolitanas da Lapa, Brás, Penha, Bosque da Saúde e Ipiranga, as Agências nas seguintes cidades: Andradina, Araçatuba, Araraquara, Assis, Avaré, Bariri, Barretos, Bauru, Bebedouro, Botucatu, Bragança Paulista, Cafelândia, Campinas, Catanduva, Franca, Garça, Itapevinga, Itapira, Ituverava, Jaboticabal, Jaú, Limeira, Lins, Lucélia, Marília, Matão, Mirassol, Mogi das Cruzes, Monte Aprazível, Nova Granada, Novo Horizonte, Olímpia, Orlândia, Paraguaçu Paulista, Pederneiras, Piracicaba, Piraçununga, Piraji, Pirajuí, Presidente Prudente, Promissão, Rancheira, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santa Cruz do Rio Pardo, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo, Santo Anastácio, Santo André, Santos, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São Manoel, Sorocaba, Taquaritinga, Taubaté, Tupã, Valparaíso, Votuporanga e Xavantes.

**NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS**  
**PELA GRAVARTE LTDA.**

# A Escrava do Dever

*À "Militia" fortim de  
nossas reivindicações*

**S**ALVE, 13 de maio da Liberdade!

Salve, 13 de maio da escravatura!

Náquele, a mão de uma Princesa, quebrando algemas, libertou o escravo; neste, a mão de um Rei, sem forjar algemas, criou a escrava: a Polícia Militar do Distrito Federal — a escrava do dever.

Festejamos, durante uma semana, os nossos 143 anos de vida, de bem vivida, porque suada e sofrida; ano a ano, mês a mês, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, segundo a segundo, sob as armas do Bem contra o Mal, de sentinela aos haveres morais e materiais do povo, de lealdade e obediência aos Poderes Públicos, de disciplina e de patrióticas renúncias, de mansidão e de bravura, sem um só que mereça ser olvidado, sem um só que não esteja suado de labor honesto, sem um só que não seja um título de honra do imenso patrimônio de que somos, hoje, depositários e vigilante guarda.

Há no nosso relicário, ao lado das armas antigas e das velhas fardas, ao lado do «Brutus», — símbolo da nossa fidelidade, e da Ban-

deira sacratíssima que o 31.º de Voluntários mostrou aos céus paraguaiois rôta, trapo, crivo feito a balas, mas invicta, — há, ali, um tesouro fabuloso: são rubis feitos de sangue dos nossos mortos: lá, os que tombaram empunhando um fuzil, iluminados pelos clarões das batalhas, glorificados no sacrifício do culto a Marte; ali, os que cairam nas lutas internas, no culto ao dever; aqui, os que sumiram analhados, apunhalados, fuzilados nas tortas velas do crime, nas escarpas das favelas agressivas, dentro do silêncio das noites, sem estrélas e sem glórias, no permanente sacrifício do culto à Lei!

Amamos a nossa missão policial, porque sabemos que «policar é civilizar», é defender a saúde do organismo social, é um sacerdócio como o da medicina, porque o policial é o médico moral da sociedade.

Temos orgulho e somos ciosos das características militares que nasceram conosco em 1809, ouviram as alvoradas da Independência, cresceram com o Império, participaram da proclamação e da consolidação da República e estão inscritas na Carta Magna como a mais alta conquista da nossa existência.

Esse o amálgama de que foi fundida e esmaltada a alma da Polícia Militar, pois — já sentenciaram — «Com o rolar dos séculos sobre o tempo, a alma da cruz será, um dia, igual à alma do crucificado!».

Essa a herança — a alma e a cruz — que os atuais servidores da Polícia Militar, do seu devotado e brilhante Comandante Geral ao mais humilde e obscuro soldado, têm o irrenunciável dever de transmitir aos vindouros, intacta engrandecida e sem máculas.

Bracejando num mar de dificuldades e deficiências; jungida a uma organização inadequada; com um claro que é igual à metade do efetivo fixado; sem condições de remuneração compensadora e sem outros meios de atrair, em quantidade bastante, voluntários moral e fisicamente sadios, de nível mental capaz de assimilar e praticar os complexos ensinamentos da instrução profissional — viveu a Polícia Militar neste último lustro, da sua insuperável vitalidade, da sua imensa capacidade de sofrer em silêncio e de fazer o que pode, porque não pode fazer o que deve.

Crescem, dia a dia, com incrível rapidez, a densidade da população, a área habitada e a massa dos meios de transporte; e não cresce o nosso efetivo, que é, praticamente, o mesmo de 1905, quando não é menor, como agora o é.

Dirão que, depois, os efetivos de polícia-de-farda foram aumentados com a política da pluralidade das corporações civis para o serviço de rua; e eu direi que a soma dos atuais efetivos, mesmo multiplica-

da por qualquer algarismo, não atingirá o total que o número de habitantes, o perímetro edificado, as vias de comunicação e o alto índice da criminalidade e das ofensas aos bons costumes estão a exigir

Apesar de tudo, tudo vai indo, nestes dias de apreensões mas de paz, graças à indole ordeira do povo e a esses minguados abnegados obreiros da ordem pública, civis e soldados, que vigiam o sono da cidade que dorme e que trabalha; que protegem os que adoecem e os que curam, os que viajam e os que se divertem, os velhos e as crianças, os cemitérios e as maternidades, os templos e os monumentos, as escolas e os lares, a circulação da riqueza, a força da lei e o prestígio da autoridade.

Mas, desgraçadamente tudo pode mudar num instante.

A guerra, como se fôsse imensurável ave de rapina sobrevoando o mundo, já projeta a sombra das asas negras e das garras carniceiras sobre todos os povos e continentes.

Hoje, mais longe que se esteja da guerra, nunca se está longe da luta.

Ensinou a última conflagração, e as mais altas autoridades técnicas das nossas Forças Armadas ensinam, que a frente interna é, agora, tão importante quanto a frente externa.

Elas têm de coexistir, como se vivessem ligadas ao mesmo cordão umbelical, e o colapso de uma trará como consequência, o colapso da outra, e a capitulação, e a ocupação, e a escravidão, e a maldição

na voz dos pósteros, e a condenação no Juízo dos vultos tutelares da Pátria.

São os policiais de farda os principais combatentes da frente interna.

Além dos conhecimentos indispensáveis ao exercício da delicada função policial nos dias de paz, têm eles também de saber atuar na defesa ativa e passiva da cidade, das usinas, das fábricas, das vias de comunicação, dos depósitos, das represas, dos meios de transmissão, dos pontos vitais, contra a espionagem, contra a sabotagem e na colheita de informações de valor militar ou policial.

Dai se conclue que o policial de farda não pode ser improvisado, nem pode atuar baseado na rotina, no empirismo, nem por imitação.

Figurai a hipótese da guerra, e que o inimigo esticou o braço comprido sobre a cidade — cérebro do Brasil, a despeito de tôdas as seguranças, lançou sobre ela um punhado de bombas, de paraquedistas, de sabotadores, de agentes de ligação com a quinta coluna sem fé e sem pátria.

Figurai a cidade em confusão, em desordem, pontilhada de incêndios, cortados os cabos condutores de energia, as adutoras de água arreventadas, as estações de rádio e telefônicas emudecidas, o temor e a insegurança rondando, os hospitais cheios, e os mortos, pela presença, matando os vivos...

Pensai, agora, como atuariam no restabelecimento da ordem as nossas corporações policiais de farda, sem unidade de comando, heterogê-

neas na organização, na instrução e nos meios; os civis, sem preparação, recebendo missões como se fossem militares; a militar, já exígua, reduzida à metade, enfraquecendo-se pela dispersão dos seus elementos nas missões individuais.

Que seria de nós?

Dai-nos a resposta, homens públicos de minha terra, doando ao Distrito Federal um organismo policial de farda sadio e forte, instruído e homogêneo, disciplinado e enquadrado, leve e ágil, armado, bravo, para suportar as durezas da luta na segurança da frente interna; mesmo, para o exercício da ação preventiva como policial de paz.

Não cuideis, senhores, que o pensamento que eu não pude vestir com as belas roupagens que só a inteligência e a cultura dão, mas que salta vivo e bruto da minha mealingua, seja um barato fogo de artifício de dia de festa.

Não é.

É o anseio coletivo de uma Corporação modesta, pequenina, mas que vale pela coesão e pela disciplina; que está unida em torno desse Chefe de escól, que os bons fados lhe deram para Comandante Geral, e olha para os seus olhos magnetizada pelo seu valor, pelo seu idealismo, pela sua dedicação de pai, pelo seu espírito público, pronta para obedecê-lo e para segui-lo.

Dai-nos meios à altura da nossa dupla missão e das responsabilidades que temos na manutenção da ordem pública, e prestareis inestimáveis serviços ao Distrito Federal e às altas conquistas da nossa civilização e da nossa cultura.

# Determinação e desenvolvimento do VALOR PESSOAL

---

Primeiro de uma série de trabalhos de tradução e adaptação de instruções sobre o assunto, em vigor na Polícia Rodoviária do Estado de Ohio, EE. UU.

---

**N**O presente trabalho expõe-se um método cujo escopo é determinar o valor do homem para a corporação bem como cuidar dos melhoramentos de que necessita, para atingir o padrão satisfatório.

Através deste processo far-se-á u'a análise do pessoal de todos os postos e graduações bem como se lhes desenvolverá a capacidade de ser útil para a corporação.

Seu objetivo é a melhoria profissional constante dos indivíduos e o continuado aprimoramento das condições e da eficiência da organização.

Baseia-se no critério administrativo já estabelecido na Fôrça, segundo o qual quando um homem necessita de correção e assistência, os oficiais e graduados lhas deverão propiciar.

Trata, pois, êle, do provimento de supervisão positiva. Evidenciar deficiências e mostrar seus efeitos sobre o próprio homem, sobre o seu trabalho e sobre a organização, e depois encorajá-lo e assistí-lo no próprio melhoramento, é *supervisão positiva*.

Ignorar deficiências em subordinados, ou, apenas evidenciá-las e nada mais, é praticar *supervisão negativa*.

Chega-se à supervisão positiva pelo emprêgo de duas fases do sistema em separado, isto é:

1.º — Aplicando medidas tendentes a completar, aprimorar e uniformizar a análise e a conceituação do homem;

2.º — Assegurando-se de que os homens estão sendo encorajados e assistidos na própria melhoria.

Um conceito pessoal, quando emitido e submetido à apreciação superior, tem apenas metade do valor desejado.

A outra metade será obtida pelo uso da primeira na procura da segunda, isto é, na busca de efetiva melhoria do indivíduo até que êle alcance o padrão aceitável.

Opiniões pessoais, apenas, não são suficientes para reduzir o conceito de um homem; cada redução no seu conceito, ou cada conceito abaixo do normal ou satisfatório deve ser baseado em fatos tangíveis e específicos ou na evidência duma deficiência.

Os 31 diferentes aspectos que apresentamos sob os quais o valor do homem para a corporação é estudado e medido, representam todos os fatores que têm sido freqüentemente usados no

passado nas determinações do valor pessoal.

Não se pretende, com isso, apresentar um estudo técnico do indivíduo. Pretende-se apenas executar um exame prático do valor do homem para a corporação.

Os fatores ou itens são de 3 tipos, em geral, e tratam das:

- 1 — Características pessoais;
- 2 — Características do trabalho;
- 3 — Habilidades pessoais.

No decurso da explanação de cada um dêles se evidenciarão com clareza duas cousas:

1 — A explicação exata do que deve ser considerado, e qual a sua aplicabilidade à corporação;

2 — A explicação do que deve ser considerado aceitável para a corporação.

Os oficiais e graduados podem conhecer os indivíduos, mas a êles não cabe determinar seus padrões de desempenho satisfatório. Êstes padrões devem ser pròpriamente estabelecidos e serão explicados mais adiante.

O trabalho dos oficiais e graduados constitue-se de duas partes:

1 — Devem conhecer o indivíduo e seu modo de operar com o objetivo de apreciar-lhe o valor;

2 — Depois de determinarem em que fatores o homem se situa abaixo do padrão, devem tomar medidas substanciais para guiá-lo e assisti-lo no pròprio erguimento até o padrão exigido.

A função do homem que estiver sendo julgado também se constitue de duas partes:

1 — Deve aceitar a correção e a crítica construtiva que se faz de sua pessoa como sendo para o seu pròprio bem;

2 — Deve levar avante o honesto e substancial esforço necessário para alcançar o melhoramento desejado.

Tôdas as medidas que forem tomadas no julgamento e correção de um indivíduo devem ser francas e executadas abertamente.

Ambos, supervisor e indivíduo, devem empenhar-se na manutenção de um esforço cooperativo.

A incerteza e a desconfiança que acompanham qualquer conceituação secreta ou confidencial devem ser evitadas no sentido de se obter essa cooperação e levá-la a bom têrmo.

Ao indivíduo que estiver sendo corrigido deve ser dada uma sincera oportunidade de emendar-se, exceptuando-se sòmente os casos excepcionais que serão especificamente discutidos adiante. Contudo, a responsabilidade pelo esforço de corrigir-se cabe ao pròprio indivíduo e não ao oficial ou graduado supervisor de sua conduta.

## EVIDÊNCIAS DE UMA DEFICIÊNCIA

Quando uma deficiência deve ser usada na redução do grau de um homem para o período determinado (normalmente de 3 meses), necessário se torna que se estabeleça uma prova definida dessa deficiência.

Não é suficiente que o oficial julgador meramente creia ou pense que o homem é deficiente. Ê necessário que uma prova específica e tangível dessa deficiência seja apontada.

Êssa prova tangível pode ser obtida através da observação do oficial ou graduado, desde que êle tenha visto a ocorrência atual ou tenha tido prova dela.

Pode-se obtê-la também por meio de depoimentos de pessoas respeitáveis de dentro ou de fora da corporação. Tais depoimentos devem, no entanto, ser inteiramente examinados do ponto de vista dos prejuízos e prevenções pessoais, antes de serem aceitos.

Relatos de natureza comadresca não são bastantes para justificar uma redução de pontos. Todo relato deve ser investigado por um oficial e estabelecido como um fato, antes de que o assunto nele versado possa ser objeto de consideração no rebaixamento do grau de um homem.

#### ESTABELECIMENTO DA VERIFICAÇÃO POR UM CONCEITO NUMÉRICO.

A prova de uma deficiência para reduzir o conceito numérico de um homem pode ser obtida através de qualquer superior do posto policial, do destacamento, do pelotão, da companhia a que pertencer o homem e mesmo através de superiores a ela estranhos. Chega-se ao grau a ser dado através de consultas sucessivas que, partindo do cabo e passando por todos os graduados e oficiais da companhia com função de comando ou de administração sobre o indivíduo considerado, cheguem ao capitão comandante.

Todos os superiores acima serão familiarizados com toda e qualquer prova de deficiência evidenciada em qualquer subordinado bem como com cada parte do relatório considerado.

O conceito (grau) final, deve ser emitido pelo capitão como resultante das sucessivas consultas vindas dos cabos, sargentos e oficiais da companhia, principalmente dos que exerçam função de enquadramento sobre o conceituado e da sua própria observação.

O cabo e demais superiores devem tomar tôdas as medidas necessárias tendentes a familiarizar o homem com seu registro de deficiências, antes de submetê-lo a apreciação superior.

Aqui o objetivo imediato é a segurança de que todos os fatores encardos sejam inteiramente enquadráveis dentro de cada medida do processo de julgamento e correção do homem. É essencial que não seja usado sigilo. Toda parte da operação e aplicação dêste método deve ser ostensiva e executada absolutamente às claras.

O homem considerado deve ser esclarecido acêrca de sua deficiência, e a êle deve ser mostrado o efeito ou possível efeito de tal deficiência sobre si mesmo, sobre seu trabalho, e sobre a organização como um todo (conjunto).

Não deve padecer dúvida quanto a que êle compreenda o que se lhe pede relativamente a cada um dos fatores e o que se espera dêle no tocante ao próprio esforço e melhoramento. Depois de tomadas estas medidas, registra-se o conceito numérico (grau) para o período, encaminhando-o a quem de direito, da maneira já especificada.

#### VERIFICAÇÃO DE OFICIAIS, GRADUADOS E SOLDADOS

**SOLDADOS:** O cabo e o sargento com função de comando, emitirão um conceito submetendo-o ao tenente. O tenente, depois de consultar outros sargentos e graduados de sua fração, emitirá, por sua vez, seu próprio conceito sobre cada um de seus soldados, remetendo-os todos ao capitão.

**CABOS:** Todos os sargentos concorrerão na feitura de um conceito sobre cada cabo encaminhando-o ao te-

nente. Este, por sua vez, emitirá seus próprios conceitos, remetendo-os ao capitão.

**SARGENTOS DE TROPA:** (3.ºs e 2.ºs) — Seus conceitos serão atribuídos, em primeira instância, pelos 1.ºs sgts., subtenentes e oficiais subalternos da Cia., em conjunto, e encaminhados ao capitão, que emitirá o definitivo.

**PRIMEIROS SARGENTOS E SUBTENENTES:** Suas notas serão atribuídas em conjunto pelos oficiais subalternos e encaminhadas ao capitão, que emitirá o grau definitivo.

**OFICIAIS SUBALTERNOS:** Seus conceitos serão da atribuição exclusiva do capitão.

**CAPITÃES:** Quando enquadrados, a emissão de seus conceitos poderá ser da atribuição do major e do tenente-coronel ou cel. comandante da unidade; quando não, poderá ser da atribuição do sub-chefe e do chefe do E.M.

### MÉTODO PARA ATRIBUIÇÃO DE GRAUS

Realiza-se um conceito atribuindo-se a cada fator em separado um valor numérico. O valor numérico variará entre os graus de 1 a 5, inclusive.

Nenhuma tentativa será feita no sentido de adicionar as separadas conceituações numéricas dos 31 diferentes fatores e chegar a uma verificação total.

O método requer simplesmente a verificação e registro de todos os fatores e a aplicação de medidas corretivas onde necessárias.

Cada um dos cinco diferentes e possíveis graus indica uma específica seqüência de condições ou circunstâncias relacionadas com a habilidade e valor do homem sob cada um dos fatores considerados.

Em estabelecendo estes cinco graus, e em especificando as condições que são indicadas por eles, duas considerações primárias são envolvidas relativamente ao homem:

1 — O efeito de seu valor para a corporação;

2 — A possibilidade de sua corrigenda quanto à deficiência apresentada.

Cada verificação então indicará simultaneamente o valor do homem para a corporação evidenciada pelo fator em particular, e também a possibilidade de sua corrigenda. Por isso deve-se ter em vista:

1 — Tôda deficiência aparente que não tenha efeito sobre o próprio indivíduo como policial, sobre seu trabalho, ou sobre a organização, de qualquer forma, não pode ser considerada contra êle;

2 — Qualquer deficiência que afete seu valor para a corporação, quer seja de efeitos sobre seu próprio valor ou sobre a consideração e reputação geral da corporação, deve ser considerada;

3 — Se um homem empreende esforço adequado depois de lhe haver sido mostrado o que lhe falta, e efetua o melhoramento necessário, seu conceito nunca deverá ser tão baixo a ponto de tornar-se sério;

4 — Se o homem não emprega o necessário esforço para efetuar o melhoramento desejado, seu grau nesse fator tornar-se-á progressivamente tanto mais baixo, quanto mais tempo êle permanecer inativo.

Em geral, uma violação ou deficiência sob um fator terá como resultado a redução de seu grau somente de um ponto abaixo do satisfatório (normal).

Se êle corrigir sua deficiência durante o período de verificação subsequente sua nota retornará ao nível satisfatório (normal).

Se êle deixar de corrigir sua deficiência durante o período subsequente sua nota permanecerá no mesmo nível, isto é, um ponto abaixo do normal, desde que honestamente esteja tentando corrigi-la.

Se não houver tentativa de corrigir sua fraqueza, baixar-se-lhe-á outro ponto desde que seus superiores concordem com a necessidade da pressão adicional.

Dessa forma, sua nota poderá ir baixando de grau em grau, como para dar ao homem toda oportunidade de se levantar até o padrão. Seu grau alcançará ao mínimo, somente quando os oficiais e graduados unânimemente concordarem que não há possibilidade de corrigir-se em razão de sua falta de esforço ou de competência para conseguí-lo.

Na redução de graus, se faz exceção à regra, quando a violação ou deficiência se revelar em fator de vital importância como seja no **COMPORTAMENTO** ou na **HONESTIDADE**. Se tal violação ou deficiência for de natureza extrema que mereça imediata ação drástica, seu grau pode ser rebaixado ao nível mínimo, sem que se lhe dê a oportunidade de emendar-se.

O grau mais baixo, que pode ou não ser considerado passível de exclusão ou expulsão, coloca a responsabilidade de ação no Comando Geral da Fôrça.

Quando o grau de um homem alcançar na redução gradual o nível mínimo, a decisão para novos passos ou ação recairá sobre o comandante da unidade ou no Comando Geral.

Os graus de um indivíduo tanto podem aumentar como diminuir.

De um modo geral, a nota de um homem aumentará gradativamente, se êle empregar o esforço necessário e efetuar o melhoramento requerido.

O esforço por si só não determinará qualquer melhoria de grau, pois, para tanto devem ser obtidos resultados e melhoramentos efetuados.

O esforço honesto, por si só, poderá ser considerado como digno de evitar um rebaixamento de grau muito rápido se os oficiais e graduados assim o entenderem.

Se o esforço do homem for honesto e substancial êle aproveitará toda oportunidade razoável para se corrigir; contudo, ressalte-se, há um limite definido para isto.

Deficiências insignificantes que não reduzam substancialmente o valor de um homem para a corporação nunca deverão influir para, como quer que seja, causar um rebaixamento ao grau mínimo.

A significação de cada um dos cinco possíveis graus é a seguinte:

**VALOR DO 5 (CINCO)** — Indica que o homem está acima do padrão que é considerado aceitável. Êle indica excepcional qualificação sob o fator considerado. Ê uma nota excepcionalmente boa e não é de esperar-se o ter de atribuí-la freqüentemente.

**VALOR DO 4 (QUATRO)** — Significa que o homem é aceitável, e não há indicações sobre uma necessidade de melhoramento. Indica que não há razão para crítica ou correção. Ê o grau satisfatório.

O grau 4 (quatro) é ponto de partida normal. Na ausência de qualquer indicação de deficiência, o grau será 4

(quatro). Reconhece-se, contudo, que certos fatores envolvem atividades que não podem ser compreendidas ou testadas em cada período de controle, por exemplo: — uso de armas de fogo.

Em tais casos um grau abaixo de 4 (quatro) permanecerá no seu nível até que seja evidenciado o mérito da troca. Em outros fatores, o grau será elevado de um ponto em cada período se não houver indicação de sua deficiência durante o mesmo até que o nível 4 (quatro) seja alcançado.

**VALOR DO 3 (TRÊS)** — Indica alguma necessidade de melhoramento. Significa que o homem mostrou alguma indicação ou prova de que êle não é inteiramente satisfatório. Indica alguma falta ou deficiência de sua parte, mas não tão grande que, com um esforço razoável, não a possa corrigir. Pôde-se dizer que um grau 3 (três) não é causa suficiente para muita apreensão da parte do indivíduo que o tenha, desde que êle não se satisfaça com êle ou deixe que ainda abaixe mais. Espera-se que uma simples prova específica ou uma deficiência durante o período de verificação resulte num 3 (três). Espera-se também que, exceptuando-se certos fatores como o citado anteriormente: — uso de armas de fogo, se não se evidenciar a deficiência durante o período de controle subsequente, o grau poderá ser melhorado para 4 (quatro).

Se um homem falhar na própria corrigenda, mas se tornar merecedor de uma consideração adicional, seu grau poderá ser mantido no 3 (três), por períodos sucessivos, antes de ser baixado para 2 (dois).

O grau (três) pôde indicar também que o indivíduo, previamente ten-

do tido um grau 2 (dois), deu alguma prova tangível de melhoramento, ou tendo tido ocasião de mostrar sua deficiência, não deu prova ou mostra disso.

**VALOR DO 2 (DOIS)** — Indica que sua deficiência alcançou sérias proporções e que, tendo tido oportunidade plena de corrigi-la, nada fêz nesse sentido.

Para o homem, um grau 2 (dois) indica estar situado bem abaixo do padrão e que seu esforço para se levantar até êle não está produzindo resultado, ou que não está empregando o esforço necessário nesse sentido. Geralmente o grau de um homem será mantido no 2 (dois), por períodos sucessivos até que êle evidencie melhoria que justifique sua elevação para 3 (três), ou até que os oficiais e graduados da companhia concordem que não há probabilidade de melhoria, sendo então seu grau reduzido a 1 (um). Como foi estabelecido atrás uma violação ou deficiência de certos fatores de importância vital pode justificar um grau 2 (dois) imediato sem a necessidade de se o reduzir de grau em grau.

**VALOR DO 1 (UM)** — Indica que seus superiores dos diversos escalões, depois da consideração devida, chegaram unânimemente à conclusão de que não há possibilidade razoável de seu próprio levantamento ao padrão normal.

O grau 1 (um) é o mais baixo e indica a necessidade de ação da parte dos comandos da unidade e da Fôrça. A decisão, no entanto, deve ser do Comando da Fôrça.

Nos fatores vitais, particularmente retro descritos, tais como *Honestidade* e *Comportamento* um grau 1 (um) pode ser dado por uma simples violação

séria ou deficiência, e, como tal, pode merecer a imediata ação do Comando Geral.

Em geral, espera-se que a média dos graus dos homens, nos vários fatores flutuem entre 4 (quatro) e 3 (três) ocasionalmente, particularmente durante os anos em que eles estiverem aprendendo o trabalho.

Sob certos fatores, que não são de natureza a requerer ação drástica no evento de uma deficiência de longa duração, seu grau nunca deverá alcançar o nível mínimo, mesmo que não evidencie melhoramento capaz de determinar-lhe um aumento.

Certos dos fatores são de tal sorte que pode não haver oportunidade de serem demonstrados durante todo o período de verificação. Nesses casos, e, se nenhuma oportunidade para qualquer nova indicação tiver sido dada, a última nota prevalecerá. Um exemplo desse tipo de fator: — uso de armas de fogo.

Em certos fatores, tais como: — *Condução de Automóveis ou Motocicletas*, nos quais anteriormente se tenha atribuído grau 3 (três), pode-se evidenciar alguma melhoria durante os períodos subseqüentes de verificação mas que não seja o suficiente para justificar se lhe atribua grau satisfatório 4 (quatro). Em tais casos o grau deve permanecer 3 (três). É preciso que, quando a qualquer indivíduo for atribuído um grau 3 (três) em qualquer fator, superiores estejam preparados para dar informações detalhadas sobre o que se relaciona com sua deficiência e quanto às medidas tomadas para corrigi-la.

Si a um indivíduo é atribuído o grau 1 (um) em qualquer fator, o re-

latório será acompanhado por informação detalhada *em grifo* expondo todos os fatores que constituem sua deficiência e as medidas anteriormente tomadas para corrigi-la, se tiver havido.

Em circunstâncias normais os graus serão dados cada três meses.

Se uma violação ou deficiência se apresentar em pleno período de verificação, de molde a requerer a imediata ação do Q.G., um relatório especial será submetido à apreciação daquele órgão, referindo-se tão somente à matéria urgente.





## O Ingrediente de Valor Inestimável

**N**A cidade de Bagdad vivia Hakem, o sábio, e muita gente lhe vinha pedir conselhos que ele dava livremente a todos, nada pedindo em pagamento.

Veio um moço, que tinha gasto muito, mas recebido pouco em troca, e disse : — «Dize-me, sábio, o que devo fazer para receber o máximo em troca daquilo que eu gasto ?»

Hakem respondeu : — «Uma coisa que é comprada e vendida não tem valor, a menos que tenha o que não pode ser comprado nem vendido. Procura o ingrediente de valor inestimável.»

«Mas o que é o ingrediente de valor inestimável ?» perguntou o moço.

Respondeu o sábio : «Filho, o ingrediente de valor inestimável de qualquer produto do mercado é a honra e a integridade daquele que o fabrica. Toma em consideração o nome deste antes de comprar.»

**SQUIBB - PRODUTOS FARMACEUTICOS**

# FUGAS DE PRESOS

Ten. Evandro F. Martins

**O**BSERVA-SE, no momento, e os jornais o focalizam, um movimento quase que geral, no interior, visando construções de novos prédios para as cadeias públicas, ou então, reformas dos já antiquados casarões existentes, datando alguns do século passado.

Inúmeros casos são provocados pelo espírito humanitário de melhorar as condições de salubridade dos xadrezes, em benefício dos presos que, apesar de tudo, são homens.

Outras vezes, verificamos que a finalidade é, unicamente, melhorar as condições de segurança, depois de algumas duras lições dadas por presos que se evadiram, audaciosa e espetacularmente.

No interior, em geral, a população, por força da vida monótona, não «acredita» na possibilidade de fugas, e quando as mesmas ocorrem, servem de assunto obrigatório para o mês todo. Nessas «prosas» como será fácil prever, a polícia não está colocada em boa situação. Não se lembra, o homem do povo, que as cadeias são arcaicas, não passam por reformas e os homens ali recolhidos, passam meses e meses a observar a conduta do carcereiro e demais elementos da guarnição.

Os presos elaboram seus planos em função de uma falha do carce-

reiro e das deficiências da vigilância. O aproveitamento do ponto onde o xadrez, ou xadrezes, têm o seu «calcanhar de Aquiles» é a base do plano de grande número de fugas, que se dão através de um ou vários varões serrados. Serrado um varão, os interessados na fuga, obturam a fenda com cera ou massa de pão, passando-lhe um lápis preto para «camuflagem». A barra escolhida é justamente aquela em que o carcereiro bate com pouca força, na hora da revista, ou que não é batida, por deficiência da citada revista. A haste é cerrada totalmente, numa extremidade, e parcialmente na outra, junto à travessa horizontal, permanecendo uma pequena parte para que se mantenha na posição, até o momento propício, quando será arancada com um golpe.

Chegado o momento da fuga, sempre escolhido entre o período do crepúsculo ao amanhecer, um dos presos, previamente escalado, tentará desviar a atenção do piquete ou sentinela, perguntando-lhe as horas, se o relógio estiver no fim do corredor ou em alguma sala qualquer, oferecendo-lhe refrigerante com narcótico, pedindo-lhe para chamar o carcereiro porque um prêsado adoeceu, dizendo-lhe que ouviu um barulho suspeito no pátio trazeiro da

cadeia, enfim, qualquer pretêsto já treinado com um ou outro soldado, despercebidos das intenções do candidato à fuga.

Como vemos, é comum e faz parte do plano captar a simpatia do soldado escalado, geralmente um simpório para cujo clube de futebol passa a torcer o recluso. Concordeará também com tôdas as idéias da vítima, achará que está sendo prejudicado na escala de serviço, que ganha pouco, etc.

Depois de certo tempo, soldado e carcereiro, já psicologicamente trabalhados, começam a fazer verdadeira propaganda de tal prêso, chegando a propor ao delegado que «o tal» poderá tomar banho de sol sem escolta, fazer limpeza na delegacia,

ajudar a arrumar o corpo da guarda, auxiliar na escrituração, dando-lhe, assim, oportunidade de pôr-se ao par das deficiências do prédio e, como goza de certa liberdade, poderá mesmo receber uma lima ou serra «para os devidos fins».

Um belo dia, carcereiro e soldado verão, estarecidos, que o amigo bateu as asas, deixando um varão das grades serrado ou um rombo no assoalho e mais um túnel — se ficarem vivos para tanto.

Então, assombrados, indagam «Tá vendo? Justamente êle!...» E arrematam; « Não se pode fiar em ninguém neste mundo».

Infelizmente, a realidade, em dois terços das fugas, é esta. É duro, mais é preciso dizer.



Torrefação e Moagem de Café

— TIRADENTES S/A. —

Rua Prates n.º 881 — S. PAULO

Fones 34-5248 e 34-6574

CAFÉ TIRADENTES

“O MELHOR CAFÉ DA TERRA DO CAFÉ”

Na aula de português:

O professor — Como já vimos, não devemos, portanto, iniciar orações com o pronome oblíquo. /

Me dá um exemplo dessa regra, Alcebiades.

## O Supremo Tribunal defende o Cinema Brasileiro

Em artigo anterior, havíamos relatado a formação de um movimento destinado a impedir a consolidação da indústria de filmes de nossa pátria. Ficou esclarecido que os maiores interessados em barrar a marcha do cinema brasileiro eram organizações cultural e economicamente estranhas ao progresso de nosso país.

Por que motivos, então, os exibidores Lucídio Ceravolo, Paulo Sá Pinto, Jairê Viana e Empresa Serrador, conquanto sejam tão brasileiros como o são os produtores, não tiveram dúvidas em impetrar o mandado de segurança contra o decreto de proteção ao cinema nacional?

Quem milita em qualquer setor de nossa produção cinematográfica sabe que os motivos são vários:

Preliminarmente, as distribuidoras estrangeiras, para fazer concorrência ao filme brasileiro, cujo sucesso de bilheteria é crescente, chegam a oferecer as suas películas em troca de porcentagens que não ultrapassam, muitas vezes, nem mesmo 20% das rendas obtidas. Ora, acontece que a Universal ou a Columbia podem oferecer tais vantagens porque a película de Hollywood, quando chega ao Brasil, já está paga diversas vezes, porquanto já foi

### *Ortiz Monteiro*

Professor de "História do Cinema" do Museu de Arte e produtor cinematográfico.

exibida no imenso mercado que são os EE. UU.

Os outros motivos que levaram os dirigentes dos circuitos encabeçados pelos cines Marrocos, Marabá, Cairo e Art-Palácio, a hostilizar o decreto de 1 x 8, prendem-se ao mau costume dos exibidores que sempre pagaram pelas fitas brasileiras o quanto quiseram e quando bem entenderam. O decreto presidencial determina que o aluguel não pode ser inferior a 50% da renda de bilheteria, devendo ser pago dentro de sete dias, sob pena da Censura não aprovar os novos programas.

O golpe mais ousado, pois, que os nossos adversários desferiram contra o cinema brasileiro, foi, sem dúvida, o mandado de segurança agora decidido pelo Supremo Tribunal Federal.

Os srs. Ministros, contudo, depois de muito debate em torno do pedido, houveram por bem indeferir a pretensão dos exibidores requerentes, sabidamente inspirados pelos distribuidores estrangeiros.

Em acórdão unânime, a nossa mais alta côrte de justiça reconheceu que a fita brasileira tem direito de desfrutar de uma pequena parte do mercado da própria pátria, acrescentando que o decreto em discussão não inovava coisa alguma, de vez que repetia determinações anteriores. Haja vista o que preceitua o art. 7.º do decreto 4.064, de 1942:

“Fica o Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda autorizado a aumentar a proporção de filmes nacionais de grande metragem, obrigatórios, de acôrdo com o desenvolvimento da produção e possibilidades do mercado”.

A atribuição, posteriormente, foi transferida para o Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Assim, portanto, se um simples chefe de serviço pode ampliar a proporção, é inteiramente ridículo pretender impedir que o exercício dessa prerrogativa seja estendido à autoridade suprema, que é o Chefe do Poder Executivo.

Foi pensando assim, que os srs. Ministros, ao julgar o famoso mandado de segurança, resolveram defender o novo e importante campo de trabalho que é o cinema nacional.

Resta aos srs. exibidores o cumprimento integral do decreto agora victorioso. Procedam como bons brasileiros e ingressem na ampla frente de defesa do cinema do Brasil, e os produtores, juntamente com tôda a imensa classe de profissionais de nossa indústria de filmes os receberão como amigos.

**Consumir**

É um dever de patriotismo.

**Produtos**

É contribuir para o  
desenvolvimento da  
nossa produção

**Nacionais**

É ajudar a libertação  
econômica do Brasil.

Uma organização útil

# A SECÇÃO DE REEMBOLSÁVEIS

Um pouco de história — Meios de que se constitue —  
Aspectos interessantes do seu funcionamento.

*Texto de F. Vieira Fonseca  
Fotos de Ludovico Paraschin*



O conjunto de prédios onde funciona a Sec. Reembolsáveis. O do primeiro plano é o da Casa de Carnes e o do segundo é o do Armazém.

**A** CRIAÇÃO de um organismo para o fornecimento de gêneros alimentícios e utilidades aos elementos da Fôrça Pública se fêz sentir desde há muitos anos. Daí o nascimento, em 1917, paralela à organização da milícia bandeirante, da antiga «Cooperativa», nome que se arraigou no

espírito dos milicianos e que ainda perdura, apesar das duas mudanças que sofreu desde então: «Secção de Abastecimento» e «Secção de Reembolsáveis». E' até comum ouvir-se o soldado de hoje pedir autorização ao «primeirão» da sub-unidade para ir fazer compras na «Cooperativa».

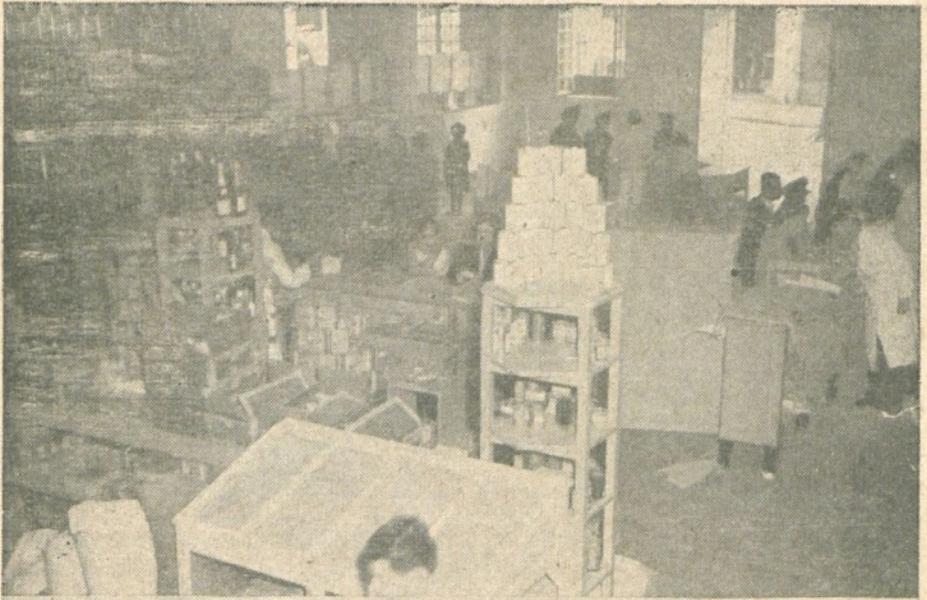


Algumas das viaturas que fazem o serviço de entrega recebem as mercadorias para levá-las ao seu destino

A manutenção e exploração da Secção de Abastecimento vinha sendo feita pela Caixa Beneficente, desde 1929, constituindo mesmo uma das fontes de receita desta instituição. Todavia, através de elementos extraídos dos balanços financeiros, os dados numéricos relativos aos lucros auferidos anualmente pela Caixa — daquele ano até a sua entrega à firma concessionária e, depois dessa concessão, até o término do seu contrato — provaram fartamente que tais lucros não deveriam ter existido, por serem contrários ao espírito do ato que presidiu à criação da «Cooperativa», uma vez que, inimigos da economia dos consumidores, da bolsa destes haviam sido arrancados. Ainda mais: o capital empregado pela Caixa na «Cooperativa» tinha uma remuneração que variava de 1 a 3%, enquanto que se fôsse emprega-

do nos empréstimos regulamentares renderia taxas de 8 e 9%, além de ter socorrido melhor os seus contribuintes em suas necessidades e aspirações. E, por mais estranho que pareça, chegou-se à conclusão de que o sistema primitivo havia prejudicado simultaneamente às duas partes: consumidores e Caixa Beneficente.

De 1939 a 1950, segundo resolução do Conselho da época, a Caixa entregou a uma firma comercial a concessão para exploração de sua Secção de Abastecimento. E mais uma vez foram prejudicados, durante um longo período, os consumidores e a própria Caixa. O irrisório lucro de 1% que a instituição auferiria não correspondia sequer ao aluguel dos imóveis, enquanto que a concessionária teria tido um lucro trinta vezes maior, considerando-se a margem usual do lucro no comer-



Esses dois aspectos do interior do Armazém. Aqui o movimento é sempre crescente, dado o interesse que a Sec. Reembolsáveis vem despertando entre os elementos que compõem a Força Pública.

Ao cap. Carlos Menezes, atual gerente da organização, cabe a responsabilidade de dirigi-la, auxiliado pelo subtenente Benedito Soares.



cio e ainda circunstâncias de que a firma jamais vendeu por preços inferiores aos da praça. E, segundo afirmação de um dos conselheiros da Caixa, «o concessionário, segundo se verifica pelas porcentagens que entregou à Caixa, obteve para sua firma lucros que se podem estimar entre um e dois milhões de cruzeiros anuais, lucros êses arrancados da bolsa dos consumidores, nossos subordinados».

Os fatos evidenciavam a necessidade de se adotar uma nova medida que viesse alterar tal estado de coisas, mormente considerando-se que estava prestes a findar-se o contrato de concessão. Daí surgir a nomeação, pelo Comando da Fôrça, em fins de 1949, de uma comissão (1) com a incumbência de estudar o assunto e diligenciar, apresentando o resultado de suas observações. Foi êsse estudo que surgiu a atual «Secção de Re-

embolsáveis», com um Armazém e uma Casa de Carnes.

Cumpre-nos ressaltar que tôda a organização atual da Sec. teve sua concepção pela comissão nomeada pelo Comando Geral da Fôrça, e magnificamente executada pelo seu primeiro diretor-gerente, o 1.º ten. Vasco Mil Homens Arantes, a quem coube a difícil tarefa de iniciar os trabalhos da neo-organização, dela se desincumbindo de forma esplêndida, uma vez que lhe imprimiu uma orientação alicerçada no trabalho e na lisura no trato com o bem coletivo. Nessá missão foi êle coadjuvado pelo operoso ten. Renato Ourique de Carvalho.

#### Conselho Diretor

Êste órgão de chefia tem as importantes atribuições dentro da organização, sendo constituído: do inspetor administrativo, como presidente; do chefe do Serviço de Subsistên-

(1) — Cel. João de Quadros, ten. cel. adm. Mário Lameira de Andrade, capitães Mário Ferrarini, Milton Marques de Oliveira e Jaime dos Santos.



O escritório

cia, do diretor-gerente e de dois outros oficiais, nomeados pelo comando da Fôrça (2).

### MEIOS PARA A CONSTITUIÇÃO DA SECÇÃO DE REEMBOLSAVEIS

O capital — Dos meios que se exigiam foi o capital, sem dúvida, o que maior atenção exigiu por parte dos responsáveis pelo novo organismo. Para a sua constituição foram instituídas quotas, variáveis de acôrdo com o posto ou graduação do associado:

— oficiais superiores	Cr\$ 2.500,00
— demais oficiais	2.000,00
— subtenentes	1.500,00
— sargentos	1.200,00
— cabos e soldados	1.000,00

Estas quotas, uma vez integralizadas, passam a render juros de 5% ao ano. Todavia, uma vez entregue a proposta e aceita, o associa-

do já passa a gozar das vantagens de quotista.

Uma das dificuldades iniciais para a constituição do capital — sem dúvida a maior — foi a forma para obtenção do numerário. Era sabido que nem todos os que desejavam ser quotistas dispunham da importância das suas quotas, para entregá-la de uma só vez à organização que surgia. Recorreu-se mais uma vez à Caixa Beneficente, cujo Conselho Administrativo se dispôs a autorizar o aluguel do capital, na base do Empréstimo Simples. Assim, beneficiando realmente o seu contribuinte, a instituição passou a receber juros de 8%, ao invés dos 1 a 3% de antigamente. Era mais um obstáculo que se vencia.

Pessoal — Distribuídos no Armazém, Casa de Carnes e Administração, conta a Secção de Reembolsáveis com quarenta militares e ci-

(2) — Cel. João de Quadros, presidente; ten. cel. Rubens Teixeira Branco, representante do Cmdo. Geral; ten. cel. adm. Luiz Teixeira Ribeiro Soares, chefe do S. Subsistência; cap. Carlos Menezes, gerente; e cap. Aldo Ribeiro da L.vz, secretário — eis o atual Conselho Diretor.



A Casa de Carnes, tendo quadruplicado o seu movimento, exigiu instalações modernas, das quais apresentamos estas duas objetivas.

vís, sob a direção atual do cap. Carlos Menezes, na função de gerente da organização, tendo como auxiliar imediato, o subtenente Benedito Soares. O Armazém e a Casa de Car-

nes, o serviço de conta-corrente de ambos e o setor dos quotistas são dirigidos por sargento, havendo ainda três motoristas. O restante do pessoal é civil, distribuindo-se pelo



#### NO DIA DA INAUGURAÇÃO

O então governador Adhemar de Barros, examina gêneros expostos à venda, acompanhado do cel. Odilon A. de Oliveira (então chefe do E.M. da Força) e do cel. João de Quadros inspetor administrativo e presidente do Conselho Diretor da Sec. Reembolsáveis.

escritório, Casa de Carnes e pelas funções de balconista, separador, pesador e auxiliar de motorista.

**Viaturas** — O serviço de entrega das mercadorias, em razão do grande e crescente número de associados, passou a ser feito por bairros. Dispõe, para isso, de três viaturas cuja manutenção, além do combustível, corre por conta da Secção.

**Prédio e instalações** — O prédio em que funciona a Sec. Reembolsáveis, inclusive instalações interiores, é o mesmo onde funcionou a Sec. de Abastecimento, constituindo um imóvel de propriedade da Caixa Beneficente.

#### Alguns aspectos interessantes

Um detalhe importante a salientar é o sistema pelo qual o quotista

se beneficia da sua condição de associado. Exemplificando, temos o fato de que as compras feitas por eles em maio último somente sofreram o respectivo desconto em junho, sendo que o recebimento, por parte da Secção, só se processou em meados de julho. Por aí se vê que a Secção tem que jogar com um capital apreciável (em maio, o montante das vendas foi de 1.088.000 cruzeiros!), a fim de conceder esta vantagem aos quotistas. Se estes fossem fazer suas compras na venda da esquina, depois de sofrer o risco de um não categórico e deprimente por parte do vendeiro, quando da solicitação da «caderneta», seu crédito não iria além de trinta dias (e olhe lá!...).



Um auxiliar civil na operação de separar batatinhas

Quanto ao crédito que os quotistas têm direito mensalmente, é de 40% dos vencimentos, sendo 30% em mercadorias do Armazém e 10% em produtos da Casa de Carnes.

Como um fator sintomático das vantagens que a Sec. Reembolsáveis oferece aos seus quotistas, temos o fato dela possuir associados até em Santos e Taubaté, para onde são despachadas as mercadorias do seu agrado. E' óbvio que tais interessados, ao preferirem pagar frete e carreto para as suas compras, por certo encontraram motivos convincentes para assim proceder.

A Sec. ainda supre aos Conselhos de Administração das unidades administrativas da Fôrça, fornecendo, dêsse modo, o crédito de que eles carecem para seus movimentos iniciais.

Medida de grande alcance social foi a decisão do Conselho Diretor,

concedendo as vantagens de quotista a tôdas as pensionistas da Caixa Beneficente, mesmo sem o pagamento da quota ou jóia.

Tôda mercadoria é codificada, para facilidade no manêjo da ficha-estoque, que é alterada diâriamente, o que dá à Gerência um contrôle preciso do estoque de mercadorias. Todavia, um levantamento global é feito nas últimas segundas-feiras de cada mês, sem prejuizo da limpeza geral do estabelecimento, sempre realizado neste dia da semana. Não há negar, o magnífico estado de asseio geral que observamos, vem comprovar decisivamente que a orientação que vem sendo dada à organização, desde os primórdios, é o caminho certo.

Os quotistas novos, isto é, aqueles que se inscreveram sessenta dias após a organização da Secção, estão

sujeitos ao pagamento de uma jóia, nas bases seguintes:

— oficiais superiores	Cr\$ 200,00
— demais oficiais	150,00
— subtenentes	100,00
— sargentos	80,00
— cabos e soldados	50,00

A Sec. Reembolsáveis tem, como objetivo primacial, defender a economia do seu associado, fornecendo-lhe gêneros alimentícios e utilidades nas melhores condições de preço e qualidade. Como uma das medidas mais importantes para atingir tal objetivo está na decisão de se fazer as aquisições, sempre que possível, nas fontes produtoras, evitando-se o intermediário. Outro fator positivo que tem concorrido para o sucesso da organização: todos os descontos concedidos nos faturamentos pelas firmas fornecedoras são realmente obtidos, já que todos os pagamentos estão sempre em dia.

O lucro médio que a Sec. auferiu é de 10%, destinado às despesas gerais tais como: seguro, material de escritório, permanente e de consumo, manutenção das viaturas, embalagens, quebras de mercadorias, etc. O lucro líquido auferido com o movimento de 1951 foi calculado em Cr\$ 150.280,90 e assim distribuído, de acordo com o Regulamento da Seção:

— 10% para o Fundo de Reserva, Cr\$ 15.028,10;

— 40% para o Fundo de Desenvolvimento, Cr\$ 60.112,40;

— 50% para retorno ao quotista, Cr\$ 75.140,40.

Daí se infere que houve um dividendo de 1% sobre as compras efe-

tuadas em 1951 no Armazém, importância esta que, somada com os 5% de juros sobre a quota, está sendo distribuída ao associado. Foi com grande satisfação que pudemos ouvir de um «praça velha»: «Pois é, antigamente a gente pagava caro e ainda não ficava satisfeito com a mercadoria que recebia. Hoje, as comidas são diferentes. E ainda se recebe uns caraminguás justamente antes do pagamento, quando a gente está numa pindaíba danada...» Assim se expressava o soldado quotista, todo contente por receber o dividendo mais os juros da sua quota.

#### Movimento de associados

Lutou a Sec., em seu início, com uma geral falta de confiança em seu sucesso. As experiências com as «Cooperativa» e «Seção de Abastecimento» tornaram nossos milicianos desconfiados e descrentes do sucesso do empreendimento. Poucos eram os que tinham certeza do êxito. Mas, felizmente, os que assim se manifestavam passaram para o outro lado e hoje a Sec. de Reembolsáveis é uma realidade, aumentando sensivelmente o quadro de associados e, conseqüentemente, das vendas. Temos hoje mais de 1.300 quotistas e o movimento das vendas, iniciado em abril de 1950 com Cr\$ 125.845,80, numa caminhada firme e sintomática, superou, no mês de maio último, a casa do milhão, com Cr\$ 1.088.000,00. A Casa de Carnes, cujas atividades somente se iniciaram em julho de 1950, com Cr\$ 53.182,30 de vendas neste mês atingiu, em junho deste ano, Cr\$ 218.638,90.

# Centro de Estudos Médicos

## da Fôrça Pública



Mesa que presidiu à sessão solene em comemoração à passagem do primeiro aniversário do Centro de Estudos Médicos e parte da assistência.

Pelos médicos do Serviço de Saúde, foi solenemente comemorada a passagem do primeiro aniversário de fundação do Centro de Estudos Médicos, oficializado por ato do sr. cel. Comandante Geral, em Bol. Geral n.º 289-51, contando com a presença do sr. cel. Euriale de Jesus Zerbini Comandante Geral da

Corporação; dr. José Martins Costa, livre docente da Faculdade de Medicina, Chefe do S.S.; diretor do H.M.; diretor do D.C.S.; oficiais médicos, farmacêuticos, dentistas e representante de «MILITIA».

A abertura dos trabalhos foi feita pelo ten. cel. méd. dr. Mário Brasil Cocóci, chefe int. do S.S.

Pelo 1.º secretário, capitão méd. dr. Flerts Nebó, foram historiadas as atividades do Centro, desde sua primeira sessão.

### Histórico

«O Centro de Estudos Médicos, foi fundado no dia 26 de maio de 1951, quando realizou sua primeira sessão clínica, que constou da apresentação, pe'o dr. Longo, de dois casos da 2.ª Enf.

Encontrou o Centro, em seus primórdios, uma série de dificuldades a vencer. A primeira era a descrença por parte de quase todos, de que tal iniciativa viesse a vingar, mesmo porque, em ocasiões anteriores, essa mesma idéia havia sido tentada sem maiores resultados. A segunda era o lugar onde pudessem ser realizadas as reuniões, considerando que as várias enfermarias e o Hospital Militar, não contavam com salões para conferências e projeções.

Isso porém, foi sanado, lançando-se mão da biblioteca, local acaanhado, porém comportando o número de médicos que aí se reuniam, imbuídos de um espírito de boa vontade. Com o correr do tempo, o número de presentes às sessões foi crescendo, vindo a biblioteca a tornar-se insuficiente para acolher a todos. Foi-nos então cedida esta sala de aulas, onde o Centro cresceu. Hoje, também este local está se tornando insuficiente, faltando-nos já um ambiente mais adequado.

Felizmente porém, a chefla do S.S., já nos prometeu que, dentro em breve, o Hospital Militar virá a contar com o seu Salão Nobre, sua biblioteca será trasladada para uma sala mais espaçosa com aparelhagem

para projeções, com o que também o Centro virá a ser beneficiado.

Não somente do Serviço de Saúde obtivemos apoio, nesta nossa iniciativa. Também do Comando Geral da Força Pública ele nos veio, tanto assim, que o Centro foi oficializado, a 31 de dezembro de 1951. Nessa ocasião já havia sido constituída a Diretoria Provisória do Centro, a qual fôra eleita por aclamação e composta pelos médicos, major Antônio Eugênio Longo, como presidente; major Jefferson Martins Costa, secretário geral; capitão Flerts Nebó, 1.º secretário, e capitão Floriano Baságliá 2.º secretário.

Ainda apoiados pelo exmo. sr. Comandante Geral e sob a orientação da D.G.I., realizou o Centro uma conferência no Regimento de Cavalaria, em seu Salão Nobre, a cargo do dr. Paulo de Azevedo Antunes, sobre «Aspectos Internacionais de Saúde Pública».

Sob a orientação dessa diretoria provisória, foram elaborados os estatutos do Centro.

Em princípios de fevereiro deste ano, realizaram-se as eleições para os cargos da Diretoria, tendo sido eleitos os associados, major Longo para presidente, major Jefferson para secretário geral, capitão Nebó, para 1.º secretário e 1.º tenente Wassal para 2.º secretário.

Durante o primeiro ano de sua existência, foram realizadas sessões semanais, sempre contando com bom número de presentes, e constando de casos apresentados pe'os membros. drs.: Longo, Jarbas, Laerte, Wassal, Nebó, Barini, Bocchini, Jefferson, Baságliá, Azael, Duarte, Cida-de, Nacib e Marino.

Além desses facultativos, o Centro promoveu conferências a cargo de médicos estranhos ao quadro da Fôrça, os quais gentilmente aquiesceram aos nossos convites e pronunciaram palestras de suas especialidades.

Tivemos assim o grato prazer de acolher e ouvir, em nosso Centro os seguintes médicos:

prof. dr. José Ramos Jr., falando sobre «Síndrome de Nefron Inferior», dr. Tito Ribeiro de Almeida, sobre «Rim Artificial»; dr. Gil Spilborghes, sobre «Síndrome de Adaptação»; dr. Orlando Henrique da França, sobre «Conceito de Alergia e Moléstias Afins»; dr. Ernesto Mendes, sobre «Considerações gerais e práticas de Alergia»; dr. Odair Pedroso, sobre «Organização Hospitalar»; dr. Euricles de Jesus Zerbini, sobre «Traumatismos Torácicos e Cirurgia Córdio-Vascular»; dr. Benedito Fleury de Oliveira, sobre «Questões de Tuberculose e B.C.G.»; dr. Paulo de Azevedo Antunes, sobre «Aspectos Internacionais da Saúde Pública»; prof. dr. Carlos da Silva Lacaz, sobre «Fator R.H.»; dr. Aluísio Mattos Pimenta, sobre «Estado Atual da Neuro Cirurgia»; dr. José Vieira de Macedo, sobre «Venereologia no Estado de São Paulo».

Ainda tivemos o grato prazer de ouvir uma interessantíssima palestra pronunciada pelo sr. ten. cel. Monsenhor Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, mui digno Capetão Chefe da Fôrça Pública, sobre «Assistência Social na Fôrça Pública».

Além dessas sessões, tivemos ainda projeções de filmes científicos, graças às gentilezas dos laboratórios Fontoura-Wyth e Squibb.

Ai estão, em linhas gerais, os trabalhos realizados pe'a atual Diretoria do Centro de Estudos Médicos.

Esperamos, no decorrer, deste resto de mandato, poder, ainda, editar a Revista do Centro; promover novas conferências e cursos médicos; e se nos for possível, ainda a realização de um congresso médico das Fôrças Armadas do Brasil. Entrar em intercâmbio, com outros Centros Brasileiros e Estrangeiros e instituir bolsas de estudos».



Inodora !  
Esterilizada !  
Medicinal !



SOC. INDUSTRIAL DE ÓLEOS LTDA.  
RUA DOS GUAIANAZES, 1536  
FONE: 51-3173 - SÃO PAULO

## Elementos da Imprensa falada e escrita da cidade de Carlos Gomes visitam o 8.º B. C.

O COMANDO DAQUELA UNIDADE INTERIORANA, DIRIGINDO-SE AOS NOSSOS AMIGOS DO RADIO E DO JORNAL CAMPINEIROS, PRESTA-LHES ÚTEIS E OPORTUNOS ESCLARECIMENTOS SOBRE A AÇÃO DA FORÇA PÚBLICA NA CAPITAL E NO INTERIOR — ALGUNS DADOS E GRÁFICOS DO «ANUARIO ESTATÍSTICO».

«O 8.º B.C. tem hoje a grande satisfação de receber em seu quartel a visita de seus amigos da imprensa e do rádio de Campinas.

O Comando, oficiais e praças desta unidade exultam com esta visita que sobremodo os honra e lhes dá oportunidade de fazer uma prestação de contas de seus serviços em prol da segurança e do sossego públicos.

O Jornal e o Rádio, como porta-vozes que são da opinião pública, clamam, rão raro, contra a falta de policiamento ou contra a maneira como êle é feito. Seu interesse pelo bem geral, lhes dá, às vêzes, um tom acre, que chega mesmo a ser tomado por alguns menos avisados, como um ataque à Fôrça Pública, que, todavia, compreende que as críticas da imprensa representam anseios do povo.

Não é de hoje, porém, que existe a lenda de que a Fôrça Pública de São Paulo é uma tropa militar,

que vive aquartelada, cuidando só de instrução militar, sem fazer policiamento, e sem ser mesmo capaz de fazê-lo, por falta de instrução adequada de seus elementos.

A Fôrça Pública conta em sua história, é verdade, gloriosas tradições militares. E' certo que seu soldado lutou no Paraguai. Esteve na retirada da Laguna, onde o tenente João do Prado Mineiro foi companheiro de Taunay. Bateu-se em Canudos, e nos movimentos de 1893, 1904, 1922, 1924 e 1930. Na gloriosa arrancada paulista de 1932, quando São Paulo inteiro levantou-se para constitucionalizar o Brasil, a Fôrça Pública foi um dos esteios, e os ossos de soldados seus estão enterrados no Monumento que Campinas ergueu aos heróis desta terra, no Cemitério da Saudade. Em tôdas as lutas históricas do Brasil, em todos os recantos do território do País, encontramos o soldado da Fôrça Pública empunhando a bandeira das treze lis-

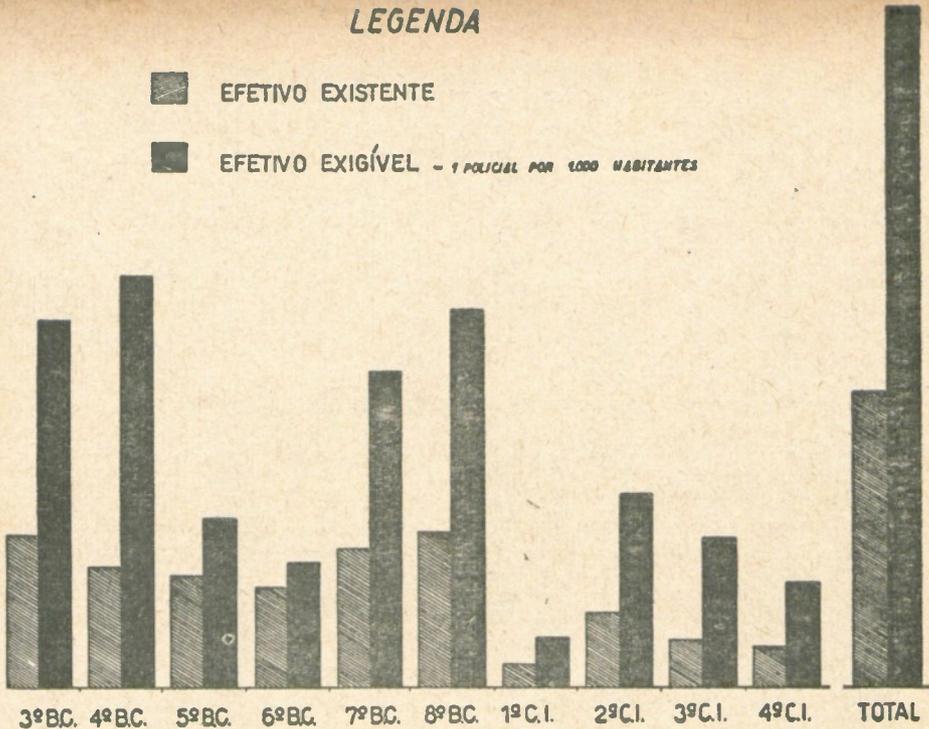
# LEGENDA



EFETIVO EXISTENTE



EFETIVO EXIGÍVEL - 1 POLICIAL POR 1000 HABITANTES



FONTE: IZ-EM

Estudo comparativo do efetivo existente com o exigível, das Unidades do Interior do Estado

(Do "Anuário Estatístico")

tas, fazendo o que o paulista sempre fez e sempre fará por nossa terra — lutando pelo Brasil.

Finda a peléja, as armas bélicas são ensarilhadas voltando o soldado, de «comblain» e revólver à cinta, para a rotina diária do policiamento.

### A instrução na Fôrça Pública

Vejamos o que faz a Fôrça Pública, no tocante à instrução de seus homens para prepará-los para o policiamento, sua missão precípua.

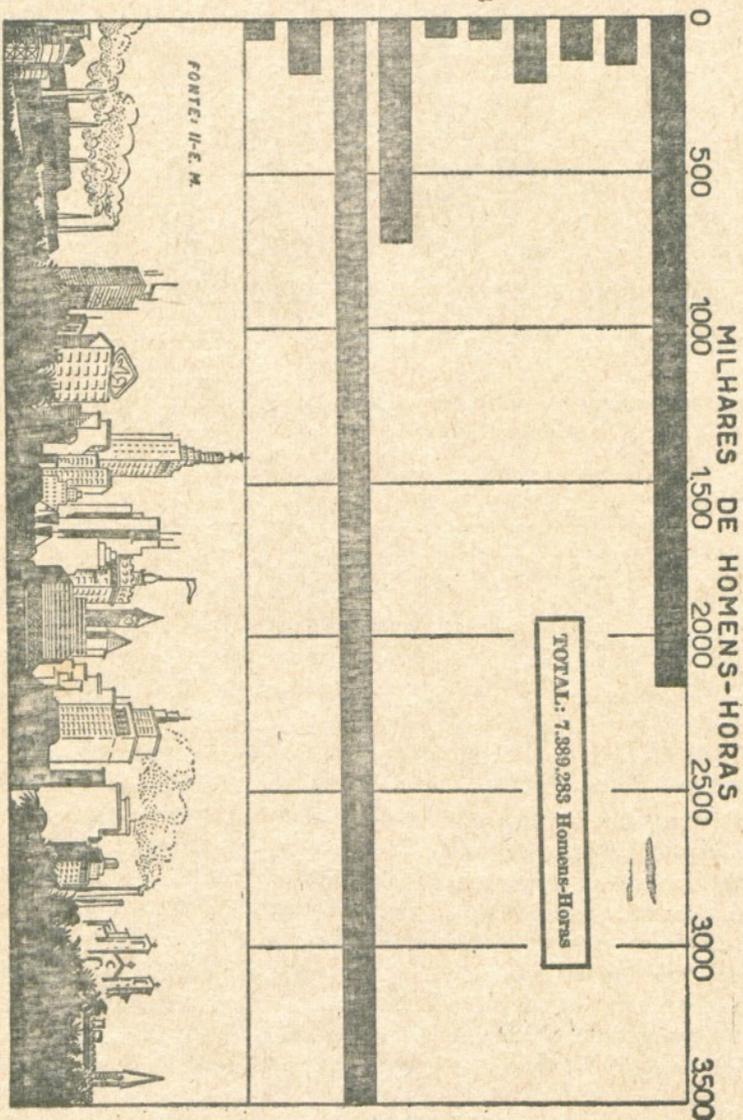
O recruta, para se tornar apto para o serviço, recebe 765 horas de instrução, e desse tempo somente 175 horas são de matérias estritamente militares.

Para se fazer cabo, tem o soldado aulas de Noções da Lei das Contravenções Penais, do Código Penal; o Regulamento Policial, a Organização Policial do Estado, Prática de Policiamento e de Organização e Técnica de Bombeiros.

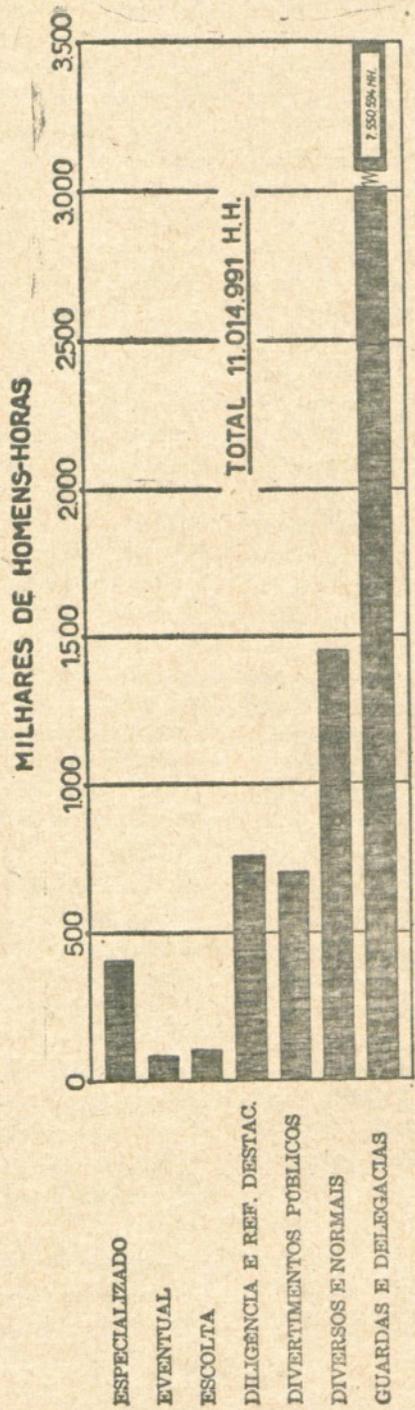
O cabo, para conquistar as divisas de 3.º sargento, estuda Noções de Direito, Prática de Processo Penal, Lei das Contravenções Penais, Técnica Policial, Prática Geral de Policiamento e Organização Técnica e Tática de Bombeiros.

Os futuros oficiais da Fôrça Pública, recebem, durante os três anos de curso no Centro de Formação e Aperfeiçoamento, ensinamen-

# POLICIAMENTO DA CAPITAL



# POLICIAMENTO DO INTERIOR DO ESTADO



FORTE: II-E.M.



tos sobre: — Introdução à Ciência do Direito, Direito Constitucional, Direito Penal, Direito Civil, Sociologia, Organização Policial, Técnica Policial, Prática Geral de Policiamento, Processo Penal, Criminologia, Criminológica, e de Organização, Técnica, e Tática de Bombeiros.

No Curso de Aperfeiçoamento, destinado a preparar oficiais para o desempenho das funções de oficial superior, existem as seguintes cadeiras: — Estatística, Economia Política, Direito Penal, Direito Administrativo, Criminologia, Criminológica e Organização, Técnica e Tática de Bombeiros.

Além desses cursos regulares, existem outros que funcionam de acordo com a necessidade da instrução.

Entre eles, poderemos citar: — o que prepara soldados e graduados para o Serviço de Fiscalização de Trânsito; o que treina os componentes das guarnições de Rádio Patrulha; o de Polícia Florestal; o de Guarda Rodoviária; e o que seleciona e instrue a Polícia de Choque.

Os elementos da Força Pública, que compõem os Destacamentos Policiais espalhados pelo interior do Estado, recebem instrução adequada de policiamento, ministrada pelos respectivos comandantes, que, por sua vez, já fizeram o Curso de Instrução Policial para graduados, nos quais são obrigatoriamente matriculados todos os sargentos, inclusive os artifices e especialistas.

Para oficiais, funcionam cursos da mesma natureza, onde aulas de todos os ramos do Direito, de Criminológica de Medicina Legal, de Cri-

minologia, de Polícia Política e Social, de Investigação e Prática Policial, e de Organização Policial, são ministradas por professores capazes.

Não são poucos os oficiais da Força Pública formados em Direito e grande é o número daqueles que freqüentaram o Curso de Especialização de Direito Penal que, sob o patrocínio da Ordem dos Advogados, funcionou na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1950 e 1951.

Oficiais da Corporação são mandados a países estrangeiros para colher ensinamentos e aperfeiçoar seus conhecimentos. Nêstes últimos tempos, na Real Polícia Montada do Canadá no Corpo de Carabineiros do Chile, na Gerdarmeria Francesa, nos Serviços de Bombeiros de Paris e de Nova Iorque e na Polícia Rodoviária de Ohio, estagiaram oficiais nossos.

Conta a Força Pública, para melhor e mais racional desempenho de suas tarefas, com um regulamento onde estão normalizadas as atribuições de todos os postos da hierarquia em todos os ramos de policiamento.

#### Execução do Policiamento

Daremos, agora, uma idéia da organização da Força Pública, e alguns dados numéricos do que ela fez de policiamento em 1951.

Seu efetivo, de 12.218 homens, está distribuído pelas seguintes unidades:

#### Na Capital

**Quartel General** — Séde do Comando, dos Órgãos de Direção e Fiscalização.

**Batalhão de Guardas e Batalhão «Tobias de Aguiar»** — destinados às guardas de honra e continências,

guardas de edifícios públicos e presídios, policiamentos extraordinários, inclusive de campos de futebol, diligências. Essas unidades são ainda uma reserva na mão do Comando para atender a qualquer emergência, quando então suas atribuições normais são executadas pelo pessoal dos Serviços. Um exemplo disto, de grande envergadura, temos no deslocamento total do então 1.º B.C., hoje B.T.A., para Santos para ocupar as docas perturbadas por uma greve geral de 1945.

**2.º Batalhão de Caçadores** — distribuído por circunscrições policiais da capital do Estado e 58 destacamentos policiais.

**Regimento de Cavalaria** — tem a seu cargo o policiamento a cavalo e hipomotorizado da Capital e de diversas cidades do interior do Estado.

**Batalhão Policial** — unidade com organização especial para o policiamento de Trânsito, Rádio Patrulha, Escoltas e Capturas, Choque e Policiamento Urbano.

**Diversos Serviços e Departamentos** — cuidam do aprovisionamento em fundos, fardamento, armamento, equipamento e materiais diversos; das obras e reparos de prédios; da assistência jurídica e social, médica e odontológica, das transmissões e dos transportes.

**Centro de Formação e Aperfeiçoamento** — unidade-escola, onde funcionam todos os cursos da Corporação, para oficiais, sargentos, cabos e soldados.

**Escola de Educação Física** — que cuida do preparo físico dos homens.

**Corpo de Bombeiros** — que se encarrega da extinção de incêndios e de salvação em casos de acidentes ou catástrofes em São Paulo, com um destacamento em Jundiaí e outro em São Carlos.

### No Interior

**3.º B.C.** — sediado em Ribeirão Preto, fornecendo destacamentos policiais para 64 cidades das Delegacias Regionais de Polícia de Ribeirão Preto, Casa Branca, e Barretos. Tem ainda um Destacamento de Bombeiros.

**4.º B.C.** — localizado em Bauru, com 71 destacamentos policiais nas Regionais de Polícia de Bauru, Marília e Araçatuba.

**5.º B.C.** — em Taubaté, fornecendo 39 destacamentos policiais para as Regionais de Polícia desta cidade e Guaratinguetá. Encarrega-se ainda da guarda da Penitenciária Agrícola e do Presídio da Ilha Anchieta.

**6.º B.C.** — em Santos, fornecendo policiamento para a 7.ª Divisão Policial do Estado, policiamento geral em Santos e ainda 14 destacamentos policiais.

**7.º B.C.** — sediado em Sorocaba, fornecendo 63 destacamentos policiais para as Delegacias Regionais de Polícia de Sorocaba, Botucatu e Assis.

**1.ª Cia. Ind.** — em Mogi das Cruzes, com 8 destacamentos policiais.

**2.ª Cia. Ind.** — em São José do Rio Preto, com 20 destacamentos policiais.

**3.ª Cia. Ind.** — em Presidente Prudente, com 19 destacamentos policiais.

4.ª Cia. Ind. — em Araraquara, 16 destacamentos policiais, e 1 de Bombeiros, na séde.

1.ª Cia. Ind. de Bombeiros — em Santos, empregada na extinção de incêndio nessa cidade e no serviço de salvação, inclusive de práias.

#### Unidades especiais

##### Capital e Interior

Cia de Policiamento Rodoviário — faz o policiamento e guarda de nossas estradas.

Cia de Policiamento Florestal — encarrega-se da guarda e preservação de nossas reservas florestais e de fazer observar o Código Florestal do Estado.

Núcleo de Paraquedistas — que com o tempo se transformará numa companhia, especializada em salvação, serviço de bombeiros, socorros de urgência e polícia de choque, para ser empregada quando fôr impossível por premência de tempo ou dificuldade de comunicação, empregar tropas terrestres.

Em 1951, empregou a Fôrça Pública no policiamento da Capital 389.283 homens-hora; no interior, distribuídos por 369 municípios e 758 distritos, 11.014.991 homens-hora.

A Companhia de Policiamento do Trânsito do Batalhão Policial, aplicou 41.339 multas, arrecadando para o Estado Cr\$ 1.971.340,00, A Companhia de Policiamento de Rádio Patrulha, da mesma unidade dos setores: Belém, Brás, Campos Eliseos, Casa Verde, Ipiranga, Jabaquara, Moóca, Penha, Praça José Roberto, Rua Tuiuti, Santana e Vila Maria, atendeu a 27.401 ocorrências.

A Companhia de Policiamento Florestal, em 108 diligências, num total de 6.869 horas, empregou 72.270 homens-hora.

A Companhia de Policiamento Rodoviário, que mantém o policiamento em nossas estradas, aplicou 42.522 multas, num total de Cr\$ 2.482.570,00.

##### Policiamento Geral do Estado

Na execução de sua missão precípua tem a Fôrça Pública, empregando todos os seus meios, quer nas funções de vigilância e garantia da Ordem Pública, quer na garantia da L.O., da segurança das Instituições e do exercício dos Poderes Constituídos.

Existem falhas, não resta dúvida, porém, decorrentes em grande parte da falha de um efetivo maior para corresponder às necessidades sempre crescentes do nosso Estado.

Para comprovar tal afirmativa basta um retrospecto da situação do Estado em relação aos efetivos da Fôrça Pública nos últimos 30 anos.

Nosso batalhão tem a seu cargo o policiamento das zonas de 3 Delegacias Regionais de Polícia, num total de 63 destacamentos. Faz ainda o policiamento de Trânsito em Piracicaba, Jaú, Mogi-Mirim, Araras, Amparo, Americana, Itapira, Socorro e São Paulo. Em diversas outras cidades faz a segurança da Fiscalização da Secretaria da Fazenda, inclusive Campinas, com 4 postos em funcionamento, num total de 12 soldados.

No momento há entendimento, entre o Comandante do 8.º B.C., e

o Delegado Regional de Polícia desta cidade, para o emprêgo do pessoal burocrático do batalhão, na falta de outro disponível, no policiamento por meio de «comandos» que em horas e dias incertos baterão a cidade, de modo a não possibilitar ambiente para os contraventores da lei. Esse sistema de policiamento, está provado, é o que surte maior efeito e é mais econômico em pessoal. O seu desenvolvimento de surpresa, é um fator de segurança e eficiência.

A dotação pelo 8.º B.C., prevista para o policiamento de Campinas e seus distritos, é de 60 homens, e esse efetivo é mantido completo sempre que possível, concorrendo ainda o batalhão com elementos da séde da unidade para os serviços de policiamento de futebol, praças desportivas, escoltas e guardas de presos e outros mais, inclusive extraordinários, atendendo mesmo, às vèzes, com prejuizo de seu serviço interno, os pedidos da Delegacia Regional de Polícia, para tais casos.

E' certo que irrisória é a dotação de 60 homens para o policiamento de uma cidade como Campinas, mas com a ajuda que o batalhão está disposto a dar, com seus elementos burocráticos, empregados judiciosamente em «Comandos» que batam os focos da malandragem e os lugares onde se agrupam os contraventores da Lei, Campinas terá sossêgo e policiamento. Se tivéssemos efetivo pa-

ra colocar em cada quarteirão um policial, o policiamento seria perfeito, porém, para isso, o batalhão inteiro não chegaria, para policiar esta cidade sòmente.

Pensamos ter mostrado conscienciosamente, que a Fôrça Pública faz policiamento e que seus homens são instruidos para fazê-lo.

Mostramos ainda a nossa boa vontade para assegurar, com os meios que temos, um policiamento à altura desta cidade. Nossa missão, porém, é de execução, não nos cabe a decisão de, como fazer, quando fazer e de que modo fazer o policiamento.

Pedindo aos nossos amigos da imprensa escusas pelo tempo que lhes roubamos com nossas descoloridas palavras, pedimos também que continuem sempre como intérpretes do povo que nos critiquem quando isso for necessário, para que possamos, evoluindo, servir melhor nossa terra e nossa gente.

A honra que nos deram hoje, com esta visita, fica gravada, em nossos corações, e aceitem nossos cordiais e simples, porém sinceros agradecimentos.

A Fôrça Pública e o 8.º B.C., tem sempre suas portas abertas à Imprensa e ao Rádio, que são mesmo companheiros nossos nas lutas diárias. Onde está a polícia, está o repórter. E mais de uma vez o sangue dos dois correu, irmanado pelo mesmo ideal — **SERVIDOR DO POVO.**

---

Democrácia não quer dizer “eu sou igual a você”, mas sim, “você é igual a mim”.

James Russel Lowell

# O Salto nas Trevas

*Reportagem do cap. Bento B. Ferraz*

**E**STA nossa reportagem objetiva contar — especialmente aos policiais-militares do Brasil — a história da participação dos elementos da Fôrça Pública de São Paulo, como integrantes voluntários da «Caravana de Solidariedade», na busca dos destroços do «President», tombado no coração das selvas brasileiras.

Como preâmbulo, porém, vamos esclarecer aos leitores a origem do núcleo de paraquedistas da Corporação. No decorrer do ano de 1949, em harmonia com o programa de aprimoramento técnico da Fôrça Pública, encetado pelo Comando Geral da época, surgiu a idéia da criação de uma Companhia Policial Aero-

Transportada, justificada pelas seguintes razões, entre outras:

- possibilidade de pronta e eficaz intervenção policial em ocorrências que pudessem pôr em risco a ordem e a segurança interna, em qualquer ponto do Estado, sem a necessidade de manter grandes e dispendiosos efetivos nos destacamentos do interior;
- absoluta rapidez e eficiência no combate a bandos criminosos, dada a facilidade de reconhecimento e a grande mobilidade de ação;
- garantia de imediato reforço de destacamentos policiais,



Grupo dos paraquedistas da Fôrça Pública fotografado no dia de sua chegada a Piau, Goiás. Falta o cap. Djanir Caldas.



#### AINDA EM PIAUS

Os paraquedistas se preparam para o memorável salto. Reparem-se que, entre as coisas preciosas que aqueles heróis levaram consigo figura o Pavilhão Auri-Verde.

caso as circunstâncias (ameaças de greve com reflexo na ordem social, acirradas disputas eleitorais, ânimo popular exaltado, etc.) aconselhassem a medida; e

— a certeza de pronto auxílio às populações regionais do Estado, em casos de calamidade (enchentes, falta absoluta de comunicações, etc.).

Como se vê os argumentos eram convincentes.

Entretanto, como já corresse o ano de 1950, a criação da Companhia Policial Aero-Transportada só se efetivaria em 1951, através da Lei de Fixação dos efetivos para esse ano. Mas, ante tão assinaladas vantagens de ordem pública, urgia concretizar a medida desde logo, adotando providências práticas que a estruturassem. Entre estas surgiu como inadiável a que assegurasse a instrução completa de paraquedismo a cada elemento recrutado para o novo órgão, pois, como é óbvio, a possível falta de campos de pouso

e a inacessibilidade de regiões passíveis de ação impunham essa previsão. E a matrícula dos candidatos em escolas de paraquedistas não se fez esperar. Daí, a origem do primeiro núcleo de paraquedistas da Força Pública do Estado de São Paulo.

Dada esta ligeira explicação, voltemos ao objetivo principal — a participação daqueles na expedição que desceria no local onde caíu o avião da P.A.A., em pleno Inferno Verde.

Todos conhecem os antecedentes do fato: desaparecimento da gigantesca aeronave, apreensão do povo brasileiro, desespero dos familiares das vítimas, exaustiva e pertinaz ação das autoridades aeronáuticas até a localização dos destroços do avião nas selvas do Brasil. Após minuciosas investigações técnicas, como foi amplamente divulgado pela imprensa, a convicção estarrecedora: nenhum dos 50 passageiros sobreviveria à catástrofe.

Face a essa conclusão entenderam os técnicos da companhia ame-



No local dos destroços do "President".

ricana e acertaram com as autoridades aeronáuticas que não se justificava arriscar mais vidas com a tentativa de levar a efeito uma operação de paraquedistas. Assentou-se, então, o emprêgo de expedição completa para, com o máximo de segurança, atingir, por terra, o local da catástrofe. A execução da missão, através matas e pantanais hostis à ação do homem, naturalmente, além

de apresentar riscos de toda ordem, impunha largo período de tempo.

Nessa altura e diante da definitiva decisão é que se organiza em São Paulo a «Caravana da Solidariedade Humana» que revive a capacidade de improvisação, a fibra, a bravura e o heroísmo dos Bandeirantes. Patrocinada e organizada pelo dr. Adhemar de Barros, chefiada pelo deputado estadual Juvenal Lino de

PIVO DE UM ASSUNTO MUITO DISCUTIDO E DISCUTIVEL

O americano Scott Magness, com seu periquito, fotografado a bordo do "Catalina" que o transportou a Belém.





*Para que esta marca esteja em*

## **BOAS MÃOS**

*pagamos o que custa o serviço!*

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada voo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em todas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?,

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

### **AEROVIAS BRASIL**

R. Libero Badaró, 320

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

## **AEROVIAS BRASIL**

PAHAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos



Os elementos que constituiram a "CARAVANÀ DA SOLIDARIEDADE HUMANA" foram recepcionados pelo seu patrocinador e organizador, o sr. Ademair de Barros, em cuja residência foi tomada esta foto.

Matos e tendo como chefe de operações o cel. José Ribamar de Miranda, compôs-se a Caravana de paraquedistas do Aero-Clube e da Fôrça Pública de São Paulo, todos voluntariamente. Os nomes desses homens intemeratos que realizaram façanha digna dos fastos da História Pátria, praticando feito considerado impossível, são estes: cap. Djanir Caldas, sgt. José Nestor dos Santos, sds. José Lopes de Lima, Severino de Aquino Vaz, Francisco Silva Filho, Ivonofre Fernando de Souza e Raimundo dos Santos Silva, da Fôrça Pública; José Guilherme Saes, Oliveira Júnior, Júlio Kosakevic, Osvaldo Pinto, José Santos Gravonski, Otávio Marques de Almeida e Waldemar Pelacani, da Escola de Paraquedismo de São Paulo.

E os brasileiros viram partir a caravana, ansiosos pelo seu destino, de certa forma incrédulos da possibilidade da empresa e temerosos do

fracasso da expedição. Mas, dentro de poucas horas e alvigeira notícia que empolgou nossos patrícios e assombrou o mundo: nos dias 10 e 11 de maio os treze paraquedistas heróicos haviam saltado em plena selva, nas proximidades do local onde tombou o «President». E, superando qualquer expectativa, o cap. Djanir Caldas, que jamais vira de perto um paraquedas, num exemplo edificante para o policial-militar do Brasil, se lança ao abismo para não abandonar seus homens! Gesto heróico que há de ser recolhido à Fôrça Pública de São Paulo — uma das pioneiras da aviação no Brasil — a fim de figurar ao lado de outros e especialmente do feito do cel. João Negrão, na travessia do «Jaú», como modelo e para satisfação e orgulho dos homens de amanhã.

Depois, a jornada de sofrimento através picadas em plena selva e a transposição de pantanais; o ingente



### RETORNO A CIVILIZAÇÃO

Os paraquedistas, ainda chefiados pelo dep. Lino de Matos, chegam à Paulicéia, desembarcando em Congonhas.



O dep. Juvenal Lino de Matos ofereceu, num dos restaurantes do centro, uma feijoada aos componentes da Caravana. Vêem-se, no último plano, além daquele parlamentar, o ten cel. dr. Erlindo Salzano, vice-governador do Estado, e o cel. Eleuterio B. Ferlich, presidente da "Aerovias Brasil".



### EXPRESSIVO FI- NAL DE UM FEI- TO HERÓICO

O sargento Nestor recebe, das mãos do sr. governador Lucas Garcez, a medalha comemorativa do magnífico feito bandeirante. Vêm-se ainda o sr. Asdrubal Cunha, chefe do Legislativo paulista e o sr. Ademar de Barros.

trabalho no preparo do campo de pouso, a luta com meio adverso, a incerteza do abastecimento. Finalmente o local dos destroços do avião e o compungimento de todos frente ao quadro dantesco. Após a chegada das autoridades oficiais cumpriram os paraquedistas as deliberações que aquelas tomaram.

Agora, finda a missão, por impossibilidade de transporte, impõe-se penosa marcha para alguns componentes da Caravana. E o cap. Djanir, após orientar a retirada de materiais em perigo, com o sgt. Nestor e sd. Lopes, enceta a caminhada, revivendo todos as épicas façanhas das Bandeiras. É a fibra de aço, o espírito altaneiro e o coração sensível marcando rumos à nacionalidade!

De volta, no campo de Congonhas e em outras oportunidades, o povo, a imprensa e o rádio de São Paulo receberam e homenagearam, condignamente, os heróicos componentes da «Caravana de Solidariedade Humana».

N. da R. — Esta reportagem continuará com o registro das homenagens que o Clube Militar prestou ao cap. Djanir Caldas e aos

outros valorosos milicianos paulistas, no dia 9 de agosto, nos luxuosos salões do «Trocadero», à qual, como convidados especiais, compareceram o dep. Juvenal Lino de Matos, chefe da Caravana, o comandante Martinez, representando o cel. Eleutério Brum Ferlich, presidente da «Aerovias», a quem coube em grande parte a responsabilidade e o êxito da expedição, e o cel. José Ribamar de Miranda, diretor geral de instrução da Fôrça.

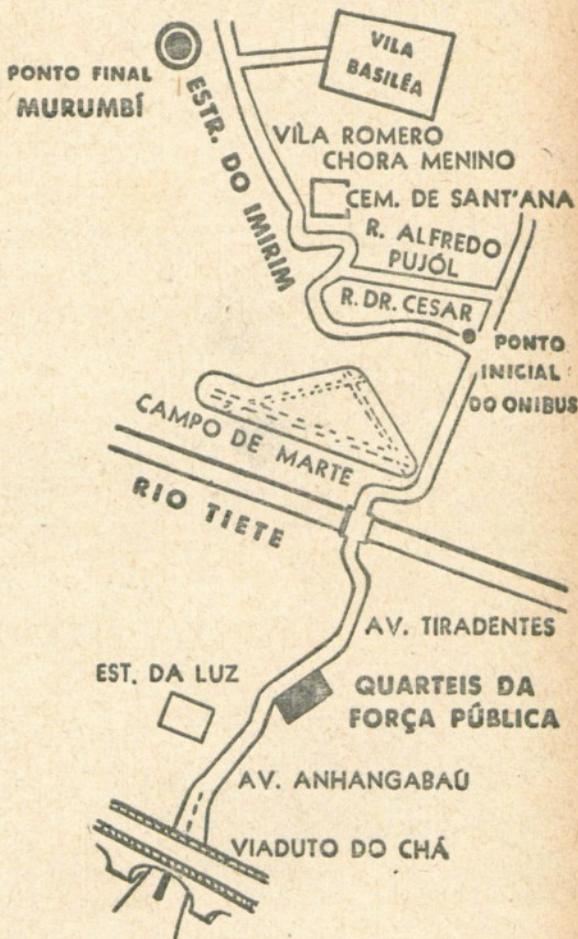


MILITANO -

seu terreno ideal está no -

# IMIRIM

- SANTANA -



Próxima aos quartéis da Força Pública, Vila Basiléa é a grande oportunidade para os componentes dessa brlosa corporação militar que aneiam por sua casa própria!

**LOTES A PARTIR DE  
CR\$ 750,00 MENSAIS**

Ruas Largas — No ponto final do ônibus - Loteamento perfeito, com luz, aprovado e registrado de acôrdo com o decreto-lei 58.

**CORRETORES NO PONTO FINAL DO ÔNIBUS**

VENDEDORES EXCLUSIVOS

## SAACLA

ADMINISTRAÇÃO PREDIAL

Rua Benjamin Constant, 122

— 14.º and. —

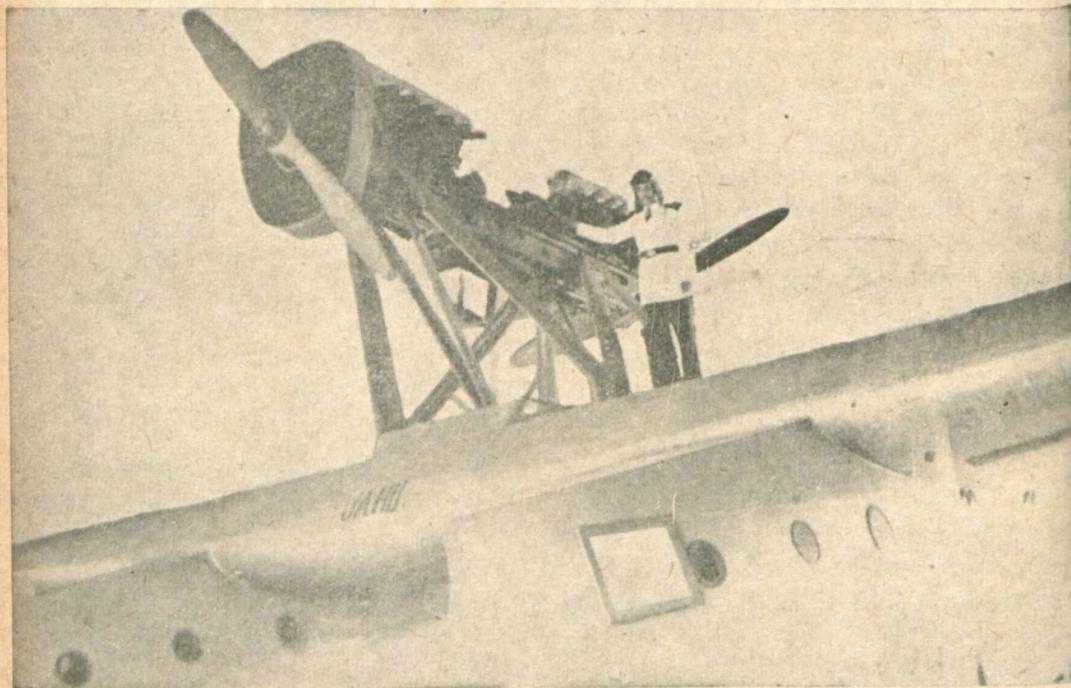
Tel. 33-5594

# À EPOPEIA DO «JAHU»

*Ten. Hildebrando Chagas*

Foi no dia 1.º de agosto de 1927 que São Paulo, sob as mesmas emoções que sacudiam todo o povo brasileiro, assistiu à efetivação de um dos mais arrojados feitos aviatórios de todos os tempos.

bôjo, um punhado de bravos que a Pátria, fervorosamente, reverenciava; na sua vitória tão duvidada, glórias que a Nação recebia para a maior afirmação seu alto conceito junto à comunidade universal.



João Negrão e o histórico "Jahu"

Naquele dia, precisamente às 14 horas, deslizava nas águas da repêsa de Santo Amaro, em amerissagem perfeita, o já glorificado "Jahu". No seu

Estava escrito, por brasileiros, mais um admirável capítulo na história da aeronáutica. Aquela travessia do Atlântico, da forma por que nos fala a crô-

nica, subrepujou em perícia e coragem tôdas as realizações anteriores. Sós, inteiramente abandonados à própria sorte, tendo apenas o incentivo da vontade firme de vencer para mais projetar o nome da Pátria apreensiva, os quatro bravos venceram o escárneo dos céticos, afrontaram a dúvida da máquina e dominaram, ante a estupefação de todo o mundo, as vastidões do oceano.

Se para nós aquela vitória significou o maior feito da aviação brasileira, para o mundo valeu como contribuição expressiva ao desenvolvimento da ciência embrionária.

João Ribeiro de Barros, Newton Braga, João Negrão e Vasco Cinquini,

idealistas que a história jamais olvidará, firmaram o prestígio da nacionalidade, então já alto por força dos rasgos de genialidade que caracterizaram as realizações de Santos Dumont, Augusto Severo e Bartolomeu de Gusmão.

25 anos nos afastam do dia memorável. Dos heróis, apenas dois, nestes dias, comungam com a Pátria das honras advindas do feito extraordinário: o brigadeiro do ar Newton Braga, e o coronel da nossa Força Pública, João Negrão. Não há duvidar, porém, que a história projete no tempo os nomes daqueles que, rasgando o espaço em arrancada épica nos doaram, glorificando a nossa aeronáutica, a epopéia do "Jahu".

Medidas  
**LYSOFORM "PRIMO"**  
para a saúde

UMA MEDIDA NUM  
LITRO D'ÁGUA



Contra as frieiras e o suor dos pés, misture duas tampinhas de Lysiform Primo, por litro de água morna: mergulhe os pés durante alguns minutos — cura em poucas vezes, desodoriza e deixa uma inconfundível sensação de bem-estar.

1. Ação imediata 2. Não venenoso
  3. Não mancha 4. Não irrita 5. Odor de limão verde 6. Antifermmentativo
  7. Antipútrido 8. Desodorizante
- Mórno é ainda mais ativo.

**LYSOFORM** "Primo"

— Antisséptico e Desodorante Mundialmente Conhecido

PANAM - Casa de Atômico



# Comemoração do XX aniversário

Realizou-se, no dia 12 de julho, nos salões do "Trocadero" e com a presença de inumeras figuras da sociedade paulista, significativa cerimônia cívica, em comemoração ao vigésimo aniversário da "Revolução Constitucionalista".

Dirigida pela professora Laura De La Monica, e com a colaboração va-



iosa da professora Julieta Antunes e sua equipe de visionistas, desenvolveu-se interessante parte artística, consagrada inteiramente ao "folclore" paulista.

Em seguida, o senhor cel. Odilon Aquino de Oliveira, presidente do Clube Militar, recapitulou, num rápido escôrcço, as fases emocionantes da luta travada pela constitucionalização do Brasil.

Com a palavra, Guilherme de Almeida, o príncipe dos poetas paulis-

tas dec'lama o fulgurante poema de sua lavra "Terra" da qual apresentamos êste trecho:

*"Na sua rede sòzinha  
de índia moça Ela repousa!  
e no seu sonho adivinha  
as alvas naus em que vinha  
Martim Afonso de Souza.*

*E no ar frio, alto e grisalho,  
todo de névoas ligeiras,  
acorda, linda de orvalho,  
aos passos de João Ramalho  
reboando entre cordilheiras.*

*Olha: e o olhar estupefacto  
vê ajoelhada uma silhueta:  
e a sua carne de mato  
tôça estremece ao contacto  
dos joelhos magros de Anchieta.*

*Feitros, bôtas, tropelias...*

*Parte a "bandeira". E Ela espera  
(quantas noites? quantos dias?)  
Borba Gato, Fernão Dias.  
Raposo, Amaro, Anhanguera...*

*Vão todos... Há espinhos, finas  
traições na rosa-dos-ventos?  
Que importa! Abrem selvas, minas.  
trazem-lhe ouro e turmalinas  
nos dedos sanguinolentos".*

*E, certa vez, delirante,  
entrecabe, cheia de orgulho.  
a trincheira — a bôca amante —  
para o beijo fecundante  
do voluntário de Julho.*

*Depois, maguada, ela enterra  
nas chagas que a martirizam  
os heróis mortos na guerra:  
e essas feridas, na terra,  
nunca mais se cicatrizam.*

.....

Levanta-se, novamente, o presidente do Clube Militar para ofertar um capacete ao insigne poeta, cuja palavra e ação se notabilizaram naqueles dias do movimento.

Essa oferenda, simbolizando a Revolução Constitucionalista, era, de outro lado, o reconhecimento pela cooperação do homenageado à campanha de assistência social, levada a efeito na Corporação.

Agradecendo, pronunciou o dr. Guilherme de Almeida, a seguinte oração:

*"Meus amigos do Clube Militar da Fôrça Pública, meus irmãos de alma e de armas:*

*A dádiva inestimável, que ora recebo de vossas generosas mãos, é um sagrado símbolo: um símbolo de São Paulo. Porque êste capacete representa, na rija tèmpera do seu aço, a nossa rija tèmpera. Èle é a nossa Resistência. Vêde: — incorruptível, não o carcomeu, em vinte anos de exposição a tôdas as intempéries, a ferrugem do inte-êsse, da vacilação, da transigência, da indiferença, do esquecimento...; coroado de espinhos, na nossa pseudo-*

*derrota, contra a metálica dureza da sua calota embotaram-se, quebrando-se, todos os acúleos que em vão tentaram feri-lo...; nas frentes, que o cingiram, nunca se desenharam as curvíneas rugas horizontais da hesitação e do temor, mas somente os altivos vincos verticais da vontade e do brío...*

Soldados da Fôrça Pública de São Paulo: — Foi ao vosso comando que eu, simples soldado raso de um simples batalhão civil, fundido na tropa sob o glorioso cáqui de 32, aprendi a ser mais Paulista ainda, se possível, do que eu era, quando, pela primeira vez, uma noite, me deitei no suco de uma trincheira rasgada entre duas cordilheiras: e aí me sentí criancinha entre os dois seios maternos... Lá em cima, entre as ásperas alturas das terras do Mar e da Mantiqueira, no "front" arfentoso de Cunha, eu soube que, na vigilante retaguarda, aqui, dois durísimos golpes vos haviam duramente feido: a bomba brutal que, a 16 de julho, arrazara o Quartel General da Fôrça Pública; e, a 23, a morte heróica do vosso grande comandante coronel Marcondes Salgado, e do capitão José Marcelino. Não vos abateram — eu vi! — os dois estúpidos impactos iniciais, batendo e ricocheteando na cúpula de aço da vossa Resistência. E sob esta, até hoje, vinte anos decorridos, sois os mesmos, paullistissimamente os mesmos.

A um poeta confiais, agora, a custódia dêste símbolo: dêste capacete de 32. Que poderá êle fazer, senão depositar sob esta invulnerável redoma de aço puro a intocável pureza de todos os seus sonhos!"

Sob calorosas palmas findou-se essa parte do programa, iniciando-se o baile.

# VISITANTES ILUSTRES



No Quartel General da Fôrça Pública

Estiveram em São Paulo, no mês de julho, como hóspedes oficiais da Fôrça Pública, o cap. Washington Baquero e o 1.º ten. Hector Jacome, do Exército Equatoriano, 1.ºs tens. Carlos Jorge Fretes Dávalos e Andrés Rodrigues, do Exército Paraguai, e cap. Líbero de Camilo, da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.

São, êsses ilustres oficiais, alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, E.B. Atendendo a um delicado convite do cel. Euriale de Jesus Zerbini, vieram até esta capital, a fim de conhecer a Fôrça Pú-

blica, estudar sua organização e plantar os alicerces de uma confraternização entre militares estaduais do Brasil e dos exércitos das duas nobres e generosas repúblicas irmãs e amigas.

Acompanharam os visitantes, do Rio de Janeiro a S. Paulo, o major Arrisson de Souza Ferraz e 1.º ten. Manoel de Souza Chagas, nossos companheiros da Fôrça Pública, que também cursam a Escola de Aperfeiçoamento, da Vila Militar.

O cel. José Ribamar de Miranda, Diretor Geral de Instrução, entusiasmado desse intercâmbio auspicioso que



Na redação de "Militia".

se inicia ,organizou um programa de visitas que muito agradou àqueles ilustres oficiais.

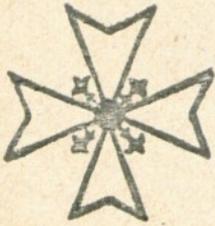
O Clube Militar da Fôrça Pública, através de dois importantes órgãos — Colônia de Férias de S. Vicente e revista «Militia» — também foi honrado com a visita dessa luzida embaixada militar. Na Colônia foi ela homenageada com um almoço, presidido pelo ten. cel. dr. Brasil Cococci, vice-presidente da nossa entidade social, ocasião em que foi saudado pelo major dr. Laerte de Moraes, vice-presidente da Câmara Municipal de Campinas. Falou em nome dos visitantes, agradecendo a acolhida e revelando o seu contentamento pelo que vinha observando, o ten. Carlos Dávalos, do Exército Paraguai.

Manifestaram o seu encanto pela nossa capital, seu progresso surpre-

endente, e pela carinhosa acolhida que lhes dispensou a nossa centenária corporação. Tiveram palavras de exaltação à eficiência e ao grau de apuro da instrução policial-militar da Fôrça Pública ,cuja organização classificaram de modelar. Deixaram, por nosso intermédio, calorosa saudação à Fôrça Pública, de envolta com os melhores agradecimentos pela cativante hospitalidade recebida.

Os visitantes estiveram hospedados no Batalhão de Guardas, onde o cel. Guilherme Rocha os cumulou das mais fidalgas atenções.

A Fôrça pôs à disposição dos visitantes os tens. Luiz Felipe Peçanha e Carolino Xavier de Araujo, que se incumbiram da execução do programa elaborado pela Diretoria Geral de Instrução.



## A Cruz Azul

festejou seu 27.<sup>o</sup>

aniversário

**D**IA 28 de julho celebrou a Cruz Azul de São Paulo o seu 27.<sup>o</sup> aniversário de fundação. Do programa comemorativo, da grata efeméride para todos os que militam na caserna bandeirante, destacamos a solenidade levada a efeito, pela manhã, no Ambulatório da Cruz Azul, sito na rua Jorge Miranda, 789. Nessa oportunidade foi agraciado, solenemente, com o título de sócio «Benemérito» da Instituição, o dr. José da Silva Coelho, que durante quinze anos, como verdadeiro apóstolo, prestou inestimáveis serviços à organização assistencial sonhada e concretizada pelo cel. Pedro Dias de Campos e um pugilo de velhos oficiais idealistas.

Foi justa e oportuna a homenagem prestada ao dr. Silva Coelho, pois, sendo civil, ao se retirar do corpo médico da Cruz Azul, por motivo de saúde, nada quis pleitear junto à Justiça do Trabalho, o que já tem acontecido com outras pessoas menos altruístas. Abriu mão, portanto, de qualquer vantagem pecuniária que os três lustros de bons

serviços prestados a uma organização hospitalar, poderiam proporcionar-lhe. Naquela ocasião, declarou que assim procedia por considerar a alta finalidade da Instituição, qual seja a de prestar assistência à família dos componentes da Força Pública.

Entregando o título honorífico, fa'ou pela diretoria da Casa, o seu presidente, cel. José Ramos Nogueira, o qua', num feliz improviso, soube patentear aos presentes as altas qualidades profissionais e o singular espírito humanitário daquele a quem, todos ali reunidos, prestavam sincera homenagem. Seguiu-se com a palavra o cel. Manoel Augusto Baltazar, administrador do Hospital e Maternidade da Cruz Azul, historiando o que tem sido o caminho palmilhado pela organização criada há mais de um quarto de século, com a finalidade altamente meritória de prestar assistência à família daqueles que se dedicam a preservação da ordem pública, asseguradora da prosperidade incomparável do Estado líder da Federação. Lembrou as fases difíceis pelas quais passou a Cruz

Azul, períodos esses que foram superados graças à fibra inquebrantável dos que neste longo período de tempo estiveram nos seus postos de direção. Interpretando o sentir dos funcionários do Ambulatório falou o maj. Pimentel, conhecido e consagrado orador do Clube dos Oficiais Reformados e da Reserva da Força Pública, que, em felizes e significativas palavras enalteceu o ato de justiça da diretoria da Cruz Azul concedendo ao dr. José da Silva Coelho o diploma de sócio «Benemérito». Fo-

ram tais as emoções que assaltaram o íntimo do homenageado que este sentiu a voz embargada e não teve palavras para agradecer o preito que lhe era prestado então. Terminando a solenidade o cel. Baltazar convidou os funcionários do Ambulatório para se confraternizarem com os seus colegas do Hospital e Maternidade Santa Maria, num almôço comemorativo a realizar-se nos altos da colina da avenida Lins de Vasconcelos.



**PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS**

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
MAIS BARATO!**

#### APOTEOSE DA DISTRAÇÃO

O ex-ditador grego, general Metaxas, inspecionando fortificações no Mediterrâneo, foi convidado, pelo comandante de uma base, a experimentar um novo tipo de avião.

— Obrigado. Eu próprio vou pilotá-lo, — disse o general. Assim foi, e correu tudo bem, até o momento em que o comandante notou que estavam voando em direção a um aeroporto, preparando-se para aterrizar. Observou então: "Com licença, general; seria melhor o sr. se dirigir para o mar, porque este é hidro ...".

— "Ah, sim, naturalmente! Que idéia, a minha!" — exclamou o general distraído. Mudou a direção do aparelho, e desceu no mar sem dificuldade, dizendo então ao comandante: "Quero agradecer-lhe cordialmente, e nunca hei-de-me esquecer da delicadeza com que o sr. chamou minha atenção para o erro incrível que eu quase cometi".

Mal proferiu essas palavras, abriu a porta do avião... e desembarcou dentro d'água.

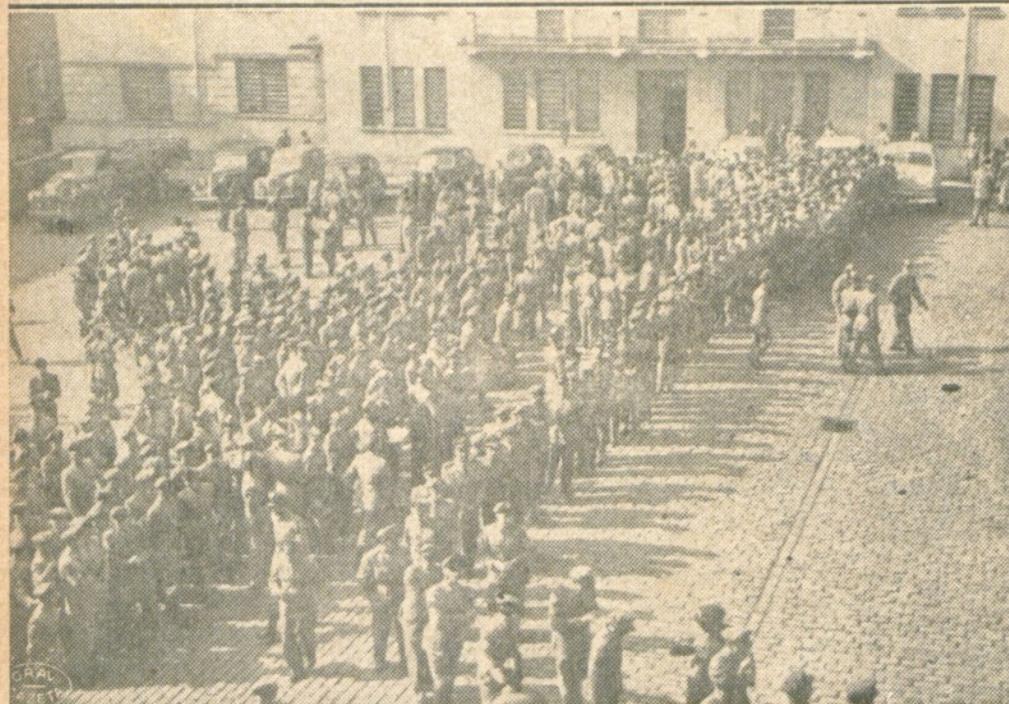
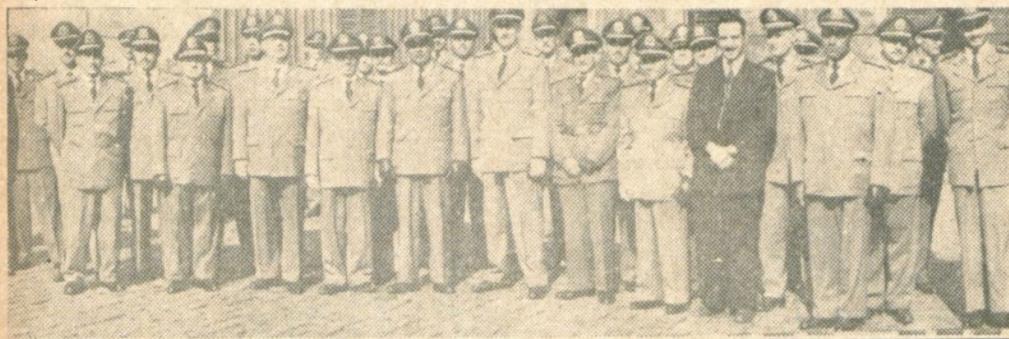
# PÁSCOA DOS MILITARES

## NA CAPITAL E NO INTERIOR

Como tem acontecido nos últimos anos, os elementos católicos da Força Pública tomaram parte na Páscoa dos

Militares. Esse ato de religião foi bastante concorrido, quer nesta capital, quer no interior.

Grupo de oficiais presentes e aspecto geral da concentração no momento em que era servida a merenda.





Instantâneo durante o ato levado a efeito num dos alojamentos do 7.º B.C.

Em São Paulo a concentração dos participantes teve lugar no quartel do Corpo de Bombeiros, onde lhes foi oferecida uma refeição após a comunhão.

Sorocaba comemorou idêntica solenidade, tendo concentrado os comungantes, oriundos também de outras corporações, no quartel do 7.º B.C.

---

## NOVA BAIXA DE MEDICAMENTOS!

Dihidro estreptomina, 1 grama .....	Cr\$ 12,00
A.C.T.H. 40 miligramas .....	Cr\$ 160,00
Cortone Merk, 40 comprimidos .....	Cr\$ 560,00
Cortone Merk injetável .....	Cr\$ 270,00
Banthine, 100 comprimidos .....	Cr\$ 200,00
Terramicina, 16 cápsulas .....	Cr\$ 200,00
Wycillin, 400.000 unidades .....	Cr\$ 25,00

Remetemos pelo reembolso postal — Entregamos a domicílio.  
Pedidos e venda, a BIO-MEDICALS LTDA. Rua dos Estudantes, 25  
Tel. 36-7915 — Caixa Postal 6350 — São Paulo

# ECOS

## DOS ACONTECIMENTOS DA ILHA ANCHIETA

**E**M junho último sangrentos acontecimentos abalaram a Ilha Anchieta, com a inesperada e brutal rebelião de detentos recolhidos ao

Presídio ali localizado. Os fatos foram ampla e minuciosamente noticiados pe'a imprensa do país. Sanguinários, inflamados por crimino-



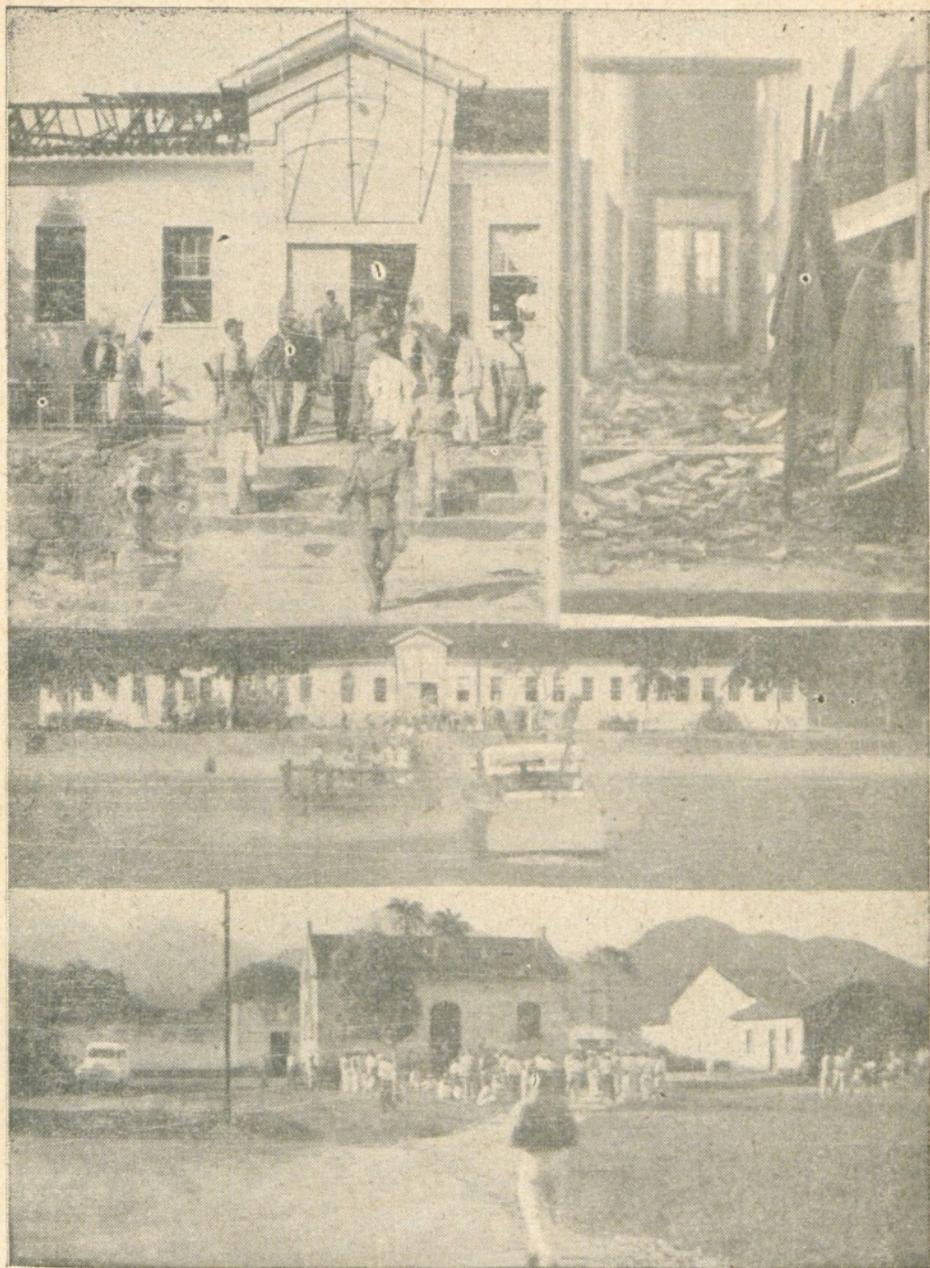
O tenente Valdemar Indalecio acompanha a remoção de um preso ferido.



Mais feridos são removidos para o continente, em lancha.



A lancha "Iperoig", conduzindo detentos recapturados.



Ao alto: detalhe do pavilhão de administração e um aspecto do almoxarifado, reduzido a escombros pelos detentos; ao centro, o mesmo pavilhão central visto do mar; em baixo, detalhe do interior do quadrado.

ões de periculosidade extrema, muitos presidiários levaram aos lares da bucólica Ilha o pânico, o pavor, a destruição, a miséria, o luto!

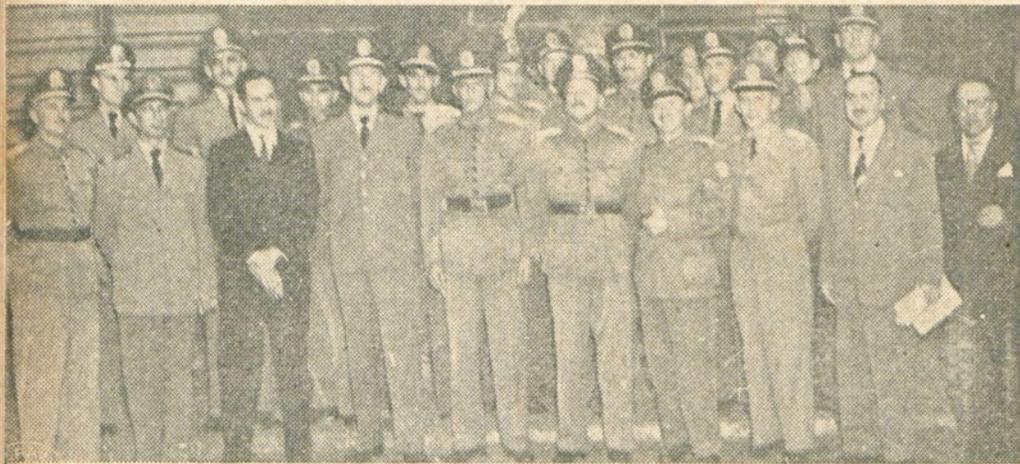
O vandalismo caracterizador das ações criminosas então realizadas nos aconselha a relegá-las a completo olvido, de modo a que não constituam exemplo a novos transviados da ordem social, mormente porque, por motivos que a Sociologia investiga, o número de tais indivíduos aumenta dia a dia.

Fique a dolorosa experiência como página negra da história de nosso sistema penitenciário; e, das conclusões do inquérito realizado aproveitem-se, criteriosamente, os ensinamentos decorrentes.

Por óra lamentamos profundamente a morte daqueles que se expuzeram em holocausto ao cumprimento do dever, prestando às nossas praças, vítimas da sanha de bandidos e quiça da incúria de alguma autoridade, as mais comovedoras homenagens, inclusive amparando com o maior desvelo, moral e materialmente, as famílias cujos chefes desapareceram em defesa do organismo social. Dessa maneira conclamar-se-á, mais uma vez, a oficiais e praças da Força Pública para que, especialmente em situações difíceis, tenham alevantado espírito público e correspondam, mesmo com risco de vida, à confiança depositada pela sociedade em nossa Corporação.

---

## REUNIÃO CORDIAL



Vários oficiais foram promovidos no Corpo de Bombeiros. O feliz acontecimento foi festejado com o oferecimento de um coquetel na séde da uni-

dade. Graças à gentileza de "A GAZETA", "Militia" apresenta aos seus leitores êste flagrante da cordial reunião.

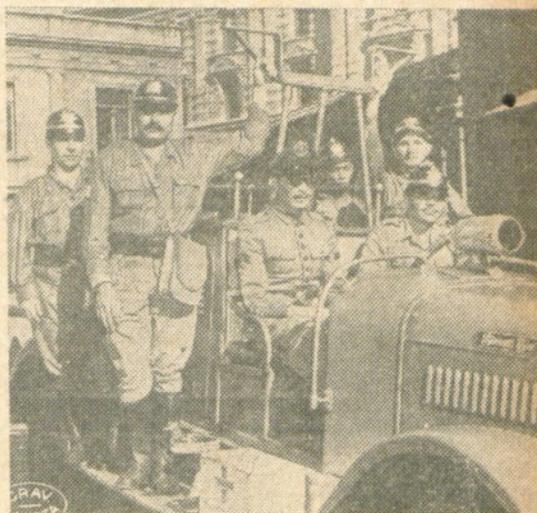
# POSTOS DE SALVAÇÃO

## EM INTERLAGOS E EM ELDORADO

Prosseguindo em sua nobre missão de zelar pela vida dos paulistas, nosso Corpo de Bombeiros acaba de instalar, nesta Capital, dois postos de salvação em praias balneárias:

O primeiro cuja instalação se deu no mês de junho coube à concorrida praia de Interlagos e o segundo instalou-se em Eldorado, em agosto.

Ao lado a equipe de Eldorado e, em baixo a de Interlagos, com as respectivas viaturas.



APARELHA-SE O CORPO DE BOMBEIROS

# NOVOS CARROS MODERNOS, PARA INCÊNDIO

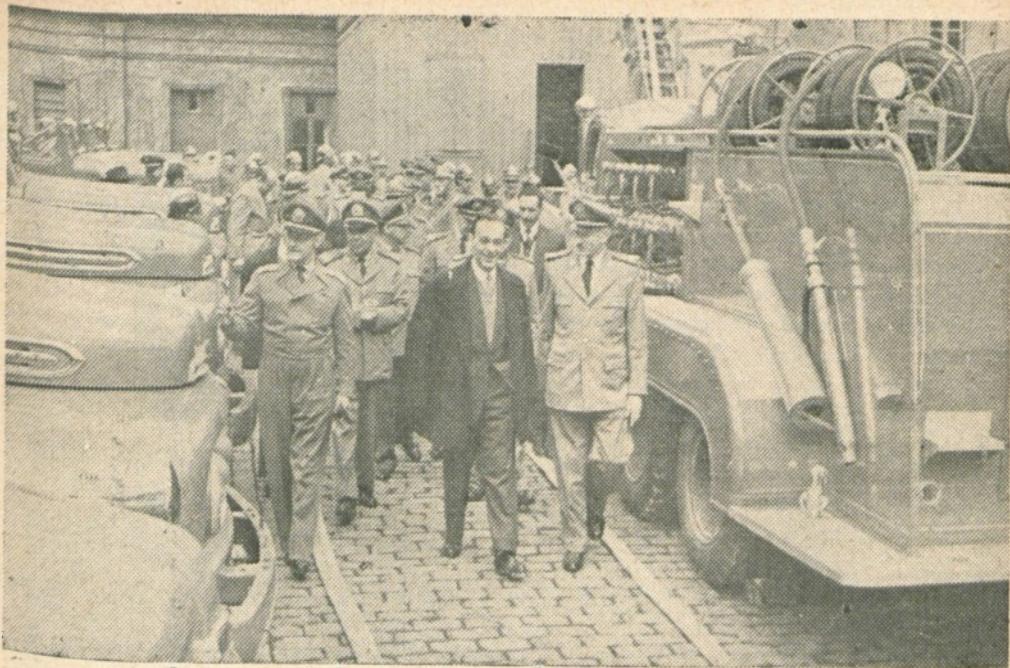
(Gentileza de "A GAZETA").



Os novos carros, no pátio do C.B.

O atual comandante do Corpo de Bombeiros, tenente-coronel Augusto Ferreira Machado, dando curso ao programa de seu antecessor no sentido de melhorar o equipamento da unidade, conseguiu a entrega de modernos carros que, por certo, muito irão contribuir

para o bom desempenho das nobres missões atribuídas aos soldados do fogo. Após a chegada dos veículos, procedentes dos EE. UU., foram encaminhados ao Serviço de Transportes e Manutenção da Força Pública, onde foram devidamente equipados para seus mistérios específicos.



As novas unidades mobilizadas de combate às chamas são visitadas pelas autoridades

A solenidade de entrega, que teve lugar no quartel do C.B., compareceram o secretário da Segurança Pública, comandante geral da Fôrça, presidente da Câmara Municipal, representante do prefeito da Capital, comandantes de corpo e chefes de serviço da Fôrça Pública.

Foi demonstrado aos presentes o funcionamento das novas unidades de combate ao fogo e uma equipe de bombeiros deu combate a um incêndio simulado.

A presente aquisição incorporou ao C.B. os seguintes carros: 3 auto-bombas, com capacidade para 500 galões por minuto; 2 auto-tanques com capacidade para 6.000 litros; 1 auto-transposte; 1 auto-iluminação com gerador, refletores e exaustor.

## Homeopatia FIEL

### A SAÚDE NO LAR

À venda em todas as farmácias do Brasil

Uma das mais perfeitas e modernas organizações homeopatas do Brasil. Sob a direção técnica do farmacêutico

**J. Almeida Cardoso**

**R. Roberto Simonsen, 78**  
(Antiga R. do Carmo)

— SÃO PAULO —

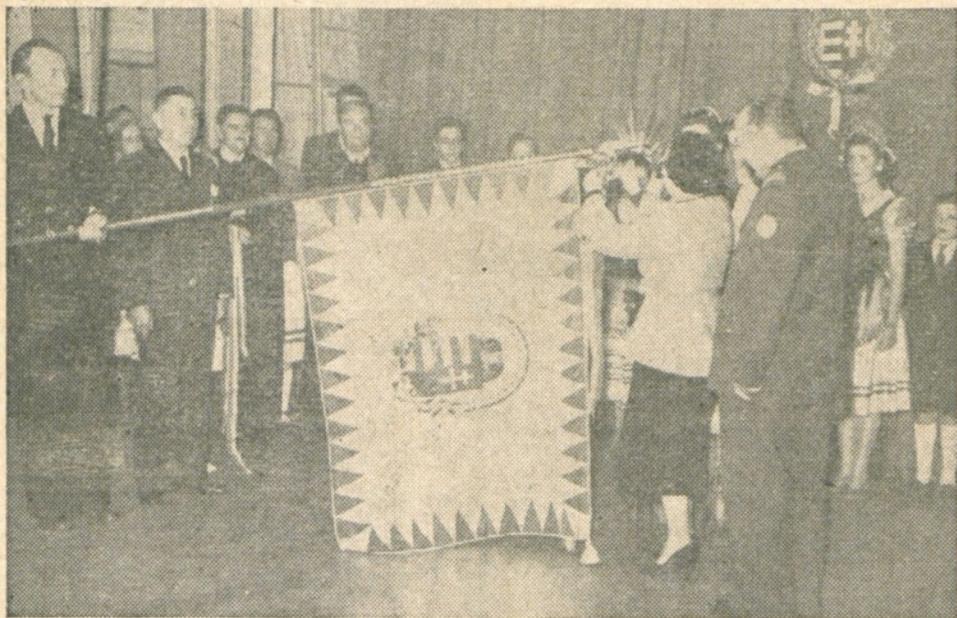
# Reunião artístico-cultural

Na noite de 21 de junho último, no auditório do Instituto de Educação "Caetano de Campos", a associação Cultural e Beneficente São Ladislau, — entidade presidida pelo dr. Luiz Tolosa O. Costa e que congrega brasileiros e húngaros da colônia aqui radicada, especialmente ex-combatentes da última guerra — promoveu uma reunião artística e cultural. Do ato constou um discurso inaugural pelo sr. Paulo Hodosy, ex-general do exército magiar, danças folclóricas executadas por senhoritas vestidas a caráter e a cerimônia da entrega do estandarte da sociedade, feita pela respectiva madrinha, exma. sra. Adelaide Quadros, dd. espôsa do cel. João de Quadros, inspetor administrativo da F.P., especialmente convidado para patrono daquele ato.

Ao lado: uma das senhoritas que abrilhantaram a reunião. Em baixo: a sra. cel. João de Quadros põe no estandarte as fitas simbólicas da amizade húngaro-brasileira.



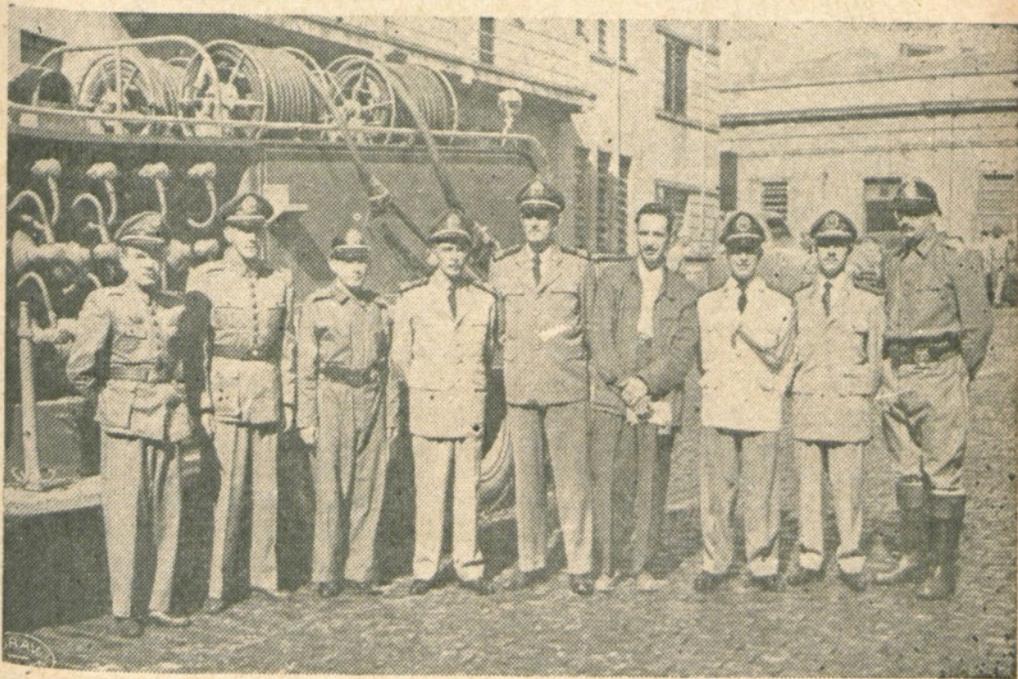
(Gentileza de "A GAZETA").



# VISITA DA CO-IRMÃ GOIANA

A Fôrça Pública de São Paulo recebeu a visita da co-irmã goiana, na pessoa de seu comandante geral, coronel Valdemar Bitencourt Souza. O chefe dos milicianos de Goiás, acompa-

palestra com o comandante, ten. cel. Augusto Ferreira Machado, e demais oficiais. Não faltaram as clássicas demonstrações de extinção de incêndio simulado, tendo entrado em cena até



Grupo formado no pátio do C.B., tendo ao centro o comandante da unidade e à sua direita o coronel comandante da P.M. de Goiás.

nhado pelo tenente Brasil Coury, também daquele Estado, percorreu nossos quartéis e outras repartições de nossa Capital.

Uma das visitas que mais interesse despertou nêsse ilustre visitante foi a que fêz ao quartel do Corpo de Bombeiros, onde se demorou em amistosa

as famosas escadãs "MAGIRUS". O visitante percorreu as dependências do quartel, observando os aparelhos de alarme cujo funcionamento lhe foi explicado por oficiais da unidade. A recepção no gabinete do comando não faltou o tradicional "cafêzinho", símbolo da hospitalidade bandeirante.

# DESPEDIDA DO CAP. DELÍDIO



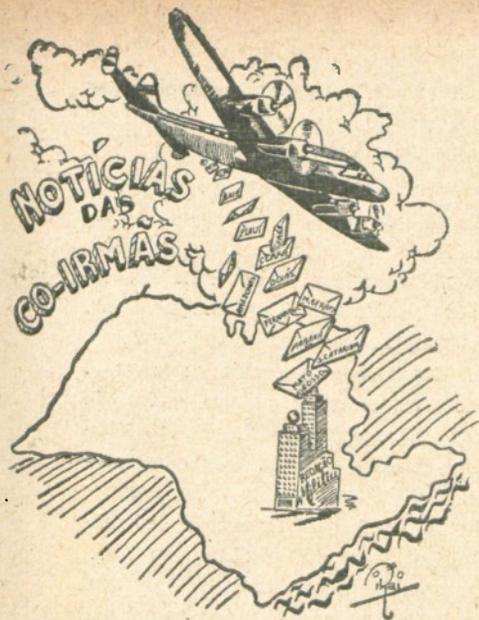
Despediu-se de S. Paulo, o cap. Delídio. Oficiais da Fôrça levaram o abraço de despedida ao brilhante oficial cearense que, embora permanecesse por um curto período em S. Paulo, deixou grande número de amigos. Os oficiais do Batalhão Policial habituaram-se ao convívio com o camarada que diàriamente comparecia à unidade e participava do «cafèzinho». Possuido de rara simpatia, entrosou-se de tal modo na vida da Unidade que sua partida foi sentida como se um dos nossos tivesse sido transferido para terra distante.

O 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues, cuja visita a «MILITIA», em companhia do cap. Delídio, já noticiamos, seguiu para seu estado natal bastante na frente de camaradeiro. Dizem que não se acostu-

mou com as filas e atropelos de São Paulo e que o clima o recebeu pouco «calorosamente».

Esperamos que os rigores de nosso clima e as correrias dos paulistas sejam logo esquecidos por esses companheiros e que eles se lembrem de alguma coisa interessante para contar, a fim de podermos ter o prazer de noticiar numerosas visitas de camaradas de outros estados.

A foto que estampamos foi tomada no aeropôrto de Congonhas, onde aquêle camarada cearense embarcou, com a exma. espôsa, rumo à terra de José de Alencar. Os outros oficiais são da milícia bandeirante, que all foram levar o seu abraço de despedida.



## CEARÁ

### PROMOÇÕES

Foram promovidos: ao posto de ten. cel., os majores Manuel do Rêgo Falcão e Markan de Mattos Dourado; ao posto de major, os capitães Martinho Rodrigues Neto e Francisco Bento da Silva; ao posto de capitão, os 1.ºs tenentes — Mozart Tavres e Geraldo de Mattos Dourado; ao posto de 1.º tenente, os 2.ºs ditos Francisco Austregesilo Rodrigues Lima e Antônio Lisboa de Menezes.

No Serviço de Intendência, foram promovidos: ao posto de major, capitão e 1.º ten., respectivamente, o capitão Raimundo Pontes, 1.º ten. Miguel Eugênio Pereira e Antônio Ribeiro Mota.

### Nomeação de Delegados Especiais de Polícia

Foram nomeados Delegados Especiais nas comarcas de QUIXADA

e ITAPAGE, o cap. Roderico Couto de Alencar e 2.º ten. Moacir Lucena de Oliveira.

**Transferência de oficial para a reserva.**

Por decreto do sr. governador do Estado, foi transferido para a reserva remunerada da Corporação, o ten.-cel. Hermenegildo Cardoso da Cruz.

## MINAS GERAIS

### Efetivo para 1952

O efetivo da P.M. mineira foi fixado em 8.518 homens, distribuídos por:

- Comando Geral, Serviço de E.M. e Sec. de Material Bélico
- 10 B.C.M.
- Esquadrão de Cavalaria
- Dep. de Instrução e Quadro de Monitores de Ed. Física
- Serviço de Saúde
- Quadro Suplementar
- Justiça Militar

O pessoal assim se distribue:

- 4 coroneis
- 19 tenentes-coroneis
- 30 majores
- 91 capitães
- 107 primeiros tenentes
- 108 segundos tenentes
- 66 aspirantes
- 46 sub-tenentes
- 14 sargentos-ajudantes agregados
- 130 primeiros sargentos
- 261 segundos sargentos
- 585 terceiros sargentos

- 520 primeiros cabos agregados
- 835 cabos
- 5.301 soldados
- 98 primeiros sargentos músicos
- 67 segundos sargentos músicos
- 107 terceiros sargentos músicos
- 129 corneteiros-tamboristas

## SERGIPE

A Polícia Militar de Sergipe encheu-se de júbilo com a investidura altamente honrosa, do ten.-cel. Hermeto Rodrigues Feitosa, nas elevadas funções de secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, por Decreto do sr. governador do Estado. Trata-se ainda de um parlamentar que, com denodo, zêlo e boa vontade de trabalhar pela grandeza de sua terra, portou-se com destaque, na Assembléia Legislativa Estadual. Por duas vèzes esteve ali a serviço do povo, correspondendo plenamente à confiança que esse mesmo povo lhe depositou, elegendo-o e reelegendo-o, numa demonstração inequívoca da sua capacidade de trabalho na defesa dos interesses de sua gente. Integrou várias comissões daquele Legislativo e sôbre as mesmas sempre agiu com acêrto, dado o seu trabalho acurado, metucioso e ponderado, cujos pareceres traduziam a sua inteligência, a sua integridade moral. E, para melhor ratificação dessas considerações, vem de ser o mesmo nomeado, pelo chefe do executivo estadual sergipano, para desempenhar a árdua função de secretário da Fazenda, estando o sr. governador convicto de que terá um

auxiliar eficiente, pronto a colaborar com o seu govêrno à frente daquela Secretaria.

Por ocasião da posse do novel Secretário, esteve presente às solenidades, no salão nobre do Palácio do Govêrno, uma grande multidão, notando-se a presença do sr. governador, secretários da Justiça e da Segurança, autoridades civis e militares, pessoas outras, além de uma representação da Polícia Militar composta de oficiais e sargentos, que levou ao seu velho companheiro o abraço fraternal de felicitações, por intermédio do cap. Amintas Barreto Alves, que saudou, em breves palavras, o seu camarada em nome dos demais companheiros, dizendo-lhe da imensa satisfação de que estavam possuídos todos os componentes da Polícia Militar, por verem um seu companheiro investido em tão elevado cargo, ademais em se tratando de um caso até então inédito na Corporação a que pertencem.

Por êsse auspicioso acontecimento a Polícia Militar de Sergipe se congratula com o ten.-cel. Hermeto e a êle deseja muitas felicidades no seu novo setor de trabalho.

### PASSAGEM PARA A FESERVA REMUNERADA

Por decreto do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, passou para a reserva remunerada, o major Miguel Rodrigues Pereira.

### PROMOÇÕES

Também por decretos do sr. governador do Estado foram promovidos ao posto de capitão, os pri-

meiros tenentes Petronilo dos Passos Lima e Rosalvo Vieira de Melo, aquêle pelo princípio de antiguidade e éste pelo de merecimento.

## RIO GRANDE DO SUL

### Promoções de oficiais

Por decreto de 2 de julho, foram promovidos: ao posto de tenente-coronel, os majores Antônio de Mattos Ferreira, Ernani Ferraz Machado e Ildefonso Pereira de Albuquerque;

— ao posto de major, os capitães Luiz Rodrigues Cordeiro, Aramito Alves, João Lúcio Marques, Manoel Monteiro de Oliveira, Horizonte Luiz Fernandes e Dorival Muniz dos Reis;

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes Plínio de Figueiredo Pinto, Pio Müller da Fontoura, Samuel Franz Wagner, Octacilio Rodrigues da Silva, João Telles Sant'Ana, José Luiz da Silveira, Aparício Fernandes Costa e José Carlos de Souza Franco;

— ao posto de 1.º tenente, os 2.ºs tenentes Euclides Ferreira da Costa, Faustino de Vargas Zeilmann, Salvador Teixeira Sofia, Arduino Vargas Zamo, Péricles Corrêa Pujol, Nelson Bonoto e Afonso Weilausen Pôrto;

— ao posto de 2.º tenente, os aspirantes a oficial Riccieti D'Ávila, Cícero de Souza Dias, Procópio do Espírito Santo, Emílio João Pedro Neme, Walter Emilio Nique, José Antônio Machado, João Carlos de Oliveira Santos e Johnny Riograndense Linhares.

### Representação de «Militia»

O cap. Renato Moro Ramos, cuja promoção noticiamos no número anterior, em consequência de ter sido classificado no 4.º B.C., em Pelotas viu-se obrigado a deixar a representação d'êste órgão, em Pôrto Alegre, passando-a ao ten. Ernâni Pereira de Aquino. Aquêlê camarada, ao endereçar-lhe seus efusivos cumprimentos pelo ato do executivo gaúcho, «Militia» consigna também agradecimentos pela ação eficiente que desenvolveu junto aos seus companheiros, tudo fazendo para bem divulgar e prestigiar esta publicação. Todavia, o cap. Moro continuará como nosso representante em Pelotas o que, sem dúvida, é motivo de satisfação para nós.

### Oficial nomeado professor em escola normal

Por ato do sr. governador, foi nomeado professor de educação física na Escola Normal «Anes Dias», de Cruz Alta, o 1.º ten. Antônio Euclides de Alencastro.

### Serviço de bombeiros em Novo Hamburgo

O município de Novo Hamburgo vem de concertar com o governo estadual um convênio que assegura àquela comuna gaúcha um serviço de prevenção de incêndio e combate ao fogo. Obriga-se o Estado, através do Corpo de Bombeiros da Brigada Gaúcha, a manter ali uma guarnição de 18 homens com 2 auto-bombas, equipadas com todo o material necessário. Por outro la-

do, o município em apreço, além de transferir para o Estado o imóvel em que se instalou o destacamento, obriga-se a pagar a este anualmente, a importância de 450 mil cruzeiros.

### Esportes

O major Gerson Borges, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, após ter se saído ótimamente nos Jogos Desportivos Militares, realizados na capital da República, também obteve classificação para a sua inclusão na equipe que foi designada para representar o Brasil em Helsinque. Ao embarcar para o Velho Mundo, o major Gerson, com o coração voltado para a sua gente, endereçou o seguinte telegrama ao comando da milícia gaúcha:

«Ao deixar o solo pátrio envio antes camaradas nossa Força despedidas e segurança tudo farei sempre elevar nome Brigada Militar».

Realmente, êle cumpriu o que prometera, pois, antes mesmo de atuar em Helsinque, obteve, para as côres nacionais, magnífica vitória em Vichy. O gen. div. Armando Nestor Cavalcante, radicado em S. Paulo, relativamente à soberba atuação dêsse bravo cavaleiro, dirigiu ao cel. Venâncio Batista, comandante da Brigada Militar, a seguinte carta:

«Minhas efusivas congratulações à Brigada, pela vitória de Gerson Borges, em Vichy, França!

A êle coube a honrosa missão de fazer tremular a bandeirola da legendária lança de Osório no cam-

po de Vichy! Nosso antigo aluno do C.P.M., onde começou sob as vistas da capacidade e dedicação de Milton e Trois, a sua vitória brilhante é mais um punhado de flôres no túmulo da mocidade dêste seu velho camarada amigo que sempre e cada vez mais enaltece a obra do espírito avançado, de soldado e cidadão, que foi o velho Massot — o nosso C.P.M.!

Congratulemo-nos, pois, com tão bela vitória, em que competem ases e cavaleiros da velha e caduca Europa! Abraços e que viva sempre o C.I.M.!»

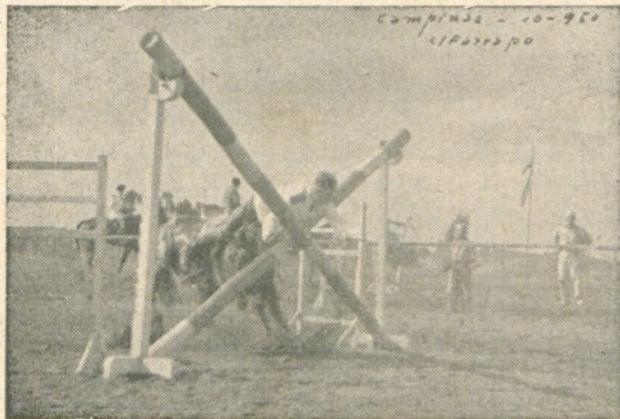
## RIO DE JANEIRO

### Comando da Polícia Militar

O major do E.B., Gerardo Lemos do Amaral, que comandava a P.M. fluminense comissionado no posto de coronel, solicitou dispensa da comissão, retornando às fileiras do Exército, por isso que foi substituído pelo major Pedro Romeiro Viana, também comissionado em igual posto. O major Lemos do Amaral, durante os catorze meses que conviveu com os milicianos de Castrito e Fonseca Ramos «pela delicadeza dos seus gestos, pela grandeza das suas atitudes e pelo interesse que demonstrou pelas coisas da Polícia Militar» é hoje considerado integrado «de corpo e alma na vida e nos corações» dos milicianos fluminenses, como bem afirmou o major Moacir Bogado, em sua oração de despedida àquêle ilustre comandante.

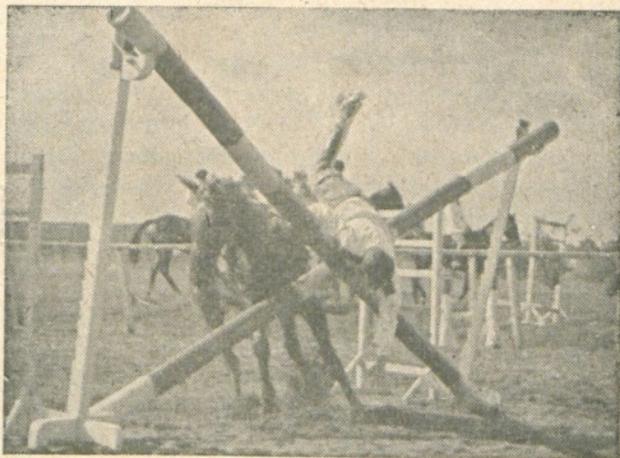
# Os campeões também caem

Dois tempos de uma queda espetacular do ten... no campo da Sociedade Hípica de Campinas.



1.º tempo: — O cavalo refuga. O cavaleiro “decola” da sela.

2.º tempo: — O cavalo “sai de banda”. O cavaleiro, sobre as barras, prepara-se para a aterragem.



3.º tempo: — Não foi apanhado. Ouvimos, depois, o cavaleiro dizer: — viram a “rodada” do meu cavalo?

# TIRO AO ALVO

## Troféu

«Prof. Lucas Nogueira Garcez»

Com as provas do VII Campeonato Paulista de Tiro ao Alvo será disputada a posse transitória do troféu «Prof. Lucas Nogueira Garcez» entre os clubes filiados à Federação Paulista, cujo calendário para esse certame está assim organizado:

**Dia 31-8-1952** — Pistola livre — 60 tiros — 50 m. Estande do Clube de Regatas Tietê.

**Dia 7-9-1952** — Carabina cal. 22 — 3 x 40 — 50 m. Estandes do Clube de Regatas Tietê e da Associação Desportiva Floresta.

**Dia 14-9-1952** — Tiro Rápido às Silhuetas - Estande do Clube de Regatas Tietê.

**Dia 21-9-1952** — Fuzil de Guerra — 3 x 20 — 300 m. Estande da Força Pública, no Barro Branco.

— Revólver cal. 32/38 - 60 tiros - 50 m. Estande de Tiro da A. D. Floresta.

**Dia 28-9-1952** — Carabina cal. 22 — 50/100 m. Estande do 8.º B.C. — Campinas.

Os resultados dessas provas servirão de base para escalar a Delegação representativa do Estado de São Paulo no Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo, que será realizado na semana de 4 a 12 de outubro do corrente ano, em Nova Friburgo (Estado do Rio de Janeiro), no Estande de Tiro da Sociedade Sans-Souci.

## «I Torneio Interclubes»

do Interior do Estado

A Federação Paulista de Tiro ao Alvo realizou, com excelentes resultados técnicos, o I Torneio Interclubes do Interior, cuja regulamentação foi cuidadosamente organizada pelo Cap. Jorge Mesquita de Oliveira.

**1.º Prova** — realizada em 23-III-1952, nas diversas localidades, sob direção dos respectivos presidentes dos Clubes. — Car. cal. 22 — 40 tiros a 50 m.

1.º lugar — Hugo Kluppel — C.T.A. Sorocaba, 396 pontos; 2.º — Afonso Alves Muniz — A. Moglana de T.A., 391; 3.º — Paulino Corradi — A. Catanduvense de T.A., 391.

**2.º Prova** — realizada em 27-IV-1952, nas sedes dos Clubes, fiscalizada por um delegado da F.P. T.A. — Car. cal. 22 — 60 tiros a 50 m.

1.º lugar — Paulino Corradi — Catanduva, 590 pontos; 2.º — Waldemar Castilho de Oliveira — Catanduva, 585 (27 x); 3.º — Afonso Alves Muniz — Mogí das Cruzes, 584.

**Equipe Vencedora:** — Associação Catanduvense de Tiro ao Alvo com os atiradores Paulino Corradi, Waldemar C. de Oliveira, Luiz Gonzaga Cardoso, Antônio Gutierrez e Atilio Anovazzi, com um total de 2.921 pontos.

**Flâmula da F.P.T.A.** De acordo com a respectiva regulamentação,

como prêmio por ter conseguido o maior número de atiradores com média superior a oito, nas provas do I Torneio Interclubes do Interior, o sr. Afonso Alves Muniz, diretor técnico da Associação Mogiana de Tiro ao Alvo, recebeu uma fâmula da Federação.

**Observação:** — O sr. Minoru Kozuki, atirador do Tênis Clube de Presidente Prudente, tomou parte na 2.ª prova desse Torneio, na rodada dos perdedores, tendo conseguido atingir a expressiva contagem de 585 pontos (31 x), resultando esse que o coloca em 2.º lugar, o que na ocasião não foi considerado pelo fato de ter a correspondência chegado com grande atraso.

#### Troféu «Bandeirantes»

Com a participação de 40 atiradores de quinze cidades do interior do Estado realizou-se, pela primeira vez, uma prova de tiro ao alvo junto aos demais esportes, em disputa do troféu «Bandeirantes»,

tendo sido a seguinte a classificação final:

**Equipes** — 1.º lugar — Cidade de Catanduva, 1.160 pontos; 2.º — Mogi das Cruzes, 1.152; 3.º — Sorocaba, 1.150; 4.º — São Simão, 1.149; 5.º — Santos, 1.138; 6.º — São José do Rio Preto, 1.107; 7.º — Campinas, 1.071; 8.º — Rio Claro, 1.053; 9.º — São Vicente, 1.053; 10.º — Campos do Jordão, 1.003; 11.º — Lucélia, 984.

**Obs.:** As cidades de Promissão, Araçatuba, Marília e Ribeirão Pires não apresentaram equipes com três atiradores.

**Individual:** — 1.º lugar Afonso Alves Muniz — Mogi das Cruzes, 390 pontos (18 x); 2.º — Paulino Corradi — Catanduva, 390 (13 x); 3.º — Antônio Teixeira Muniz — Mogi das Cruzes, 388; 4.º — Hugo Kluppel — Sorocaba, 387 (19 x); 5.º — Waldemar C. de Oliveira — Catanduva, 387 (17 x); 6.º — Hildo Benedito Machado — São Simão, 385.

(Gentileza da "Folha da Manhã")

Os três primeiros colocados



## Campeão o S. T. M.



Disputando o Campeonato Interno de 1952, o quadro de futebol do S.T.M., após brilhante jornada, vem de sagrar-se campeão invicto da Força Pública.

Foram os seguintes os resultados das partidas que disputou:

S.T.M. 6 vs. 2.º B.C. 1

S.T.M. 2 vs. S.M.B. 2

S.T.M. 4 vs. B.G. 1

S.T.M. 2 vs. S.I. 0

Chave de vencedores

S.T.M. 2 vs. 5.º B.C. 2 (o

S.T.M. venceu na prorrogação por 2 escanteios contra 1).

S.T.M. 2 vs. B.T.A. 0

Tendo-se em vista os números apontados, conclue-se que o S.T.M. apresentou o quadro mais técnico, pois enquanto a sua defesa foi a menos vasada, o seu ataque foi o mais realizador. No clichê, os valorosos campeões: Jacy — Iolando — Sebastião — Milton — Americano — Viana — Sabino — Cruz — Rezzaghi — Oliveira — Otacilio — Elias — De Paula — Benedito — Cândido.



### LOGOGRIFO EM PROSA

- 1 — Conta a fábula que certa raposa, desejosa - 5-1-3-3-4 de comer gostosas uvas, pendentes de uma videira, resolveu apanhar 4-2-1-3-3-1-3 algumas. Não podendo, botar-lhe a unha, 2-1-3-3-4 por estarem altas, retirou-se a murmurar:

— Não valem uma pequena moeda de cobre 2-1-5-4, não como fruta verde.

Con y tra

### CHARADA ANTIGA

- 2 — Um grito de dor, - 1  
 No peito de pedra, - 1  
 Sem nota de amor, - 1  
 Do índio, não medra.

Con y tra

### ENIGMA

- 3 — Nos jornais está por baixo  
 E por isso tem um pé.  
 Tira o pé e fica a roda.  
 Nada mais, sabe o que é ?

Z.B.D.U.

### CHARADA AUXILIAR

- 4 — + nistra = espécie de sopa italiana  
 + nes = o número impar.  
 + lamo = casamento.  
 + conceito = rascunho.

Josi

### CHARADAS SINCOPADAS

- 5 — O só, após muitos dias chuvosos, é agradável. 3-2

P. Rego

- 6 — O bêbedo é um individuo sem receio. 3-2

Silvoski

- 7 — Em um momento pode suceder coisa inacreditável. 3-2

- 8 — Palavras ocas não compram engaste de pedra preciosa. 3-2

Josi

### CHARADAS NOVISSIMAS

- 9 — A disciplina militar «não» é privilégio do soldado de milícias. 3-1.

Dr. Sabenada

- 10 — No estabelecimento do judeu, aquêlo do nariz grande, comprei um casaco leve de senhora. 2-2

Dr. Sabenada

- 11 — O porte de arma branca só é permitido ao individuo diligente. 2-2.

Silvoski

- 12 — Uma tira de couro amarrada no ventre é suficiente para prender a ave da familia dos pufínideos. 2-2.

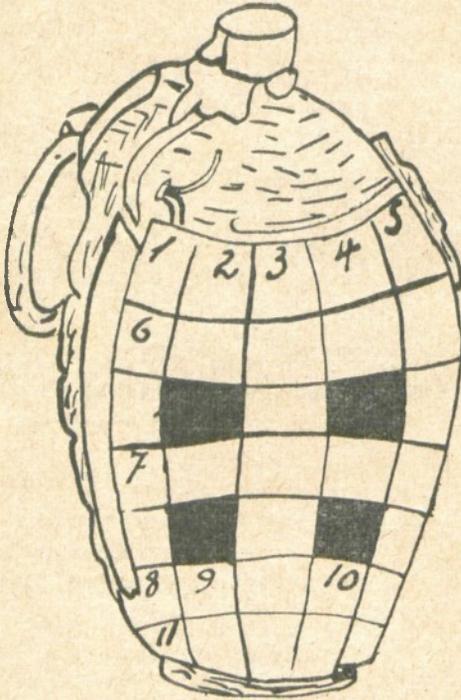
Josi

### CHARADAS CASAIS

- 13 — Cavalo malhado não come re-  
bento tardio da cana de açúcar. 2  
Josi
- 14 — Homem gordo não gosta de mu-  
lher gosselra. 3  
Alfeu
- 15 — O maltrapilho seguiu sem ru-  
mo. 2.  
Silvoski

### PALAVRAS CRUZADAS

(Problema granada paulista)



Rosa

— :: —

Horizontais: — 1 Pessoa perspi-  
cas. 6 - Trabalho noturno. 7 - Enfei-  
tar. 8 - Girai. 11 - Verbais.

Verticais: — 1 - Sôpro. 2 - Papa.  
3 - Pequena bomba. 4 - Contração  
(inv.). 5 - Relativos à sociedade. 9 -  
Sufixo designativo de agente. 10 -  
Pregulça.

### SOLUÇÃO DO N.º 27

1 - Diaulo. 2 - Galera. 3 - Ca-  
racara. 4 - Araboia. 5 - Pintado. 6 -  
Fadário. 7 - Patrono. 8 - Estalada.  
9 - Anuro - aro. 10 - Malícia - macia.  
11 - Registro - retro. 12 - Alvo-a.  
13 - Cava - o. 14 - rosa - asar. 15 -  
sogra - argos.

### PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: — 1 Alcandora. 9 -  
Mair. 10 - Irar. 11 - Amea. 12 - Mire.  
13 - Re. 14 - In. 15 - Alga. 17 -  
Rôdo. 19 - Coro. 20 - Oras. 21 - Osa.  
22 - Ida. 28 - Ou. 24 - Xe.

Verticais: — 1 Amaraco. 2 - La-  
meloso. 3 - Cie. 4 - Ararao. 5 - Dí-  
mero. 6 - Ori. 7 - Raridade. 8 - Are-  
nosa. 16 - Graus. 18 - Orixa.

Horizontais: — 1 - Baré, 2 - Ca.  
3 - Reaver. 4 - Caniço. 5 - An. 6 -  
Asas.

Verticais: — 1 - Orço. 2 - EA.  
3 - Acanãs. 4 - Ravina. 5 - EC. 6 -  
Aros.

AESSE

Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros foi, na mocidade, apaio-  
xonado cultor do charadismo.

# O GUARANI TEÓRICO

*Cap. Adauto F. Andrade*

Seria demasiada pretensão nossa querermos, nestas rápidas lições teóricas, ensinar o tão complexo e difícil idioma guarani que, segundo nos disseram, tem a suavidade do italiano, a robustez do castelhano, os sons guturo-nasais próprios das línguas primitivas e um leve parentesco com o japonês e com as línguas malais. Usa inúmeros monossílabos, o que lhe dá alguma semelhança com o chinês, em que cada sinal e cada sílaba contém sua idéia própria.

Mas, o que para nós é certo é que nem mesmo o falamos corretamente para podermos nos aprofundar nas lições, embora não nos tenha faltado desejo e curiosidade suficientes para aprendê-lo. Acontece que, no Brasil, raras são as pessoas que realmente se interessam pelo estudo das línguas e dialetos relacionados com a nossa gente. Nem mesmo fontes de consulta se encontram ao nosso alcance, quanto mais professores para ministrar lições! E com o guaraní, principalmente, muito pouco se consegue sem o auxílio do mestre. Contudo, o que pretendemos deixar em nossas despreziosas lições, é apenas um pouco daquilo que, nuns tantos meses, no Paraguai, aprendemos prática e teóricamente, e porque não dizê-lo deficientemente. E este trabalho então, levará, na sua modéstia, apenas uma contribuição honesta, com a ajuda do "El Idioma Guarani", de P.A. Guash S.I., e um passatempo curioso aos leitores de "Militia".

## O ALFABETO

**D**E acôrdo com a orientação da sociedade «Cultura Guarany», o alfabeto guarani é formado de vogais e consoantes.

**VOGAIS:** a, e, i, o, u

Tôdas as vogais podem ter um som nasal, quando carregadas com um til.

A estas vogais pode-se acrescentar outros fonemas típicos do guaraní, tais como: y gutural e y gutural-nasal.

**CONSOANTES:** estas soam como em português e castelhano e são: k, m, n, ñ, p, r (ere), s, t.

São um pouco diferentes as seguintes: c, ch, g, h, v, y.

**Exemplos:** c, soa como ca, co. Não se usa c antes de e, i, y.

— ch, som quase idêntico ao ch inglês ou francês;

— g, soa como gue em português: ge, gi, gy, e pronuncia-se gue, gui, guy, — h, tem som aspirado e pode antepôr-se a tôdas as vogais. Sua pronúncia é mais firme que o j castelhano e iguala ao hache inglês;

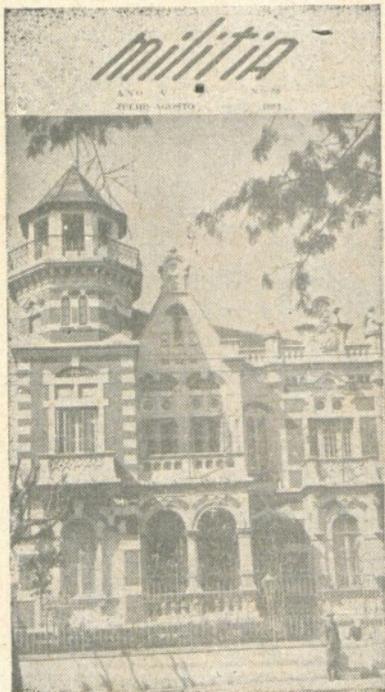
— v, soa como w alemão e é lábio-dental;  
 — y, tem o som parecido com o ch castelhano e je francês; pode proceder a tôdas as vogais inclusive ao y gutural.

«Cultura Guarany» considera inexistente o b labial e o d línguo-dental, senão nos grupos nb e nd seguidos de vogal.

Não se empregam as letras seguintes: f, j, l, ll, q, rr, w, x, z.

#### CURIOSIDADES

Guarani	Japonês	Aimará	Português
amá	amé	umé	chuva
ari	ari (masu)	ari	sôbre — sim
MitâcuerA	kodomoRá	—	meninos
oyoyá	oyaso	—	parecido
(i) táí	itái	—	picante - doloroso.



#### NOSSA CAPA

A  
 SÉDE ATUAL  
 DO  
 COMANDO GERAL  
 DA  
 FÓRÇA PÚBLICA